



**FACULDADE DE LETRAS**  
**UNIVERSIDADE DO PORTO**

**FILOMENA TERESA LARANJA DE MESQUITA GUIMARÃES**

**2º Ciclo em Mestrado de Ensino em História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino  
Básico e do Ensino Secundário**

**QUE EXPECTATIVAS PARA O PROFESSOR DO SÉCULO XXI?**

**2014**

**Orientador: Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves**

**Co-orientadora: Professora Doutora Elsa Maria Teixeira Pacheco**

**Classificação: Ciclo de Estudos:**

**Dissertação/relatório/Projeto/IPP:**

**Versão Definitiva**

*Não acredito que o propósito da vida seja «a Felicidade». No meu entender, o propósito da vida é sermos úteis, responsáveis e compassivos. Acima de tudo, o propósito da vida é sermos, de alguma forma, importantes, batermo-nos por uma convicção, marcarmos uma diferença pelo simples facto de termos vivido.*

LEO C. ROSTEN

## Agradecimentos

Ao longo deste *incomparável* e *inesquecível* caminho, longo, *intenso*, solitário e muitas vezes ausente de sentido, foram algumas as pessoas, que por uma ou outra razão, o tornaram mais *curto*, compartilhado e *cheio* de sentido. A estas pessoas *únicas*, expresso o meu sincero agradecimento, apreço e louvor.

Ao Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves que se revelou incansável na orientação e no estímulo, para que o trabalho fosse pautado pelo rigor e para que o meu empenho não se esvanecesse. Agradeço, a partilha do seu enorme saber, da sua vasta experiência e da sua vasta cultura.

A todos os alunos, das três turmas do 3º Ciclo do Ensino Básico, com que trabalhei, ao longo do ano letivo 2013-014, na Escola Secundária Inês de Castro e com os quais consegui aprender muito sobre como estruturar e implementar uma metodologia de ensino baseada na *metacognição*.

Aos meus caros colegas de Núcleo de Estágio que me aturaram ao longo de todo este ano letivo e com quem partilhei todas as minhas angústias e alegrias durante a *Iniciação à Prática Profissional*. Em especial, pela prestimosa amizade e espírito de entreatajuda.

A todos, que direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, tanto, com algum gesto de carinho, como com o seu conhecimento técnico e pessoal.

Por fim, mas sem forma de algum dia poder agradecer, aos meus queridos Pais, *in memorium*, pela Educação que me deram, a Educação que um dia, gostaria de transmitir aos meus pupilos: *aprender a aprender, aprender a fazer e aprender a Ser*.

A todos, enfim, reitero o meu apreço e a minha eterna gratidão.

Deixo, esta frase de Emmanuel Kant: "É no problema da Educação que assenta o grande segredo do aperfeiçoamento da Humanidade."

## Resumo

O presente trabalho procurou refletir sobre qual será o perfil ideal do *Bom Professor do século XXI*. Segundo, António Nóvoa (2013) “O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”.

Para Edgar Morin (2006) o trabalho pedagógico deve levar em consideração a interdisciplinaridade dos conteúdos, contextualizando e globalizando o conhecimento. É necessário promover a interligação dos conhecimentos das diferentes áreas de estudo para a compreensão da complexidade do mundo.

Philippe Perrenoud (2000), elenca as novas competências que são necessárias ao Professor, numa altura, em que a escolaridade obrigatória e a diversidade sociocultural são uma realidade nas escolas e ressalta a necessidade de lucidez profissional para gerir a sua própria formação e a tomada de decisões. Estes autores contribuíram para a construção do perfil ideal do Professor, do século XXI, na medida em que propõem competências novas ao Professor, para a solução dos problemas que se apresentam na Escola, inserida em realidades complexas, em contextos multidimensionais e multiculturais, de um mundo globalizado.

A metodologia utilizada foi o *Estudo de Caso*, através da aplicação de dois *Inquéritos por Questionário*, a alunos do 3º Ciclo de História e Geografia, da Escola Secundária Inês de Castro. Os resultados obtidos neste trabalho evidenciaram as representações dos alunos relativamente à temática em estudo, as quais confluíram, em especial, para o perfil de um Professor que alicerça as suas aulas, baseado num processo de ensino e de aprendizagem que tenha como fim último, uma aprendizagem significativa, onde o conhecimento seja construído sempre, em parceria com o próprio aluno, ou seja, *um aprender a aprender, um aprender a fazer e um aprender a Ser*.

### Palavras-Chave:

Educação, Professor, Ensino, Aprendizagem, Aluno

## **Abstract**

This study sought to reflect on what will be the ideal profile of the Good Teacher of the 21st century. According to Nóvoa António (2013), “Continuous learning is essential and focuses on two pillars: the individual as agent, and the school as place of permanent professional growth.”

For Edgar Morin (2006), pedagogical work should take into account the interdisciplinary contents, thus contextualizing and globalizing knowledge. It is necessary to promote the interconnection of knowledge from the different areas of study for understanding the complexity of the world.

Philippe Perrenoud (2000) lists the new skills that are required of the Teacher, in a time in which compulsory education and the socio-cultural diversity are a reality in schools and emphasizes the need for professional lucidity to manage his own learning and decision making. These authors contributed to the construction of the ideal profile of the Teacher of the 21st century, proposing new skills to the Teacher, in order to be able to solve the problems that arise in schools today, set in complex realities, in multidimensional and multicultural contexts of a globalized world.

The methodology used was the Case Study, through the application of two Surveys by Questionnaire to 3º Ciclo students of History and Geography of Inês de Castro High School. The results of this study indicated the students’ representations regarding the topic under study, which converged especially on the profile of a Teacher that carries out his classes based on the teaching and learning process that has as its ultimate aim a meaningful learning, where knowledge is always built in partnership with the student himself, ie a learning to learn, a learning how to make, a learning to Be.

### Key-words:

Education, Teacher, Teaching, Learning, Student

## Índice Geral

- Epígrafe .....	i
- Agradecimentos .....	ii
- Resumo .....	iii
- Abstract .....	iv
- Índice Geral.....	v
- Índice de gráficos .....	vii
- Índice de quadros .....	xi
- Índice de tabelas.....	xii
- Introdução .....	1
- <b>Capítulo 1 – Enquadramento Teórico</b>	
1.1 - Pertinência do Tema .....	3
1.2 - Perspetivas Teóricas .....	11
1.3 - Uma Visão Prospetiva da Educação em Portugal .....	26
- <b>Capítulo 2 – Enquadramento Metodológico</b>	
2.1 – Contextualização do Estudo: escola e amostra .....	36
2.2 – Tipo de Metodologia e suas Etapas .....	39

- **Capítulo 3** – Tratamento e Análise de Conteúdo

3.1 – Tratamento e Análise dos Dados .....	45
3.2 – Algumas Considerações.....	95
- Conclusão .....	97
- Bibliografia .....	99
- Anexos .....	103

## Índice de gráficos

- <b>Gráfico 1</b> - Habilitações Literárias do Pai dos alunos de Geografia – Turma C.....	47
- <b>Gráfico 2</b> - Habilitações Literárias da Mãe dos alunos de Geografia – Turma C.....	48
- <b>Gráfico 3</b> - Estatística das Habilitações Literárias do Pai e da Mãe dos Alunos – Turma C .....	49
- <b>Gráfico 4</b> - Habilitações Literárias do Pai dos alunos de História – Turmas F e G .....	50
- <b>Gráfico 5</b> - Habilitações Literárias da Mãe dos alunos de História – Turmas F e G.....	51
- <b>Gráfico 6</b> - Estatística das Habilitações Literárias do Pai e da Mãe dos alunos de História – Turmas F e G.....	52
- <b>Gráfico 7</b> - 1ª Caraterística: “...é o que me permite ter sucesso.”..	54
- <b>Gráfico 8</b> - 2ª Caraterística: “...é o que tenta convencer os seus alunos a gostarem da disciplina.” .....	55
- <b>Gráfico 9</b> - 3ª Caraterística: “...é o que tenta transmitir os conhecimentos utilizando os manuais escolares.” .....	55
- <b>Gráfico 10</b> - 4ª Caraterística: “...é o que utiliza as novas tecnologias.” .....	56



- <b>Gráfico 11</b> - 5ª Caraterística: “...é o que está atento às realidades atuais do conhecimento.” .....	57
- <b>Gráfico 12</b> - 6ª Caraterística: “...é o que lança desafios.” .....	57
- <b>Gráfico 13</b> - 7ª Caraterística: “...é o que delega a responsabilidade nos alunos.” .....	58
- <b>Gráfico 14</b> - 8ª Caraterística: “...é o que respeita e motiva os seus alunos.” .....	59
- <b>Gráfico 15</b> - 9ª Caraterística: “...é o que transforma a aula num momento de aprendizagem significativa.” .....	60
- <b>Gráfico 16</b> - 10ª Caraterística: “...é o que adapta o conhecimento a transmitir aos seus alunos.” .....	60
- <b>Gráfico 17</b> - 11ª Caraterística: “...é o que simplifica o que aos olhos dos alunos parece complexo.” .....	61
- <b>Gráfico 18</b> - 12ª Caraterística: “...é o que dialoga e orienta os seus alunos.” .....	62
- <b>Gráfico 19</b> - 13ª Caraterística: “...é o que promove a autonomia e aprendizagem ativa.” .....	63
- <b>Gráfico 20</b> - 14ª Caraterística: “...é exigente e autoritário.” .....	63
- <b>Gráfico 21</b> - 15ª Caraterística: “...é justo nas avaliações esclarecendo os critérios usados.” .....	64
- <b>Gráfico 22</b> - 1ª Caraterística: “...é o que me permite ter sucesso.” .....	66
- <b>Gráfico 23</b> - 2ª Caraterística: “...é o que tenta convencer os seus alunos a gostarem da disciplina.” .....	67

- **Gráfico 24** - 3ª Caraterística: “...é o que tenta transmitir os conhecimentos utilizando os manuais escolares.” ..... 68
- **Gráfico 25** - 4ª Caraterística: “...é o que utiliza as novas tecnologias.” ..... 69
- **Gráfico 26** - 5ª Caraterística: “...é o que está atento às realidades atuais do conhecimento.” ..... 70
- **Gráfico 27** - 6ª Caraterística: “...é o que lança desafios.” ..... 71
- **Gráfico 28** - 7ª Caraterística: “...é o que delega a responsabilidade nos alunos.” ..... 71
- **Gráfico 29** - 8ª Caraterística: “...é o que respeita e motiva os seus alunos.” ..... 72
- **Gráfico 30** - 9ª Caraterística: “...é o que transforma a aula num momento de aprendizagem significativa.” ..... 73
- **Gráfico 31** - 10ª Caraterística: “...é o que adapta o conhecimento a transmitir aos seus alunos.” ..... 73
- **Gráfico 32** - 11ª Caraterística: “...é o que simplifica o que aos olhos dos alunos parece complexo.” ..... 74
- **Gráfico 33** - 12ª Caraterística: “...é o que dialoga e orienta os seus alunos.” ..... 75
- **Gráfico 34** - 13ª Caraterística: “...é o que promove a autonomia e aprendizagem ativa.” ..... 76
- **Gráfico 35** - 14ª Caraterística: “...é exigente e autoritário.” ..... 77

- **Gráfico 36** - 15ª Caraterística: “...é justo nas avaliações esclarecendo os critérios usados.” ..... 78
- **Gráfico 37** - Resultados relativos ao Professor Titular de História. 80
- **Gráfico 38** - Resultados relativos ao Professor Titular de Geografia 81
- **Gráfico 39** - Resultados conjunto relativos aos Professores Titulares de História e Geografia ..... 83
- **Gráfico 40** - Resultados relativos ao Professor Titular de História. 85
- **Gráfico 41** - Resultados relativos ao Professor Titular de Geografia 87
- **Gráfico 42** - Resultados conjunto relativos aos Professores Titulares de História e Geografia ..... 88

## Índice de quadros

- <b>Quadro 1</b> - Caraterísticas no Professor Estagiário.....	90
- <b>Quadro 2</b> - Caraterísticas no Professor Titular .....	91
- <b>Quadro 3</b> - Caraterísticas no Professor Estagiário.....	92 e 93
- <b>Quadro 4</b> - Caraterísticas no Professor Titular .....	93 e 94

## Índice de tabelas

- <b>Tabela 1</b> - Estatística das caraterísticas do Professor - Geografia - 8º Ano - Turma C.....	53
- <b>Tabela 2</b> - Estatística das caraterísticas do Professor – História – 9º Ano – Turmas F e G.....	65 e 66
- <b>Tabela 3</b> - Estatística das caraterísticas dos Professores Titulares de História e Geografia .....	79
- <b>Tabela 4</b> - Estatística das caraterísticas dos Professores Titulares de História e Geografia .....	84

## Introdução

O presente relatório surge no âmbito da Unidade Curricular, *Iniciação à Prática Profissional*, que foi realizada, na Escola Secundária Inês de Castro, mas também de um interesse pessoal por um conhecimento mais aprofundado e específico sobre o papel que o *Professor do século XXI*, poderá desempenhar no processo do ensino e da aprendizagem, e consequentemente, as expectativas, a partir dos “olhos” dos alunos.

O objetivo do trabalho desenvolvido teve como finalidade, compreender de que forma os alunos avaliam o perfil do Professor, recorrendo a um conjunto de características alusivas a este mesmo (perfil), tanto na área disciplinar de História, como na área disciplinar de Geografia e chegar a algumas conclusões ou ilações, para colmatar fragilidades que possam vir a ocorrer, durante o processo de ensino e de aprendizagem.

Esta ideia surgiu na sequência de experiências já tidas, no âmbito da docência, e onde, realmente, nos fomos apercebendo de dificuldades ocorridas em contexto educativo, razão pela qual, decidimos optar por uma investigação desta natureza, onde o rigor e o cuidado teórico-metodológico sejam bem fundamentados para que, em futuras situações, possamos exercer a nossa profissão com toda a *profissionalidade* e *personalidade*, que a legitima.

Assim, este trabalho será estruturado da seguinte forma, a saber: a introdução, um enquadramento teórico, onde será feita uma abordagem e uma contextualização temporal e evolutiva do papel do Professor, no processo do ensino e da aprendizagem - Capítulo 1.

De seguida, no capítulo 2, apresentamos, o estudo de caso, a sua contextualização, com a respetiva caracterização da Escola e das turmas que foram alvo deste estudo, o tipo de metodologia implementada, e as suas etapas, com o respetivo cronograma de implementação. Inerente à metodologia está a explicitação dos diferentes instrumentos utilizados.

No capítulo 3 inserimos o tratamento dos dados e a sua análise. No final deste capítulo incluiremos algumas conclusões, no sentido de sistematizar o produto da investigação, articulando com as questões de partida, e de forma a responder ao título do nosso Relatório de Estágio.

As considerações finais serão destinadas a corporizar uma atitude reflexiva que visará esclarecer algumas das limitações do nosso trabalho, mas também os desafios que ele nos colocou, ajudando desta forma ao nosso crescimento pessoal e profissional.

## CAPÍTULO 1

### Enquadramento Teórico

#### 1.1 - Pertinência do Tema

Antes de iniciarmos a nossa abordagem e contextualização teórica e evolutiva da temática em estudo<sup>1</sup>, achamos que seria de todo o interesse, perceber a razão que esteve por detrás ou no cerne da questão, que dá o título a este trabalho de investigação.

Desde que iniciamos a nossa primeira experiência<sup>2</sup> na docência, que a questão sobre *o que ensinar, como ensinar, a quem ensinar*, nos foi acompanhando ao longo dos dois anos seguintes, em que continuamos esta *viagem*, por um universo tão multifacetado, tão heterogéneo, mas simultaneamente, tão rico!

Agora, que decidimos efetivar a nossa profissionalização, a questão continuava a persistir. Por isso, decidimos, depois de refletirmos bastante sobre a opção do tema a estudar, levar a cabo, na Escola em que realizamos a nossa *Iniciação à Prática Profissional*, um trabalho mais sistematizado e coerente, através das turmas<sup>3</sup> do Ensino Básico, nas áreas de História e Geografia, das nossas Orientadoras Cooperantes, sobre as representações que os alunos têm relativamente às características de *um Bom Professor*.

Escolhido o tema para o Relatório de Estágio era necessário começar a pensar na metodologia e nas técnicas ou instrumentos a implementar para conseguirmos a(s) resposta(s) para o título da temática em estudo.

---

<sup>1</sup> “Que expectativas para o Professor do século XXI?”

<sup>2</sup> Agrupamento de Escolas D. Dinis – Leiria (2008-2009)

<sup>3</sup> Área disciplinar de História: 9º Ano – Turmas: F e G e área disciplinar de Geografia; 8º Ano – Turma C



A ideia de recorrer ao Inquérito perpassou-nos logo pela cabeça e dado que o universo de alunos<sup>4</sup> que tínhamos pela frente, não estava habituado ao preenchimento de inquéritos ou a este tipo de tarefa, logo, só por si, seria um desafio para nós, mas também, para os próprios alunos.

O facto de ser um desafio, ainda mais nos deu a convicção que este seria o instrumento (inquérito) mais acertado e adequado mas, sempre com a responsabilidade e reflexividade necessárias, para um trabalho de investigação desta natureza, pois o universo do *Ensino* é um universo onde o Educador deverá assumir os “papéis”, desde, o *saber-saber*, o *saber-fazer* e o *saber-ser*, isto é, atingir o equilíbrio entre estas três competências.

Como assinala, PERRENOUD (2001), neste novo século, a meta principal das escolas não é o ensino dos conteúdos disciplinares, mas o desenvolvimento das competências.

A técnica a aplicar estava escolhida, todavia, tínhamos a consciência que já existiam muitos estudos e trabalhos de investigação na área da formação de professores, no papel e no contributo do Professor para o sucesso no processo do ensino e da aprendizagem, como ainda, trabalhos sobre a emergente articulação entre organismos institucionais<sup>5</sup>, comunidade escolar e profissionais do ensino, isto é, professores.

No entanto, queríamos mostrar que é necessário “abrir, remexer” as mentes daqueles que, ainda não perceberam que, e como foi escrito, há mais de vinte anos:

As crianças vivem o que aprendem  
Quando as crianças convivem com a crítica,  
Aprendem a condenar.

(...)

Quando as crianças convivem com a aceitação e a amizade,  
Aprendem a descobrir o amor no Mundo.

(Autor desconhecido)

Consideramos estas ideias um bom mote para o nosso trabalho de investigação.

---

<sup>4</sup> Idem

<sup>5</sup> Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia e Gabinetes de apoio

De seguida, iremos fazer a contextualização temporal e evolutiva sobre como o Professor tem vindo a ser encarado no mundo da Educação.

Educar não é mais do que a arte de seduzir. Como, nos cita Jorge Rio Cardoso, na sua última obra (CARDOSO, 2013), logo no prefácio:

Dito de outro modo, estimular, motivar, reconhecer, encorajar a aventurar-se a ir sempre mais além, a olhar alto, e a varrer novos horizontes é a tarefa mais nobre com que se defrontam os educadores do presente e do futuro. (CARDOSO, 2013: 21)

A formação de professores, sendo, simultaneamente, o *alfa* e o *ómega* de qualquer Sistema Educativo, põe em jogo um conjunto variado de fatores que exigem abordagens metodológicas diversificadas e perspectivas interdisciplinares.

A formação de professores é, simultaneamente, um problema político, uma vez que implica uma conceção da sociedade num projeto de futuro, por mobilizar dados provenientes das mais diversas ciências como, a Economia, a Demografia, a Sociologia e um problema pedagógico, por exigir uma definição de objetivos educativos e de estratégias de avaliação.

Foi por isso urgente reconhecer que a formação de professores constituiria peça fundamental no sucesso de qualquer reforma do Sistema Educativo e refletir sobre o seu perfil, tendo sempre uma perspectiva do porvir, e como tal, impunha-se-nos uma tarefa de inadiável exigência, uma vez que se tornava indispensável dotar os futuros professores de uma formação científica, psicopedagógica e cultural.

Do mesmo modo, a Escola tem vindo a abandonar o seu modelo funcional dos finais do século XIX, princípios do século XX, passando a organizar-se como um espaço educativo favorável à comunicação pessoal e interpessoal e à manifestação e valorização de talentos e projetos pessoais de vida (ABREU, 1987).<sup>6</sup>

Como já se afirmava nas Recomendações da 35ª Conferência Internacional de Educação, realizada sob os auspícios da UNESCO, os professores já não devem ser meros transmissores/comunicadores de conhecimento, não podendo dedicar-se unicamente a reconstruir o conhecimento do aluno, mas a sua principal tarefa consiste

---

<sup>6</sup> Comunicação apresentada no «Seminário sobre carreira docente e avaliação de professores», promovido pela Federação Nacional dos Sindicatos dos Professores, Porto.

em ajudar os jovens a elaborar os seus conhecimentos, a partir das mais diversificadas fontes de informação (UNESCO – OIE, 1975: 26).

Como escreveu Combs, o Professor há-de converter-se no homem do futuro, capaz de ajudar as pessoas a desenvolverem a sua personalidade total (COMBS, 1979).

São, assim, atribuídas ao Professor responsabilidades mais vastas, intervindo, por exemplo, nas atividades extra-escolares, na orientação dos alunos e na organização das atividades de tempos livres.

O Professor é responsabilizado como agente de desenvolvimento e de mudança na comunidade escolar. Novas relações se estabelecem na Escola, as quais irão condicionar a sua eficácia – relação professor/aluno, professor/professor e outros especialistas, professor/pais dos alunos e diferentes membros da comunidade.

Assim, a relação professor/aluno que estava no centro do processo de escolarização, desenvolver-se-á de acordo com as novas atribuições. Terá de ser uma relação diferente, quando se pretende a transmissão de um saber e quando se lhe apresenta a necessidade de saber fazer ou o saber se converte em ser, desde um saber ou poder ser até um saber ou poder tornar-se, como escreveu Giles Ferry (FERRY, 1975).

Passa-se de uma pedagogia centrada quer no professor, quer no aluno, a uma pedagogia centrada no grupo de alunos/professor com todas as forças que nela se manifestam e se desenvolvem.

As competências serão diferentes – essas competências no quadro atual das novas preocupações agrupar-se-ão sob as rubricas seguintes: diagnóstico, resposta, avaliação, relações pessoais, desenvolvimento do currículo, responsabilidade social.

Pede-se assim ao professor que represente uma série de diferentes papéis, para os quais não está, muitas vezes, convenientemente, preparado.

Para isso, terão que ser definitivamente abandonados os velhos paradigmas e será necessário agilizar a instituição educativa, para que possamos no futuro ter uma Escola que melhor sirva os interesses do desenvolvimento da humanidade segundo os princípios e valores fundamentais – criar um mundo melhor para todos, sem exceção.

Como refere Roberto Carneiro (2001, 31-33), estamos num momento de transição do paradigma educacional, onde “As disfuncionalidades dos sistemas

dominantes, baseadas no modo escolar exclusivo de aprender são, de tal ordem gritantes, que se reclamam novas concepções de organizar as instituições”. Ressalta, ainda, que “Na Sociedade do Conhecimento e da Aprendizagem pode dizer-se que emerge como primeiro problema a resolver o da gestão do conhecimento e da sua estratégia de aprendizagem. A competência mais crítica de resolução de problemas de que tanto se fala nas taxonomias modernas de formação é a da resolução da sua própria equação metacognitiva” (CARNEIRO, 2001: 31-33).

Seguindo, ainda, Roberto Carneiro estamos hoje no limiar daquilo a que alguns chamam de, a 3ª Revolução Industrial, baseada na explosão das tecnologias da informação e comunicação e que está na origem de uma mudança de paradigma.

Ainda, segundo o mesmo autor, vivemos num período de mutação em que se verificam, “novas formas de criar, novos processos de produzir, novos modelos de gerir, novas organizações do trabalho, novos mecanismos de entretenimento, novos estilos de vida e diferentes perceções de valores e novas fontes de conhecimento. A escola não pode ser indiferente a todo este processo e terá que agir, principalmente em duas vertentes: “educar para a Sociedade da Informação, na dupla vertente da literacia inicial de jovens e da atualização/reciclagem de adultos” e na necessidade urgente “de repensar o modelo pedagógico em aplicação nas nossas escolas, à luz dos novos e diferentes modos de aprender.”

Tecer considerações sobre as origens do educador profissional, remete-nos, até há mais de 2500 anos, para os tempos da Antiguidade Clássica, em Atenas, onde o intitulado pedagogo<sup>7</sup>, percorria as ruas da cidade procurando jovens talentosos, para educar. A *polis* era o lugar por excelência para toda a atividade educativa, constituindo esta, o seu fim nobre e último. Cabia, por isso, ao Educador a alta responsabilidade, na formação das gerações vindouras. Tinha nas suas mãos - como verdadeiros artesãos - que modelar o barro humano, de forma a engrandecer os destinos do seu país, do seu povo.

É possível, então, afirmar que a História da Educação, como escreveu Debesse, permite descobrir as origens, frequentemente, longínquas da nossa tradição educativa e tornar mais inteligível a pedagogia atual pelo conhecimento do passado. Permite, ainda,

---

<sup>7</sup> Quer dizer: na Grécia Clássica, Pedagogo = paidós (criança) e agogé (condução)

compreender a evolução, os processos de mudança, as etapas da evolução do processo educativo, numa palavra, proporciona elementos de reflexão e compreensão indispensáveis à cultura geral do Educador.

A História da Educação é, assim, uma disciplina que pretende favorecer o acesso a uma visão global e diacrónica da Educação, considerando os sistemas educativos, como pontos de chegada de uma longa e lenta evolução.

Assim, a sociedade que se preocupa verdadeiramente com o seu porvir, e com a sua prosperidade sustentável, não pode descurar a qualidade dos seus formadores.

É este conhecimento – o como e o porquê das diferentes formas institucionais e educativas – que enriquece e alimenta, numa perspectiva crítica e atuante, o Professor e o Educador, face à realidade educativa do presente.

Mas, afinal, como é encarado este fenómeno do papel do Professor, aos olhos daqueles<sup>8</sup>, que têm vindo a tentar posicionar esta *Profissão* num lugar de destaque, e com a devida dignidade e valorização, na sociedade dos dias de hoje, num mundo em constante mutação?

António Nóvoa, no seu ensaio “Professores: Imagens do futuro presente” (NÓVOA, 2009), logo no primeiro capítulo, intitulado: “Professores: O futuro ainda demora muito tempo?”, refere que temos vindo a assistir, nos últimos anos, a um regresso dos professores à ribalta educativa, depois de quase quarenta anos de relativa invisibilidade. E, afirma que, a sua importância nunca esteve em causa, mas os olhares viraram-se para outros problemas: nos anos 70, foi o tempo da racionalização do ensino, da pedagogia por objetivos, do esforço para prever, planificar, controlar; depois, nos anos 80, vieram as grandes reformas educativas, centradas na estrutura dos sistemas escolares e, muito particularmente, na engenharia do currículo; nos anos 90, dedicou-se uma atenção especial às organizações escolares, ao seu funcionamento, administração e gestão.

Já perto do final do século XX, importantes estudos internacionais, comparados, alertaram para o problema das aprendizagens - *Learning matters*. E, quando se fala de aprendizagens fala-se, inevitavelmente, de professores. Um relatório publicado pela

---

<sup>8</sup> Quer dizer: Especialistas em educação, pedagogia, sociologia, entre outras ciências sociais e humanas.

OCDE, em 2005 – *Teachers matter* – inscreve “as questões relacionadas com a profissão docente, como uma das grandes prioridades das políticas nacionais”.

Paralelamente a estes estudos comparados, de grande difusão mundial, duas outras realidades se impõem como temas obrigatórios de reflexão e de intervenção.

Por um lado, as questões da diversidade, nas suas múltiplas facetas, que abrem caminho para uma redefinição das práticas de inclusão social e de integração escolar. A construção de novas pedagogias e métodos de trabalho põe, definitivamente em causa a ideia de um modelo escolar único e unificado. Por outro lado, os desafios colocados pelas novas tecnologias que têm vindo a revolucionar o dia-a-dia das sociedades e das escolas. Mas, como bem escreve Manuel Castells, o essencial reside na aquisição de uma capacidade intelectual de aprendizagem e de desenvolvimento, o que coloca os professores, no centro da “nova pedagogia” (CASTELLS, 2001: 278).

Os professores reaparecem, neste início do século XXI, como elementos insubstituíveis não só na promoção das aprendizagens, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios da diversidade e no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias.

O autor ao longo deste ensaio procura enaltecer a valorização que o profissional docente tem no desenvolvimento e no enriquecimento de uma sociedade, e onde os valores da cidadania e da ética são condição *sine qua non*, para o engrandecimento desta *Profissão*. E continua sublinhando, com uma provocação feita, já em 1991, a um insulto de Bernard Shaw, acrescentando-lhe duas máximas:

Quem sabe, faz.

Quem não sabe, ensina.

*Quem não sabe ensinar, forma os professores.*

*Quem não sabe formar professores, faz investigação educacional.*

Mais uma vez, Nóvoa exalta e privilegia a intervenção do Professor no seu próprio campo profissional, em detrimento dos académicos e especialistas, da área científica, das Ciências da Educação.

E finaliza, dizendo: “O excesso dos discursos esconde, frequentemente, uma grande pobreza das práticas. Temos um discurso coerente, em muitos aspetos consensual, mas raramente temos conseguido fazer aquilo que *dizemos que é preciso fazer*”, e para isso, elenca três medidas urgentes, a saber:

- É preciso passar a formação de professores para dentro da profissão;
- É preciso promover novos modos de organização da profissão;
- É preciso reforçar a dimensão pessoal e a presença pública dos professores.

Como afirmamos na introdução, o objetivo do nosso trabalho de investigação é transmitir a importância e a urgência em reconhecer que, falta ainda elaborar uma *teoria da pessoalidade* que se inscreve no interior de uma *teoria da profissionalidade*. Toca-se aqui, em qualquer coisa de indefinível, mas que está no cerne da *Identidade Profissional Docente*.

Falta-nos talvez, como diz Ann Lieberman (1999), ter a coragem de começar: “(...)o trabalho de formação deve estar próximo da realidade escolar e dos problemas sentidos pelos professores. É isto que não temos feito.”

Parece que todos sabemos, e até concordamos, com o que deve ser o futuro da profissão docente. Por isso, quisemos realizar este trabalho, em torno da questão: *Que expectativas para o Professor do século XXI?*

## 1.2 – Perspetivas Teóricas

Aludir a respeito das qualidades do Professor de hoje, do Professor do século XXI, obriga-nos a dar um enfoque nos autores e especialistas em Educação que melhor têm sustentado as teorias sobre o papel do Professor/Educador, num mundo cada vez mais complexo e diversificado, num mundo cada vez mais distante, como, cada vez mais perto.

Nóvoa, inicia, o segundo capítulo, do seu ensaio<sup>9</sup>, afirmando:

A Educação vive um tempo de grandes incertezas e de muitas perplexidades. Sentimos a necessidade da mudança, mas nem sempre conseguimos definir-lhe o rumo. Há um *excesso de discursos*, redundantes e repetitivos, que se traduz numa *pobreza de práticas*.

E, num tempo assim, talvez valha a pena regressar a uma pergunta que deixámos de fazer há muitos anos: *O que é um bom professor?* (NÓVOA, 2009: 11)

O mesmo autor refere, ainda:

“Sabemos todos que é impossível definir o “bom professor”, mas é possível, talvez, esboçar alguns apontamentos simples, sugerindo disposições que caracterizam o trabalho docente nas sociedades contemporâneas.

Durante muito tempo, procuraram-se os *atributos* ou as *caraterísticas* que definiam o “bom professor”. Esta abordagem conduziu, já na segunda metade do século XX, à consolidação de uma trilogia que teve grande sucesso: saber (*conhecimentos*), saber-fazer (*capacidades*), saber-ser (*atitudes*).

Nos anos 90 foi-se impondo um outro conceito, *competências*, que assumiu um papel importante na reflexão teórica e, sobretudo, nas reformas educativas. Todavia, apesar de inúmeras reelaborações, nunca conseguiu libertar-se das suas origens comportamentalistas e de leituras de cariz técnico e instrumental. (Idem)

Por isso, Nóvoa, sugere um novo conceito, disposição, propondo:

(...) pretendo romper com um debate sobre as *competências* que me parece saturado. Adoto um conceito mais “líquido” e menos “sólido”, que pretende olhar preferencialmente para a ligação entre as dimensões pessoais e profissionais na produção identitária dos professores.

Coloco, assim, a tónica numa (pré) disposição que não é natural mas construída, na definição pública de uma posição com forte sentido cultural, numa *profissionalidade docente* que não pode deixar de se

---

<sup>9</sup> NÓVOA, António (2009). *Professores: Imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa. Universidade de Lisboa. Instituto de Educação



construir no interior de uma *pessoalidade do professor*. (NÓVOA, 2009: 12)

Essas disposições que o autor elenca, são as seguintes:

1. *O conhecimento*. Aligeiro as palavras do filósofo francês Alain: *Dizem-me que, para instruir, é necessário conhecer aqueles que se instruem. Talvez. Mas, bem mais importante é, sem dúvida, conhecer bem aquilo que se ensina* (1986, p. 55). Alain tinha razão. O trabalho do professor consiste na construção de práticas docentes que conduzam os alunos à aprendizagem. Como escreveu Gaston Bachelard, em 1934, “é preciso substituir o aborrecimento de viver pela alegria de pensar” (cf. Gil, 1993). E, ninguém pensa no vazio, mas antes na aquisição e na compreensão do conhecimento.

2. *A cultura profissional*. Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. O registo das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão.

3. *O tato pedagógico*. Quantos livros se gastaram para tentar apreender este conceito tão difícil de definir? Nele cabe essa capacidade de relação e de comunicação sem a qual não se cumpre o ato de educar. E, também essa serenidade de quem é capaz de se dar ao respeito, conquistando os alunos para o trabalho escolar. Saber conduzir alguém para a outra margem, o conhecimento, não está ao alcance de todos. No ensino, as dimensões profissionais cruzam-se sempre, inevitavelmente, com as dimensões pessoais.

4. *O trabalho em equipa*. Os novos modos de *profissionalidade* docente implicam um reforço das dimensões coletivas e colaborativas, do trabalho em equipa, da intervenção conjunta nos projetos educativos de escola. O exercício profissional organiza-se, cada vez mais, em torno de “comunidades de prática”, no interior de cada escola, mas também no contexto de movimentos pedagógicos que nos ligam a dinâmicas que vão para além das fronteiras organizacionais.

5. *O compromisso social*. Podemos chamar-lhe diferentes nomes, mas todos convergem no sentido dos princípios, dos valores, da inclusão social, da diversidade cultural. Educar é conseguir que a criança ultrapasse as fronteiras que, tantas vezes, lhe

foram traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade. Hoje, a realidade da escola obriga-nos a ir além da escola. Comunicar com o público, intervir no espaço público da educação, faz parte do *ethos* profissional docente.

António Nóvoa, ao enunciar estas *cinco disposições*, pretende transmitir, evocar e reforçar, uma vez mais, a *interdisciplinaridade* e a *transdisciplinaridade* que a profissão docente abarca, mas também, o compromisso social com que o Professor/Educador, dos dias de hoje se depara, face à complexa e diversificada sociedade em que vivemos.

É possível assim afirmar, que nas sociedades contemporâneas o prestígio de uma profissão mede-se, em grande parte, pela sua visibilidade social. No caso dos professores, estamos mesmo perante uma questão decisiva, pois a sobrevivência da profissão depende da qualidade do trabalho interno nas escolas, mas também da sua capacidade de intervenção no espaço público, da Educação.

Um outro autor e especialista em pedagogia e, em especial, em sociologia, é Philippe Perrenoud, que tem sido uma referência essencial para os educadores, em virtude das suas ideias pioneiras sobre a profissionalização de professores e a avaliação de alunos.

PERRENOUD (2000) afirma que a evolução da escola caminha para a cooperação profissional. Segundo ele, o trabalho em equipa tornou-se uma necessidade, e é nas mais diversas formas de cooperação e colaboração que se destacam os melhores professores, os professores conscientes e críticos quando se deparam com situações dúbias e propensas a momentos de conflito.

A criação dos ciclos de aprendizagem, o desenvolvimento de projetos, a divisão do trabalho pedagógico com a participação de coordenadores e especialistas, e a intervenção de profissionais de saúde, apoiam a inclusão nas escolas. Todos os membros de um grupo, são coletivamente responsáveis pelo seu funcionamento. (PERRENOUD, 2000).

A competência do Professor é perceber que a vida em equipa é feita de pequenos conflitos que a fazem avançar, se resolvidos com humor e respeito mútuo (PERRENOUD, 2000). O bom funcionamento de uma escola faz parte do currículo real

e contribui para formar os alunos de maneira deliberada ou involuntária (PERRENOUD, 2000).

Fala-se muito em educação para a cidadania, mas Perrenoud (2000) alerta que é preciso que se crie situações que facilitem verdadeiras aprendizagens, tomadas de consciência, construção de valores de uma identidade moral e cívica.

Segundo ainda Perrenoud, fornecer uma Educação para a tolerância e para o respeito na diferença de género, exige que o Professor seja tolerante e compreensivo, para conseguir a adesão dos alunos, apesar de ter consciência da existência, dos preconceitos da sociedade e da família, presentes no aluno e, por vezes, no próprio Professor.

Ao Professor cabe a gestão da classe que pressupõe a negociação de responsabilidades quanto à definição e ao cumprimento de regras coletivas para a otimização do processo de aprendizagem, sem perder o seu *status* ou poder, dado pela instituição escolar.

Perrenoud comenta: o Professor aberto a negociações não abandona nem o seu *status*, nem as suas responsabilidades de adulto e mestre, “É por isso que o ensino eficaz é um trabalho de alto risco, que exige que as pessoas se envolvam sem abusar de seu poder”. (PERRENOUD, 2000: 151)

O Professor precisa de conhecimento de abordagens didáticas, psicanalíticas e psicossociológicas para seduzir, atrair e envolver os alunos no projeto de aprendizagem com muita consciência, sabendo o que faz.

O fortalecimento do ensino para a cidadania deve formar e desenvolver valores de solidariedade e respeito mútuo, desmoronando preconceitos e discriminações sociais, étnicas e sexuais, desenvolvendo o sentido de responsabilidade e o sentimento de justiça. “Ora, a justiça não é uma questão objetiva, uma vez que procede de uma construção da realidade que é objeto de controvérsias e de sentimentos.” (KELLERHALS; PERRENOUD; MODAK apud PERRENOUD, 2000: 152)

A pedagogia institucional propõe fazer do grupo-escola uma instância de justiça, o que supõe uma explicitação pactuada dos direitos e deveres dos alunos e dos professores.

Finalizando, Perrenoud propõe ao Professor a responsabilidade sobre a administração de sua própria formação contínua. A formação contínua condiciona a atualização e o desenvolvimento das competências propostas e de todas as outras que se fizerem necessárias, para o exercício profissional.

Organizar e dirigir situações de aprendizagem, administrar a progressão das aprendizagens, conceber e fazer evoluir dispositivos de diferenciação, envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho, trabalhar em equipa, participar da administração da escola, informar e envolver os pais, utilizar tecnologias novas, enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão: todas essas competências conservam-se graças a um exercício constante (PERRENOUD, 2000: 155).

Outro fator de aprendizagem para o Professor é o envolvimento com os estagiários, isto leva à reflexão sobre a prática pedagógica e a oportuna aprendizagem mútua - formar alguém é formar-se também. Os partidários das novas pedagogias e do ensino recíproco descobriram há muito tempo que, formar alguém é uma das mais seguras maneiras de se formar.

Este é o desafio para o Professor do século XXI: contribuir para a renovação da profissão e do sistema de ensino.

Nóvoa (apud GENTILE, 2001:15) diz: “ser Professor, no século XXI é reinventar um sentido para a escola, tanto do ponto de vista ético como cultural”.

Outro autor que se tornou uma das grandes figuras do panorama literário ou bibliográfico, no que concerne ao tema da Educação e em particular aos novos paradigmas, do mundo de educar e de aprender, é Jorge Rio Cardoso.

Na sua última obra, *O Professor do Futuro*, lançada em 2013, faz alusão à famosa frase que há precisamente cinquenta anos – 28 de Setembro de 1963 – Martin Luther King, Jr., pronunciou, em Washington D.C., a qual, passamos a citar: “I HAVE A DREAM”.

É a partir deste profundo e riquíssimo pensamento, do defensor da igualdade de direitos e deveres, entre brancos e negros, que o Professor Jorge Rio Cardoso lança o desafio ao Professor, dos dias de hoje:

Dito ao mesmo jeito, ao professor importa despertar o aluno para a importância capital do sonho, da saudade do futuro, da visão do devir que lhe compete construir. (CARDOSO, 2013: 22).

No último capítulo<sup>10</sup> desta obra, e que tem o título: *O Professor do Futuro*, o autor começa por realçar um pensamento, da autoria de Paulo Freire:

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além, dele. (CARDOSO, 2013: 341).

Será que esta introdução denuncia-nos qual poderá ser a antevisão sobre as expectativas ou o que espera o Professor do futuro?

É, sem dúvida, uma grande preocupação que está e estará patente, nos profissionais da Educação.

Assim, CARDOSO (2013) procura delinear as tendências de evolução num mundo, onde as desigualdades são cada vez mais agudizadas e reais, com o fenómeno da pobreza, a vários e diferentes níveis e que, quase sempre, conduz ao racismo, xenofobia e em particular, nas comunidades escolares, ao bullying.

Cabe, por isso, ao Professor, com toda a sua legitimidade e idoneidade, eliminar todos os fenómenos que conduzam a este tipo de situações de conflito, com o propósito de formar jovens conscientes desses aspetos e prontos a exercer a sua cidadania ativa.

Para tal, a aprendizagem deve ser continuada, ao longo de toda a vida, com um sentido abrangente e unívoco: inclusão em todos os níveis e modalidades, sejam elas pessoais, profissionais e até sociais.

*A Educação será, então, mais complexa*, porque terá que incorporar *novas realidades*, que outrora não eram parte integrante da Educação.

O fenómeno da globalização transformou o mundo, criou uma sociedade onde existe uma hiperestimulação, através das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Cabe, aqui, ao Professor chamar a atenção dos seus alunos para aquilo que é ficcional e aquilo que é realidade, para as «janelas» que são importantes e essenciais para o seu desenvolvimento cognitivo e emocional e aquelas que são acessórias e dispensáveis.

---

<sup>10</sup> Quer dizer: Capítulo 11, da obra intitulada, “O Professor do Futuro”, do Prof. Jorge Rio Cardoso

O Professor sublinha, que:

Um bom Professor, como fomos referindo, terá de ter sempre uma *visão* sobre a Educação e o seu papel contributivo para um mundo melhor. Assim, deve criar, perante os seus alunos, as «janelas» para esse mundo e abri-las numa sequência que, para eles, seja lógica e inteligível. (CARDOSO, 2013: 344)

Não obstante, uma sociedade informada e estimulada por via das mais diversas tecnologias, poderá ser um meio de enriquecimento do conhecimento, como também, uma ferramenta para ser utilizada, nos mais variados momentos de aprendizagem.

Qual será, então, o papel do Professor, mediante todo este manancial de informação? Deverá ajudar o aluno a saber selecionar e sintetizar essa informação, com, o devido, sentido crítico.

O fenómeno da globalização e da massificação das novas tecnologias, conduz, também, o professor para um novo tipo de Educação. É o chamado *E – Learning* e/ou *B – Learning*<sup>11</sup>, que vai proporcionar a Educação a um número muito mais alargado de pessoas, tornando o ensino, não só já presencial, em contexto de sala de aula, mas de forma virtual, com recurso a plataformas educativas. É a *Era do Ensino Virtual*!

O nosso autor volta a referenciar a importância dos quatro pilares da Educação, que já tinha evidenciado no capítulo 1, e que achamos pertinente deixar aqui registado. Assim, refere:

Voltando aos quatro pilares do conhecimento – Aprender a *conhecer*, Aprender a *fazer*, Aprender a *viver* em sociedade e Aprender a *ser* – preconizado pelo Relatório da UNESCO, a finalidade última do quarto pilar será mesmo o exercício da cidadania. Dito de outra forma, todos os outros três pilares têm por objetivo que este seja um dado efetivo. “Os professores reaparecem”, salienta o Professor António Sampaio Nóvoa, “neste início do século XXI, como elementos insubstituíveis não só na promoção das aprendizagens, mas também na construção de processos de inclusão que respondam aos desafios da diversidade e no desenvolvimento de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias.” (CARDOSO, 2013: 357- 358)

Todavia, a formação de professores deverá, também, estar na ordem do dia, pois é condição primordial que os docentes possam evoluir sempre.

---

<sup>11</sup> Quer dizer: *E – Learning* , Ensino à Distância e *B – Learning*, o conjunto dos dois métodos de ensino, isto é, ensino presencial e tradicional com o ensino à distância

O Professor António Sampaio Nóvoa, realça nesta obra, quatro aspetos fundamentais, para melhorar as práticas pedagógicas dos docentes, a saber:

- Estudo aprofundado de cada caso, sobretudo dos casos de insucesso escolar;
- Análise coletiva das práticas pedagógicas;
- Obstinação e persistência profissional para responder às necessidades e anseios dos alunos;
- Compromisso social e vontade de mudança.

Estas quatro práticas deverão funcionar, de preferência, no coletivo e dentro do contexto escolar. Quando dizemos, no coletivo, é na constante, interação entre professor-aluno, com o objetivo de colmatar qualquer dúvida ou incerteza, que surja ao longo de todo o processo do ensino e da aprendizagem.

Não obstante, o contacto com a sociedade e com outras instituições, só pode favorecer e enriquecer o papel que o Professor representa, fora do seu ambiente profissional. Por isso, é de vital importância, a criação de *comunidades de prática*, ou seja, um espaço propício à discussão pública, sobre temas relacionados com o ensino e onde se propõe novas ideias e desafios, para a formação pessoal, profissional e cívica dos alunos. Este aspeto é salientado por vários estudiosos, entre eles, Pat Hutchings e Mary Taylor Huber<sup>12</sup>.

Esta ideia de *comunidades de prática* vem, também, enaltecer e firmar o papel que o Professor tem, na determinação de novas orientações, para a formação de alunos, responsáveis e críticos, como, de boas pessoas.

Este compromisso social está associado à necessidade e à vontade de o Professor, conseguir acompanhar as rápidas mudanças, a que se assiste, neste século XXI.

Estas mudanças são de tal forma intensas e voláteis, que o Professor terá que estar em constante atualização, de forma a adquirir novas competências, ao longo da vida.

---

<sup>12</sup> Building the teaching commons. Consultado em 12-04-2013 em [w.w.w.carnegiefoundation.org](http://w.w.w.carnegiefoundation.org). citado em António Sampaio Nóvoa, 2009.

Conforme introduzimos, este especialista em Educação, também gostaríamos de finalizar a sua perspectiva, evocando o *Professor Rômulo de Carvalho* - que Jorge Rio Cardoso enalteceu, pela forma - *versatilidade intelectual*, tão necessária nos dias de hoje! - como conduziu toda a sua carreira profissional, como *Professor* e ainda, como poeta, no panorama nacional e internacional.

Deixamos, assim, a última quadra do seu poema, PEDRA FILOSOFAL, nem de propósito, muito evocativa e com uma mensagem muito idêntica à grande frase pronunciada por Martin Luther King, Jr., há cinquenta anos atrás:

“Eles não sabem, nem sonham,  
Que o sonho comanda a vida,  
Que sempre que um homem sonha  
o mundo pula e avança  
como bola colorida  
entre as mãos de uma criança.” (CARDOSO, 2013: 367)

Outro especialista em Educação e na área dos afetos e das emoções, em contexto educativo é, Miguel Santos Guerra, com a obra, *Arqueologia dos sentimentos: estratégias para uma educação de afetos*. De todos os outros teóricos já mencionados, este, talvez, seja aquele que melhor delineia e vai ao cerne do problema que existe, ainda, nas políticas educativas, em especial, no panorama nacional.

Especialista em didática, organização escolar, avaliação educativa e formação de professores, ou seja, uma larga experiência em todas as áreas, inerentes a um Sistema Educativo, julgamos que, a partir desta obra, conseguiremos melhor compreender o nosso estudo empírico, que levamos a cabo na Escola, onde realizamos a nossa *Iniciação à Prática Profissional*.

O nosso autor inicia este *pequeno grande livro*, evocando um livro de Michel Foucault, *A Arqueologia do Saber*, com o intuito de enfatizar a noção de rutura na aparente continuidade da história do pensamento, pois, para Foucault, a descontinuidade só faz sentido quando serve de entendimento de tudo o que acontece. Por tal, é que existem vários estratos de pensamento, os quais para ele (Foucault) denomina como “monumentos” e não como “documentos”.



É, a partir daqui que surge a palavra arqueologia, e como afirma o nosso autor:

Parafraseando os seus “cortes epistemológicos”, direi que há, igualmente, “cortes emocionais” que nos levam a entender e a viver a realidade de forma diferente. Estaríamos, hoje em dia, perante um desses fenómenos. (GUERRA, 2006: 11)

Miguel Santos Guerra, utiliza a palavra arqueologia e cria uma analogia entre a ciência da arqueologia e as ciências da Educação, demonstrando que, também na prática arqueológica existem vários estádios, os quais poderão também ser aplicados na vertente oculta da Escola, ou seja, o chamado *currículo oculto*, que diz respeito aos sentimentos, às emoções.

O nosso autor elenca, assim, os cinco estádios utilizados numa investigação arqueológica, a saber: a descoberta, a escavação, o estudo, a proteção e a exposição.

Da mesma forma, é possível fazer um paralelismo destes mesmos estádios, a uma comunidade escolar, buscando-lhe os alicerces mais profundos, aqueles que lhe outorgam valor e sentido.

Miguel Santos Guerra afirma:

A hegemonia da dimensão intelectual levou à atrofia da dimensão afetiva. Os sentimentos foram silenciados, confinados à esfera privada, controlados e objeto de punição. Especialmente nos homens. E, nas mulheres tornaram-se objeto de ridículo. Não recriminamos ninguém por ser excessivamente inteligente e, no entanto, qualificamos as pessoas particularmente afetivas com o adjectivo de “sentimentalóides”, de “piegas”. (GUERRA, 2006: 13)

Podemos, então, inferir que, continuamos num sistema que privilegia o saber cognitivo, em detrimento do saber emocional, saber sentimental. Talvez, este silêncio *ensurdecedor*, um dia se torna uma realidade efetiva e consolidada, de forma a confirmar a importância e o valor que o famoso *currículo oculto*, tem para uma comunidade escolar, para uma sociedade responsável, reflexiva e crítica.

O nosso autor salienta ainda que, silenciar, ocultar, desprezar ou punir a área dos sentimentos é um erro grave, porque todos nós somos feitos de sentimentos. (GUERRA, 2006: 17)

A analogia que o autor estabelece entre a arqueologia e uma Educação, onde há lugar para os sentimentos e as emoções, dá-nos uma visão muito clara e objetiva, da

pertinência que o *currículo oculto* deve ter, de forma a contribuir para o sucesso dos seus atores principais, isto é, dos alunos.

E, Miguel Santos Guerra termina o primeiro<sup>13</sup> ponto do seu livro, afirmando que, há uma necessidade da arqueologia dos sentimentos, porque, é através dela - arqueologia dos sentimentos - que conseguimos descobrir, saber onde estão, qual a sua origem e qual o valor destes, mesmos, sentimentos.

É, possível, por isso, perceber a inquietação e o zelo que este autor coloca num mundo, muitas vezes descurado, por aqueles que estão em posições de chefia ou poder, e que não conseguem alcançar nem sequer vislumbrar, como é urgente inverter muitas das situações que sucedem nas comunidades escolares e na própria sociedade em geral.

Seguindo o raciocínio do nosso autor, estamos, agora, perante uma *Descoberta* extraordinária. As teorias sobre a inteligência cognitiva deixaram de ter o privilégio e o destaque dos estudiosos da Educação e, felizmente, abriram-se «as janelas», para o mundo das emoções e dos sentimentos.

Surge nos finais do século XX, em 1983, com Howard Gardner, um livro intitulado *Frames of Mind*, o qual foi traduzido por “Inteligências múltiplas”. Esta nova forma de encarar e interpretar as capacidades do ser humano, deixou muito académicos desconcertados, chegando mesmo alguns, a pôr em causa esta nova teoria sobre a inteligência.

Anos mais tarde, em 1995, Daniel Goleman, lança também um livro intitulado *Emotional Intelligence*, ou seja *Inteligência Emocional*, o qual veio afirmar e reforçar o que, já Howard Gardner tinha escrito na sua obra e que aqui, de forma categórica, Daniel Goleman reafirma.

Assim, GOLEMAN (1995) define inteligência emocional, da seguinte maneira:

“...capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerir bem as emoções dentro de nós e nos nossos relacionamentos.” (GOLEMAN, 1995)

Para ele, a inteligência emocional é a maior responsável pelo sucesso ou insucesso dos indivíduos. Como exemplo, recorda que a maioria das situações de trabalho pressupõem a interacção entre pessoas e, por isso, as pessoas que facilmente se

---

<sup>13</sup> Ponto 1: *No Limiar da jazida arqueológica*

relacionam com os outros, são afáveis, compreensivas e gentis, têm uma maior possibilidade de obter o sucesso.

Estamos, então, no patamar da *Descoberta*, de algo que, até às últimas décadas do século anterior, não fazia parte das Orientações Curriculares, de qualquer área disciplinar, nem dos *cânones teóricos*, emanados dos Gabinetes titulares, da pasta da Educação.

O fenómeno da globalização, a massificação das novas tecnologias da informação e da comunicação, as transformações operadas no campo social, económico e tecnológico, tornou possível ao Homem estar em contacto permanente, com qualquer parte do mundo.

Assim, também, na Educação, assiste-se a algumas mudanças, de forma envergonhada, mas que vão dando os seus frutos, e do patamar da *Descoberta*, passamos para o patamar da *Escavação*.

A *Escavação*, no âmbito da Educação e mais propriamente numa escola, incorpora uma trama, uma teia, que é constituída por todas as relações inerentes a uma comunidade escolar.

O autor refere que só existe esta rede de relações, porque há comunicação e explica, assim:

No âmbito da educação, a importância da comunicação é decisiva. Eu não diria que na escola, para além da aprendizagem, existe a comunicação. Diria antes que a *aprendizagem significativa* da escola acontece na comunicação, ou até, que constitui a própria comunicação. Em meu entender, não existe outro conceito que se possa identificar tanto com a educação como o conceito de comunicação.

(GUERRA, 2006: 24-25)

A relevância que Miguel Santos Guerra imprime na problemática da comunicação, leva-o a interpretá-la numa perspectiva tridimensional, ou seja, para o nosso autor o ser humano pode ser visto a partir de três eixos, no espaço. O primeiro é designado de *eixo céfalo/caudal*: acima e abaixo e aqui falamos das condições hierárquicas que encontramos em qualquer comunidade escolar, deste o corpo diretivo, ao corpo docente, como, a todos os agentes administrativos e de apoio social; o segundo eixo é designado por *eixo transversal*: anterior e posterior, estamos a falar das relações entendidas como claras e objetivas e as relações que não são visíveis aos nossos olhos e

requerem um cuidado mais profundo, e por fim, o terceiro eixo é chamado de *eixo sagital*: direita e esquerda. Neste último eixo, Miguel Santos Guerra faz referência à perspectiva de Peter Hoyle que distingue duas dimensões: a *nomotética*, ou seja, a dimensão normativa, formal e instituída e a dimensão *ideográfica*, aquela que não é possível prever, mas que representa o idiossincrático, as qualidades particulares da organização e dos indivíduos.

Esta visão dada pelo nosso autor sobre a comunicação e em especial sobre as relações que se processam no seio de uma comunidade escolar, procura transmitir a necessidade de olharmos para a Escola, para o papel do Professor, com outros “olhos”, com uma *visão*, que vá para além dos problemas *palpáveis*.

Segundo o nosso autor é necessário implementar uma *Pesquisa*, ao nível da educação sentimental, mas uma *Pesquisa*, sistematizada, com uma planificação bem delineada, com objetivos claros, métodos eficazes e uma avaliação exigente. Esta *Pesquisa* deverá ter o cunho do conjunto de todos os intervenientes e não de um grupo restrito, como deverá ser realizada de forma gradual, com o objetivo de atingir aquilo a que se propõe.

Miguel Santos Guerra diz com toda a veemência, que:

O que pretende a educação sentimental? Em última instância, que os indivíduos alcancem a felicidade mediante o seu desenvolvimento integral, a aceitação de si próprios e uma boa relação com os outros.

Falar de educação sentimental significa a existência de um projeto, uma planificação intencional, que pretende atingir determinados fins através de determinadas estratégias. As coisas não todas espontâneas, a vida não fica ao “deus-dará”. (GUERRA, 2006: 41)

E, ainda, reforça, dizendo:

A educação sentimental não consiste, pois, na inclusão de uma nova “disciplina” no currículo. Trata-se de fazer com que uma das prioridades da escola seja o desenvolvimento emocional e a aprendizagem da convivência. Uma prioridade sentida por todos, assumida por todos e com a qual todos se sintam comprometidos. (GUERRA, 2006: 54)

Por isso, o patamar da *Pesquisa* deverá, basear-se num projeto comum, entre todos os elementos inerentes à comunidade escolar, como ainda - quando necessário -

indivíduos de outras comunidades, cívicas ou institucionais, dêem o seu contributo para o bem-estar, de todos aqueles que fazem parte de uma Escola plena e realizada.

O último patamar ou aspeto, a ter em conta, numa investigação arqueológica, é a proteção dos achados, dos artefactos encontrados. Igualmente, quando falamos de Educação sentimental, é fundamental que saibamos proteger o objeto do nosso estudo.

É, assim, necessário utilizar uma *Proteção* que vá ao encontro do nosso alvo (dos alunos) ou seja, uma proteção assente na exigência responsável e que torne possível esta educação sentimental.

Miguel Santos Guerra divide o patamar da *Proteção*, em quatro tipos de exigência: *Exigências Comunicativas* e, aqui abordamos o contexto da rede de relações existentes numa escola e a forma de transformar ou melhorar esta mesma, no sentido de conseguir atingir a realização e a felicidade plena dos nossos alunos, o segundo tipo enunciado trata-se de uma *Exigência Estrutural*, a qual evidencia a importância de *equipar* uma escola com profissionais competentes e motivados, para implementarem uma educação sentimental efetiva e responsável, pois, só assim, a proteção dos seus alunos é concretizada.

A terceira exigência fala-nos da necessidade de proporcionar e criar condições para *Organizar* a Escola, de acordo com aquilo que deve ser feito. Só, assim, e como afirma o autor:

A autonomia da escola, a flexibilidade, a adaptabilidade, a rapidez nas respostas... são exigências que tornam possível um projeto rico e atrativo. (GUERRA, 2006: 63)

Uma escola que reúna todos estes aspetos, com certeza, alcançará sucesso, não só, em termos institucionais, mas, e acima de tudo, poderá ser um *espelho*, para outras comunidades escolares do país. É, o caso da Escola da Ponte, em Vila das Aves.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> A Escola da Ponte apresenta-se com práticas educativas que se afastam do modelo tradicional. Está organizada segundo uma lógica de projeto e de equipa, estruturando-se a partir das interações entre os seus membros, alicerçando as suas práticas nos seguintes princípios orientadores: (1) Concretizar uma efetiva diversificação das aprendizagens tendo por referência uma política de Direitos Humanos; (2) Garantir a igualdade de oportunidades educacionais e de realização pessoal a todos os cidadãos e (3) Promover, nos diversos contextos em que decorrem os processos formativos, uma solidariedade ativa e uma participação responsável. Assim, a divisão por anos de escolaridade ou ciclos, deu lugar à organização por Núcleos. Existem 3 Núcleos: *Iniciação, Consolidação e Aprofundamento*.

A última exigência incide no campo das *Atitudes*, e é a este nível que o papel do professor é fundamental, pois, assume a dianteira, para que os seus alunos alcancem o sucesso pleno na aprendizagem, mas, também atinjam a maturidade e uma atitude crítica e reflexiva, ao longo do seu percurso escolar.

Este quarto patamar da arqueologia dos sentimentos, a *Proteção*, termina com a *exigência atitudinal*, do professor.

Será que todos os professores estarão preparados para enfrentar os desafios com que se deparam, na Escola?

É, algo, que será um pouco difícil de responder.

É, pois, cada vez mais, uma profissão de risco, no entanto, também deverá fazer-nos refletir e perceber que, só ultrapassando todas as vicissitudes e as injustiças, é que poderemos, verdadeiramente, implementar uma Educação direcionada para os sentimentos, para as emoções.

Miguel Santos Guerra no final deste ponto, realça uma frase contida num livro de Rubem Alves (1996) e que diz o seguinte:

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo através da magia da nossa palavra. Deste modo, o professor nunca morre... (GUERRA, 2006: 70)

Será, mesmo, assim que todos os alunos recordam os seus professores?

### 1.3 – Uma visão prospetiva da Educação em Portugal

Depois, de termos deixado algumas reflexões sobre o tema do nosso trabalho de investigação<sup>15</sup>, através das perspetivas dos autores citados anteriormente, achamos por bem, finalizar este enquadramento teórico, com as perspetivas que, o Professor Roberto Carneiro tem vindo a produzir, ao longo da sua carreira, como docente, e ainda como estudioso e especialista em Educação.

Para isso, socorremo-nos de um estudo de reflexão prospetiva, e que tem como título, *O Futuro da Educação em Portugal – Tendências e Oportunidades*.<sup>16</sup>

Iremos abordar as ideias tecidas por este autor, contidas no Volume I, deste estudo e que tem como título: *Questões de Método e Linhas Gerais de Evolução* e subtítulo: *2020: 20 Anos para vencer 20 décadas de atraso educativo*.

Este estudo prospetivo teve como finalidade principal integrar um conjunto de perspetivas de estudiosos e especialistas, no âmbito da Educação, contextualizando-a nos últimos vinte anos do século XX e nos primeiros vinte, do século XXI.

Para uma melhor compreensão e para uma leitura clara deste estudo e em particular, a parte relativa às considerações tecidas por este autor, decidimos dividir esta reflexão em três partes.

#### 1.3.1 – Panorama Educativo Europeu, em finais do século XX e nas primeiras décadas do século XXI

No ambiente turbulento em que vivemos, atravessado por múltiplas descontinuidades, muitos se interrogam sobre a relevância social da Educação. Este estudo rasga o horizonte de uma utopia que nos permitirá saber até onde podemos e devemos ir.

---

<sup>15</sup> A saber: *Que expectativas para o Professor do século XXI?*

<sup>16</sup> *O futuro da educação em Portugal - tendências e oportunidades: Um estudo de reflexão prospetiva*.(2001) dir. Roberto Carneiro; coord. João Caraça, M.<sup>a</sup> Emília São Pedro. Ministério da Educação. Departamento de Avaliação Prospetiva e Planeamento

Impõe-se, no dealbar do século XXI, resgatar a Educação de um simples funcionalismo económico e reinventar uma nova *Paideia*, reconstruindo, a um tempo, a Educação e a Cultura nos estaleiros que erguemos, em ordem ao *desenvolvimento pessoal e social*.

A Europa da *condição humana* é a Europa da *Educação*. A promoção da primeira é dever da segunda. Podemos mesmo afirmar, Educação – Europa - Espaço de Humanidade, onde todos possam ter um lugar que recusa a exclusão, espaço regido pela criatividade no governo da cidade, movido pelo espírito do empreendedorismo social, que se traduz no prazer e na sabedoria de convivermos em harmonia.

É, por isso, imperativo que assumamos uma atitude pró-ativa, em detrimento de uma atitude passiva, sobre o agir na Educação, como o futuro, cada vez mais, nos exige.

Por tal, devemos ter uma visão, construída na intencionalidade de futuros cenários, passíveis se serem exequíveis.

O Professor Roberto Carneiro aponta no seu contributo neste estudo, para a última obra de Eric Hobsbawm (2000), onde este autor faz alusão a cinco mutações que, direta ou indiretamente interferiram na Educação, nos últimos quarenta anos e que passamos a enunciar:

- Ao longo do século XX, apesar dos diversos conflitos operados em espaço europeu, assistiu-se a um aumento progressivo da população, devido, também, às melhores condições de vida, o que proporcionou um acesso generalizado, à Educação;
- Simultaneamente, a escolarização sofreu grandes avanços, o que teve repercussões na Educação, na cultura e nos hábitos das populações;
- É, a partir da segunda metade do século XX e inícios do século XXI, que o papel e o estatuto da mulher se afirma, assumindo relevância, no mundo do trabalho, como até ao nível do domínio político, em cargos de destaque;
- Assiste-se, hoje, a uma explosão no mercado educativo. Por um lado ainda existem países onde o ensino básico não se encontra efetivado, por outro, regiões onde o declínio demográfico é uma realidade, os jovens propendem a estudar até mais tarde l. Por fim, ainda, é possível, nos dias



de hoje, às pessoas em idade de reforma, voltar a estudar em universidades seniores.

- Como última mutação, Eric Hobsbawm (2000) reforça a ideia que a descida abrupta da taxa de fecundidade na Europa, está relacionada com o alto nível educativo que as mulheres atingem nos dias de hoje, e consequentemente a inserção dos jovens no mercado de trabalho acontece numa idade mais tardia, o que inibe as jovens, de se predisporem à maternidade.

A condição humana vive numa constante conflitualidade, entre a *ordem* e a *desordem*, tendendo, quase sempre, para a *ordem*, mas que, por vezes, por motivos alheios à sua vontade, é obrigada a gerir momentos de sofrimento, de conflito, de *desordem*.

No que se refere ao futuro da Humanidade, temos a idoneidade e a legitimidade para conduzi-lo, da melhor maneira, apesar da incógnita e das incertezas, quanto ao porvir. No entanto, é através da “sede” de conhecimento, que conseguiremos alcançar uma profícua construção.

O mundo globalizado vive momentos de grande agitação e no que se refere ao domínio da Educação é premente e célere que se questione o que é que os Estados-Nação desejam para as suas sociedades, para as gerações vindouras.

O Professor Roberto Carneiro termina este primeiro capítulo interpelando:

Que educação e que formação poderemos aspirar a ter, no final dos próximos vinte anos? Qual o perfil educativo que melhor poderá servir o Portugal do século XXI? Como garantir um *quantum*, de mudança efetiva, sem que o país se volte a atrasar, com respeito por uma cultura multissecular de nação?

(CARNEIRO, 2000: 33)

### **1.3.2 – O espelho da Educação em Portugal no início do século XXI**

Dentro da reflexão do Professor Roberto Carneiro e procurando integrar este estudo na problemática do nosso trabalho de investigação<sup>17</sup>, julgamos ser uma mais-valia, deixar as ideias centrais contidas nesta síntese, sobre o futuro da Educação em Portugal.

Assim, o nosso autor começa por propor um desafio a todos que, direta e indiretamente, estão relacionados com o universo da Educação, e que medidas a implementar, para recuperar os vinte anos de atraso educativo, das últimas décadas do século XX.

O panorama dos últimos vinte anos, do século XX, em Portugal, foram palco de intensas e grandes mudanças.

Uma das marcas que melhor contribuiu para as mudanças e a evolução das políticas educativas em Portugal foi, a mudança de regime político – de uma ditadura para uma democracia - como também, a adesão de Portugal à União Europeia.

Não obstante, o setor Educativo foi aquele que melhor espelhou os desnortes da sociedade portuguesa da época de então, mas, igualmente foi nela, que se foram despertando os novos ideais, para uma Educação mais dinâmica e mais participativa, na vida das pessoas.

Estas mudanças e o progresso verificado nos finais do século XX e no início do século XXI, resultaram de um trabalho bem delineado, por parte daqueles que detinham o poder e a escolarização em Portugal passa a acompanhar, quase em equidade, os restantes países da Europa do sul.

Pela primeira vez na história de Portugal, entramos no novo século (século XXI), com a maioria da população alfabetizada. No entanto, estes inquestionáveis

---

<sup>17</sup> A saber: Que expectativas para o Professor do século XXI?

avanços são confrontados com os persistentes estrangulamentos estruturais que, de certa forma, caracterizam a mentalidade e a cultura portuguesa.

O nível de literacia e os conhecimentos nas áreas científicas - matemática e ciências - que são palco de avaliação, por parte destes organismos internacionais, colocam os jovens portugueses, num patamar muito abaixo da média europeia.

Simultaneamente, há um descurar, das instituições responsáveis pela Educação, pela preocupação de conduzir o aluno, desde o início do seu percurso escolar, com profissionais, devidamente formados e informados, sobre *aquela* que têm à sua frente. Claro que aqui falamos do aluno, a “peça” fundamental para que uma sociedade evolua e adquira cidadãos críticos e responsáveis.

Este estrangulamento estrutural que, tão bem caracterizou todo o percurso e a evolução que o Sistema Educativo português atravessou nos últimos dois séculos, vai agora, no início do século XXI, se esvair e dar uma oportunidade a Portugal de “apanhar o comboio”, da 3ª Revolução Industrial, afirmando que possui as condições humanas e geográficas que, nas duas primeiras Revoluções Industriais não conseguiu acompanhar.

Há, no entanto, que tomar consciência da dificuldade que Portugal vai ter, ao nível dos *ativos intangíveis*: inovação e criatividade; conhecimentos e competências; sistemas de educação, formação e investigação; culturas de aprendizagem permanente; capacidade de assumir riscos; mentalidade de serviços e de criação de valor, resultante do desinvestimento na Educação, no decorrer das últimas vinte décadas.

### **1.3.3 - Onde se situa o papel do Professor/Educador para a concretização plena da Educação em Portugal?**

A explicação que o nosso autor aponta para as vinte décadas de atraso educativo português, foi a seguinte:

Faltou a motivação para essa intervenção, em contraste com o que se verificou noutros Estados do Sul da Europa. (CARNEIRO, 2000: 37)

E, acrescenta e reforça:

Os últimos 20 anos do século XX traduziram-se num esforço sustentado da nação para galgar uma parte do fosso que continua a separar-nos do resto da Europa desenvolvida  
Os próximos 20 anos são a grande oportunidade para recuperar definitivamente as 20 décadas do atraso educativo! (Ibidem)

Para melhor responder à questão que colocamos neste item, partimos da seleção feita pelo nosso investigador, de seis grandes temas, que tão bem personificam a cultura portuguesa e poderão dar ao leitor, uma visão mais orientada e clara sobre a complementaridade existente entre estes seis grandes temas e realçar a sua relevância para as próximas duas décadas da educação em Portugal.

O temário escolhido reuniu-se em torno, dos seguintes núcleos:

- Os portugueses e os saberes
- Todos a vencer
- Lugar de civilização
- Nós e os outros
- Avaliar para mudar
- Mobilizar para a Sociedade Educativa

Para que seja efetivada a revolução, no entendimento de uma Educação dinâmica e prospetiva, é necessário inverter a forma de pensar das pessoas e a cultura das organizações. A relação entre o saber, o conhecimento e a competência tem que assumir um papel multi e intergeracional, com o objetivo da Educação se tornar um aliado e um companheiro, ao longo de toda a vida.

A função das instituições educativas, escolas e universidades, têm a obrigação de acompanhar e proporcionar a todas as pessoas que queiram continuar a aprender, as condições materiais e pedagógicas. Deverão ser elas, também, organizações aprendentes, como os próprios professores deverão aceitar, este desafio.

O fenómeno das novas tecnologias também entrou na Educação e obrigou os responsáveis (instituições e escolas) a adaptar os curricula, transformando os espaços educativos, em unidades criativas de conteúdos educacionais.

Num contexto de saberes digitais e de novas competências criativas, o Homem é indiciado, a atingir a capacidade de síntese e a dar um sentido às coisas. É por aqui que vamos estimular e motivar os nossos protagonistas (professores e alunos). Assiste-se a uma população, com uma auto-estima e uma confiança elevadas.

Por isso, estimular os intervenientes para a excelência e proporcionar a equidade entre todos, só pode conduzir um Sistema Educativo para a valorização do desenvolvimento humano e social, contrapondo ao Sistema Educativo baseado no paradigma industrial.

Urge, então, que a cooperação para a competitividade passe a inspirar as metodologias educativas, desde os primeiros anos de ensino e se dissemine, com o intuito de criar núcleos de entreajuda, originando um capital social, baseado na capacitação individual, em cooperação com a social e a comunitária.

Só valorizando a soberania comunitária, enquanto parte integrante da *polis*, é que a escola e a universidade poderão assumir um lugar central e de destaque, na sua própria envolvência, como centro cívico de excelência e como núcleo de qualidade de vida, onde deve haver lugar para a trilogia dos três C's – *Conhecimento, Cultura e Confiança*.

Trata-se, assim, de uma *polis* vocacionada para os saberes e determinada a construir um propósito e um sentido aos seus habitantes. Como sublinha, o nosso autor:

Educar na e pela qualidade é um contributo imprescindível para a prossecução desse magno desafio. (CARNEIRO, 2000: 42)

O mundo globalizado em que vivemos, impõe-nos, desde logo, novas formas de conviver e dialogar com os outros. A necessidade de obedecer a padrões e a uma normalização, faz-nos repensar e refletir sobre a necessidade urgente, de avaliar e perceber que, só através da *mudança* é que conseguiremos acompanhar os países desenvolvidos. No caso de Portugal, esta *mudança* ter-se-á que fazer, se não continuará a persistir naquele isolamento, que já não se coaduna com os dias de hoje.

E, quando falamos em Educação, só com recurso à fixação de padrões de desempenho, à permanente cultura de avaliação, de forma a estimular os intervenientes, à “reflexidade” e ao aperfeiçoamento dos processos pedagógicos utilizados, é que conseguiremos alcançar níveis de excelência, como os outros países europeus.

Assim, teremos que mobilizar todos os esforços, tanto, e em especial, junto das instâncias políticas e elites proeminentes, como ao nível das comunidades cívicas e sociais, com um projeto bem delineado e consistente, para que todos os intervenientes (professores e formadores) consigam dar o seu melhor, no sentido de eleger uma *Sociedade Educativa*. É, já um grande desafio cultural, que poderá ter grandes repercussões, se for utilizada uma adequada pedagogia social e cívica.

E, é aqui, que o nosso autor revela, a importância que a postura e a conduta exercida pelo Professor e restantes agentes do Sistema Educativo assumem, neste mundo globalizado, centrando sempre, a sua atenção na pessoa humana, contida em cada aluno.

Aprender enquanto ensinam, ensinar enquanto aprendem. Este é o repto lançado aos educadores portugueses e que tão bem sabem, os desafios que terão que ultrapassar, nas próximas duas décadas, para a efetivação e afirmação, de uma *Sociedade Educativa*.

O nosso autor explica o sentido real que, a criação de uma *Sociedade Educativa*, poderá ter para o desenvolvimento económico e social de Portugal, mas sempre, a partir do contributo que a Educação tem neste mesmo desenvolvimento.

Por tal, uma conjuntura habituada a uma Sociedade do Conhecimento, terá que reformular o seu modo de pensamento e criar todas as condições para formar e informar uma Sociedade vocacionada para a *Aprendizagem* e marcada pela procura da sabedoria. Estaremos, então, perante uma Sociedade preparada para a unidade e a continuidade do aprender: *em cada indivíduo, em cada comunidade, em cada nação*.

São as chamadas *comunidades aprendentes* - capacitadas para assumir as responsabilidades primordiais na condução das atividades de educação e de formação no seu interior – e as *culturas comunitárias* - criação de uma nova sociedade em rede, que atuam em consonância com os interesses dessa nova sociedade.

A Educação como paradigma Industrial terá que dar lugar a uma Educação como Serviço, onde este serviço é prestado ao cliente – as instituições educativas e formativas terão que recentrar o serviço no aluno ou no adulto-formando.

Esta Sociedade Educativa terá que focar a sua atenção num plano onde convivem mutuamente comunidades aprendentes, ou seja, onde o foco principal são as *pessoas*, através da multi e intergeracionalidade e o acesso ao conhecimento e à inovação esteja ao dispor de todos estes, sem critério de género, raça ou credo.

O Professor Roberto Carneiro faz alusão, na sua Síntese do Estudo, a dois documentos que evidenciaram a relevância que, a Educação, o Emprego e a Coesão Social têm para o desenvolvimento de qualquer Nação.

São eles, o Relatório para a UNESCO, da Comissão para a Educação, no século XX (1996), com coordenação de Jacques Delors e o outro as Conclusões da Cimeira de Lisboa, realizada entre 23 e 24 Março de 2000, sob o lema, do Emprego, das Reformas Económicas e da Coesão Social – para uma Europa baseada na Inovação e no Conhecimento. Neste segundo documento, ficou bem expresso, as vontades deixadas pelos Chefes de Estado e pela União Europeia, sobre o que deve ser as suas prioridades, a saber:

“As pessoas são o principal trunfo da Europa e deverão constituir o ponto de referência das políticas da União. O investimento nas pessoas e o desenvolvimento de um Estado-providência activo e dinâmico será fundamental tanto para o lugar da Europa na economia do conhecimento como para assegurar que a emergência desta nova economia não venha agravar os problemas sociais existentes em matéria de desemprego, exclusão social e pobreza.” (CARNEIRO, 2000: 52)

Achamos, que demarcar estes dois documentos, para o nosso enquadramento teórico seria relevante, pois tanto o primeiro como o segundo convergem para o tema<sup>18</sup> do nosso projeto de investigação.

Como deverá, então, ser encarado o papel do Professor, a partir das mudanças operadas nestes últimos vinte anos?

Um dos motes do primeiro documento acima mencionado, foi privilegiar a tónica na vertente do *Aprender* relativamente à do *Ensinar*, isto é, esta *Sociedade*

---

<sup>18</sup> A saber: Que expectativas para o Professor do século XXI?

*Educativa*, terá que enfatizar a *aprendizagem pela vida fora*, dito de outro modo, *com a vida e fazendo do viver uma experiência com sentido*.

O Professor Roberto Carneiro sintetiza com clarividência, a mensagem contida neste documento, a saber:

Nesta linha de entendimento, aquela Comissão Internacional buscou oferecer uma fórmula simples, mas sólida e operativa, para a resposta educativa do novo século; ela vem consubstanciada em quatro pilares cardinais do novo aprender: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a viver juntos. (CARNEIRO, 2000: 72)

Advém, ainda, a perspectiva de encarar esta *Sociedade Educativa*, como um *Contrato Social*, onde há lugar para um código de conduta, onde existem direitos e deveres, uma cidadania ativa e participativa.

Mais ainda, viabilizar uma nova geração de criadores/professores que coloquem a tônica no desenvolvimento humano, no desenvolvimento do aluno, ao nível de três dimensões: *pessoal e cultural; social e comunitário e profissional e empregabilidade*.

Será que a Educação que se espera para o século XXI, precisa de um Professor diferente?

É óbvio que sim, face às posições dos diferentes autores e obras que fomos lendo para o enquadramento teórico e à visão que no terreno da prática profissional foi possível constatar. Professores diferentes, alunos com outros interesses e motivações, organizações que têm de se repensar a cada momento.



## CAPÍTULO 2

### Enquadramento Metodológico

#### 2.1 – Contextualização do Estudo: escola e amostra

O nosso estudo foi levado a cabo na *Escola Secundária Inês de Castro*. O seu nome deve-se à figura histórica de Inês de Castro, pois que, “segundo a opinião de Montalvão Machado, D. Pedro e D. Inês devem ter vivido no Paço de Canidelo, desde o início de 1352 até ao fim de 1353 e aí deve ter nascido a Infanta D. Beatriz, sua filha”.

É uma escola pública que leciona o 3º ciclo do Ensino Básico (60%) o Ensino Secundário, com percurso regular, os Cursos Qualificantes (Cursos de Educação e Formação - CEF, Cursos de Educação e Formação de Adultos – EFA, Unidades de Formação de Curta Duração – UFCD, Cursos Profissionais) e é sede de um Centro de Novas Oportunidades (CNO) com Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências. Desde, 2006 é escola T.E.I.P.

A escola fica situada no Concelho de Vila Nova de Gaia, freguesia de Canidelo, lugar dos Quatro Caminhos, na Rua do Meiral. Os limites da zona de inserção da Escola são o rio Douro a norte, a freguesia de S. Pedro da Afurada a nordeste, a freguesia de Santa Marinha a leste, o Oceano Atlântico a oeste e a freguesia da Madalena, a sul, enquadramento que lhe proporciona uma grande diversidade paisagística, etnográfica e cultural.

A área de influência pedagógica abrange as freguesias de S. Pedro da Afurada e de Canidelo. As duas freguesias apresentam características distintas.

De acordo, com o Relatório elaborado pela IGEC – Inspeção-Geral da Educação e Ciência, vinculada ao Ministério de Educação e Ciência, a Avaliação Externa das Escolas realizada, na Escola Inês de Castro, no ano letivo 2011/2012, a sua população escolar totalizou 1384 alunos: 620 (28 turmas) pertencem ao 3º ciclo; 428 (19 turmas)

aos cursos científico-humanísticos do ensino secundário; 216 (12 turmas) aos cursos profissionais; 100 (seis turmas) aos cursos de educação e formação de jovens de nível básico e 20 (uma turma) aos cursos de educação e formação de adultos de nível secundário. Cerca de 96% dos discentes são de nacionalidade portuguesa; 24% dos alunos, do ensino básico e 21% do ensino secundário têm computador com ligação à Internet. Dos alunos que frequentam o estabelecimento de ensino, em regime diurno, 69% não beneficiam de auxílios económicos, no âmbito da ação social escolar.

O corpo docente, em 2011/2012, era constituído por 164 profissionais, sendo 68% dos docentes dos quadros. A experiência profissional é significativa, pois 74% lecionam há 10 anos ou mais. O pessoal não docente, composto por 48 elementos, é estável, já que 98% possuem contrato de trabalho em funções públicas, por tempo indeterminado.

Os indicadores relativos à formação académica dos pais dos alunos permitem verificar que 18% têm formação secundária e superior. Quanto à ocupação profissional, 11% dos pais exercem atividades profissionais de nível superior e intermédio.

No que se refere à amostra selecionada para implementação do nosso Estudo de Caso, recorreremos a três turmas do Ensino Básico, uma do 8º ano, turma C,<sup>19</sup> na área disciplinar de Geografia e as outras duas, do 9º ano, turmas F e G, da área disciplinar de História.

A nossa opção recaiu por turmas que estivessem integradas no mesmo ciclo de escolaridade, devido à aproximação das faixas etárias, como também, às capacidades cognitivas dos alunos que integravam cada uma destas turmas, para o tipo de metodologia que foi utilizada - *Inquérito por Questionário*.

Em termos de caracterização cada uma das turmas apresenta um universo de alunos, bastante diferente. A turma C, do 8º ano, da área disciplinar de Geografia, era constituída por vinte e três alunos, sete raparigas e dezasseis rapazes, com idades compreendidas entre os treze e catorze anos. Foi uma turma que provocou situações educativas muito desafiantes e que nos obrigou a criar estratégias de aprendizagem muito diversificadas e dinâmicas, para mobilizar e suscitar a atenção dos alunos, pois

---

<sup>19</sup> A Saber: As letras atribuídas às turmas mencionadas no nosso trabalho de investigação são fictícias, de forma a manter o anonimato das mesmas (turmas).

tratava-se de uma turma com alguns problemas disciplinares. Todavia, conseguimos, no final da *Iniciação à Prática Profissional*, criar uma boa empatia com todos os alunos, em geral. Em termos de resultados, nas avaliações realizadas as notas foram satisfatórias, destacando um grupo muito restrito de alunos bons.

A turma F, do 9º ano, da área disciplinar de História, era constituída por vinte seis alunos, catorze raparigas e doze rapazes, com idades compreendidas entre os catorze e quinze anos. Ao nível do processo de ensino e da aprendizagem, foi uma turma um pouco apática, apesar de haver, alguns núcleos mais atentos e interessados nos conteúdos estudados. Ao nível disciplinar, não foi sentido grandes problemas, apenas alguns apontamentos de circunstância. A implementação das situações educativas requereu uma diversificação de recursos de trabalho, como ao nível do questionamento e da exploração dos mesmos, um cuidado aprimorado e coerente. Em termos de resultados, nas avaliações realizadas as notas foram satisfatórias, com alguns alunos muito bons.

A turma G, do 9º ano, da área disciplinar de História, era constituída por vinte seis alunos, dezassete raparigas e nove rapazes, com idades compreendidas entre os catorze e quinze anos. Ao nível do processo de ensino e da aprendizagem, foi uma turma com alguma dinâmica, apesar de haver, alguns núcleos mais distraídos e pouco interessados nos conteúdos estudados. Por tal, a implementação das situações educativas suscitou momentos de aprendizagem bem-sucedidos. Contudo, houve necessidade em diversificar os recursos utilizados, como melhorar o questionamento e a exploração dos mesmos, para cumprir com o plano de aula previsto. Ao nível disciplinar, não foi sentido grandes problemas, apenas alguns apontamentos de circunstância. Em termos de resultados nas avaliações realizadas, as notas foram, de um modo geral, satisfatórias, com alguns alunos muito bons.

## 2.2 – Tipo de metodologia implementada e suas etapas

A investigação, como a diplomacia, é a arte do possível.

W. Q. PATTON<sup>20</sup>

Um método é um conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecer uma determinada realidade, produzir determinado objeto ou desenvolver certos procedimentos ou comportamentos (OLIVEIRA, 1997). O método científico caracteriza-se pela escolha de procedimentos sistemáticos para descrição e explicação de uma determinada situação sob estudo e sua escolha deve estar baseada em dois critérios básicos: a natureza do objetivo ao qual se aplica e o objetivo que se tem em vista no estudo (FACHIN, 2001).

Dentro do método científico pode-se optar por abordagens quantitativas ou qualitativas, embora haja autores que discordem desta dicotomia (GOODE e HATT, citados por, OLIVEIRA, 1997). A abordagem qualitativa tem sido frequentemente utilizada em estudos voltados para a compreensão da vida humana em grupos, em campos como sociologia, antropologia, psicologia, de entre outros das ciências sociais.

Pesquisas de natureza qualitativa envolvem uma grande variedade de materiais empíricos, que podem ser: *estudos de caso*, experiências pessoais, histórias de vida, relatos de introspeções, produções e artefactos culturais, interações, enfim, materiais que descrevam a rotina e os significados da vida humana em grupos.

A escolha da metodologia num trabalho de investigação é, sem dúvida, um momento de difícil decisão e que causa, por vezes, uma certa angústia. A opção por uma determinada perspectiva de investigação procura o ajustamento entre a forma de se proceder ao longo do caminho e a chegada a um determinado resultado.

Como tal, sabe-se que o que realmente influi sobre a escolha do método é o posicionamento do investigador, relativamente ao paradigma investigativo, portanto, a

---

<sup>20</sup> FERNANDES, D. (1991). *Notas sobre os paradigmas de investigação em Educação*, Noesis, (18), 64-66

sua atitude face ao nível teórico e epistemológico que rege toda a investigação. A posição que se toma está intimamente ligada à forma como se perspetiva a realidade e esta tem, necessariamente, que trazer implicações às questões epistemológicas.

Contudo, uma questão se coloca: até que ponto é que a escolha do paradigma de investigação deve ser determinada pelas características do objeto de estudo? A relação causa-efeito parece-nos, no mínimo, pertinente. Será que o próprio problema em estudo não é já, inevitavelmente, determinado pelo paradigma do investigador? É o problema que modela o paradigma ou o paradigma que modela o problema? A pertinência destas questões, pensa-se, não ser tanto discutir o que vem em primeiro lugar, mas sim a existência de uma certa coerência entre o paradigma e o problema em estudo.

Por isso, um bom problema de investigação baseia-se no seguinte:

(...) uma investigação científica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos; enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidência (...) e beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a colecta e análise dos dados. (YIN, 2001: 32-33).

Ora, a educação e tudo o que lhe é inerente (alunos, professores, escola) tornam-se num campo de forte interesse para um estudo qualitativo, onde o principal objetivo é estudar “a realidade no seu contexto natural, tal como sucede, na tentativa de retirar sentidos, de interpretar os fenómenos de acordo com os significados que têm para as pessoas implicadas” (RODRIGUEZ GOMÉZ et al., 1996: 32). A abordagem qualitativa coloca a ênfase na compreensão e admite que a realidade é subjetiva, inatingível e holística, ou seja, admite uma visão pluralista da realidade de acordo com as interpretações dos indivíduos que a procuram investigar e analisar.

A ideia vinculada pelo autor Rodríguez Gómez é, também, defendida por Luísa Aires, numa das suas obras<sup>21</sup>, onde diz:

As diferentes fases do processo de investigação qualitativa não se desencadeiam de forma linear mas interactivamente (COLÁS, 1998), ou seja, em cada momento existe uma estreita relação entre

---

<sup>21</sup> AIRES, Luísa. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta. 1ª Edição

modelo teórico, estratégias de pesquisa, métodos de recolha e análise de informação, avaliação e apresentação dos resultados do projeto de pesquisa. (AIRES, 2011: 14)

E, ainda, conclui:

O investigador, multiculturalmente situado, constrói acerca do mundo e de si próprio um conjunto de ideias (domínio ontológico) que especificam um conjunto de questões, de modos de conhecer (domínio epistemológico) que, por sua vez, são examinados de formas específicas (domínio metodológico). (AIRES, 2011: 15)

O contexto onde se realizou este trabalho de investigação, conduziu-nos à implementação de uma metodologia de índole qualitativa, mas, sempre, com uma retaguarda de um paradigma interpretativo, ou seja, as perguntas “Porquê?”, “A Quem?” e “Como?”, foram o ponto de partida para a conceção da questão que dá título<sup>22</sup> a este trabalho de investigação. A investigadora Luísa Aires afirma no seu livro, o seguinte:

GUBA (1990: 17) considera o paradigma, ou esquema interpretativo, “um conjunto de crenças que orientam a acção”. Cada paradigma faz exigências específicas ao investigador incluindo, as questões que formula e as interpretações que faz dos problemas. (AIRES, 2011: 18)

Como, também, é reforçado por estes autores:

No Método do *Estudo de Caso* a pergunta de pesquisa deve estar focada em “como” e “por que”, questões que levam à análise da evolução de um fenómeno ao longo do tempo e para as quais a contagem de incidências, por exemplo, pode não trazer respostas. (...); isto significa que podem ser utilizadas inclusive evidências (dados) de natureza quantitativa que estejam catalogadas (conforme proposto por STAKE, In DENZIN e LINCOLN, 2001). Esta é considerada uma das vantagens deste método sobre outros métodos de investigação tidos como qualitativos.

Por isso, a nossa decisão recaiu pelo, *Estudo de Caso*, por tudo o que já enunciamos, anteriormente, as próprias características do nosso contexto de trabalho, e, conforme, afirma o autor abaixo mencionado:

Neste tipo de investigação, o *estudo de caso* é muito utilizado quando não se consegue controlar os acontecimentos e, portanto, não é de todo possível manipular as causas do comportamento dos participantes (YIN, 1994).

---

<sup>22</sup> A Saber: Que expectativas para o Professor do século XXI?

E, ainda sublinha:

Um *estudo de caso* é uma investigação que se baseia principalmente no trabalho de campo, estudando uma pessoa, um programa ou uma instituição na sua realidade, utilizando para isso, entrevistas, observações, documentos, questionários e artefactos. (idem)

Assim, iniciamos o nosso *Estudo de Caso*, recorrendo ao *Inquérito por Questionário*, o qual foi distribuído em duas fases: a primeira, um *Inquérito Preparatório*, onde foi realizada uma primeira abordagem aos alunos e no qual pretendemos perceber como é que os alunos representam e compreendem o que é o *Bom Professor do século XXI*.

Este primeiro *Inquérito* foi realizado, no 2º período do ano letivo em curso, no mês de Fevereiro, após um conjunto de regências realizadas, tanto no âmbito da disciplina de História, como no âmbito da disciplina de Geografia.

A estrutura e a conceção do 1º *Inquérito*<sup>23</sup> foram divididas em quatro partes: a primeira, com a introdução, informação relativa ao contexto e ao objetivo deste *Inquérito*; a segunda parte diz respeito à identificação do aluno, que inclui os seguintes itens: idade, sexo, nível de escolaridade e a disciplina em que se enquadra o preenchimento do *inquérito*, como ainda, as habilitações dos encarregados de educação; a terceira parte, com o corpo do *Inquérito*, ou seja é nesta parte que foi concebida uma tabela constituída por um conjunto de quinze considerações, relativas às características que o *Bom Professor* deve possuir.

Esta tabela foi construída recorrendo às quinze considerações propostas e à *Escala de Likert*, onde os inquiridos teriam que escolher os seis parâmetros que fazem parte desta Escala, a saber: *Concordo Totalmente*, *Concordo*, *Indiferente*, *Discordo*, *Discordo Totalmente* e *Não Sei*.

De acordo com a natureza do trabalho de investigação, este era o tipo de medição mais adequada. Assim, a *Escala de Likert* define-se por um tipo de escala de resposta psicométrica usada habitualmente em questionários, e é a escala mais usada em pesquisas de opinião. Ao responderem a um questionário baseado nesta escala, os

---

<sup>23</sup> Ver Anexo 1

inquiridos especificam o seu nível de concordância, com uma afirmação. O nome deve-se a um relatório publicado pelo seu próprio autor, *Rensis Likert*.<sup>24</sup>

A quarta parte do Inquérito foi uma *Questão Aberta*, dando a possibilidade ao aluno de reforçar a sua ideia sobre a problemática em estudo.

Este Inquérito foi entregue aos alunos da turma C do 8º Ano, da área disciplinar de Geografia, após o contacto prévio com o/a Diretor(a) de Turma. Procuramos antes do preenchimento do mesmo, fazer uma breve explicação da finalidade deste Inquérito, de forma a clarificar os respetivos alunos, ou ainda, esclarecer qualquer dúvida que estes (alunos) pudessem ter, aquando do seu preenchimento.

De igual forma, realizamos o mesmo procedimento para as turmas F e G, do 9º Ano, da área disciplinar de História. Também recorremos à validação dos Diretores de Turma, e acompanhamos o seu preenchimento com explicações que visassem colmatar qualquer dúvida durante a sua realização.

O objetivo deste *Inquérito Preparatório*, foi tentar compreender qual a representação que este universo de alunos tinha sobre o conceito de, *o Bom Professor para o século XXI*.

Decidimos, também, realizar um segundo *Inquérito por Questionário*, já no 3º período, em finais do ano letivo. Este 2º *Inquérito*<sup>25</sup> foi estruturado e concebido tendo como objetivo *reforçar* e, simultaneamente, *confrontar* os resultados obtidos no primeiro *Inquérito Preparatório*. A sua estrutura sofreu algumas mudanças, apesar de as três primeiras partes (ver 1º *Inquérito*) serem idênticas ao primeiro Inquérito.

Este *reforço* e o confronto com os resultados anteriores, ditaram, em certa medida, a legitimidade da problemática em estudo, como o testemunho deixado por um conjunto de alunos, inseridos numa certa<sup>26</sup> comunidade escolar.

Por isso, e segundo a nossa ideia, o Professor dos dias de hoje, não se pode coibir da assunção dos variados papéis com que é confrontado no quotidiano da sua vida profissional. É a *metacognição* que torna o Professor, no verdadeiro Educador.

---

<sup>24</sup> LIKERT, Rensis (1932). *A Technique for the Measurement of Attitudes*. In. “Archives of Psychology” 140: pp. 1-55

<sup>25</sup> Ver Anexo 2

<sup>26</sup> A saber: Escola Secundária Inês de Castro – Vila Nova de Gaia



Assim, no 2º *Inquérito*, acrescentamos mais algumas questões, para perceber, em primeiro lugar, como estes alunos consideravam e avaliavam os seus *professores titulares*, de cada uma das áreas disciplinares que mencionamos anteriormente, e de seguida era nosso objetivo *confrontá-los* (alunos) através de duas questões sobre as características que encontravam no *professor estagiário*, durante as suas regências em comparação, com o *professor titular*.

Para além destas duas questões, adicionamos, uma questão dicotómica – *Sim* ou *Não* e *se Sim, Quais?* – como, adenda às outras duas questões, e assumindo o formato de questão aberta. Poderia ser um meio para os alunos deixarem a sua “marca” relativamente ao tema em estudo.

Com os resultados do 2º *Inquérito*, é possível tirar algumas ilações sobre a realidade da Comunidade Escolar, onde realizamos a nossa *Iniciação à Prática Profissional*, como o perfil dos alunos que a (Comunidade Escolar) integram e respetivamente, as realidades familiares que lhes (alunos) são inerentes.

Não obstante, os resultados obtidos, a partir deste nosso trabalho de investigação, deverão dar uma resposta à nossa grande dúvida inicial: *Que expectativas para o Professor do século XXI?*

Para tal, vejamos em pormenor e com um cuidado mais apurado, a análise possível dos inquéritos realizados, nestes dois momentos, a partir da problemática em estudo, durante a nossa *Iniciação à Prática Profissional*.

## CAPÍTULO 3

### Tratamento e Análise de Conteúdo

#### 3.1 – Tratamento e Análise dos Dados

Chegados ao ponto em que nos vemos confrontados com os resultados obtidos, após a implementação do nosso instrumento de observação – *Inquérito por Questionário* – e a respetiva recolha dos dados, queremos deixar claro as razões que nos conduziram a optar pela questão, que dá título a este trabalho de investigação.

Mas, antes de iniciarmos o tratamento e a análise dos resultados, deveremos explicar as outras duas questões (“Porquê?” e “A Quem?”) que fazem parte da metodologia por nós escolhida (metodologia qualitativa, como, do paradigma interpretativo). Assim, começamos por deixar a ideia vinculada por Bachelard, sobre conhecimento científico e a sua relação com o papel do Professor.

Bachelard (2000) afirma que o problema do conhecimento científico deve ser pensado com base na noção de obstáculo. A superação de obstáculos inicia-se com uma nova pedagogia, aquela que ele chama de *pedagogia científica*, na qual o esforço do Professor consiste em fazer com que os alunos se afastem da cultura científica adquirida e da percepção apreendida na vida quotidiana, pelo senso comum. É impossível educar por simples referência a um passado de Educação. É necessário pensar numa ciência em mutação e num pensamento aberto que se renove. O "espírito científico" tem que se fundar, deformando-se.

Na visão de Bachelard, a formação do Professor contemplaria uma prática pedagógica, "uma metodologia consciente" que privilegiasse uma pedagogia em rutura, com o conhecimento usual. O verdadeiro espírito científico forma-se na dialética estabelecida por tensões e na abertura integral. Assim, argumentar o pensamento é aumentar a possibilidade de apreender e de criar cientificamente fenómenos complexos,

de regenerar novas dimensões não percebidas por meio do pensamento ingênuo e acrítico. A produção de conhecimento e os processos pedagógicos, justapõem-se.

O enfoque da investigação, interligada à ação pedagógica, pressupõe a atuação do investigador e do aluno sobre o objeto do conhecimento e o desenvolvimento de práticas científicas bem consolidadas. Assim, a formação do aluno estará voltada para o desenvolvimento da autonomia intelectual. Na formação do aluno/investigador, um aspecto importante é, sem dúvida, a formação multidisciplinar e interdisciplinar, de tal forma que, um problema possa ser compreendido pelos conceitos e métodos de outras ciências.

Bachelard (2001) apela para uma razão aberta; por uma nova comunicação pedagógica; por uma Escola que deve ser contínua, ao longo da vida; por uma Educação permanente, e por uma pedagogia do descontínuo e da incerteza. Na prática educativa, chama a atenção para dois aspectos pedagógicos: o do Mestre que, no processo contínuo de aprender, se converte em estudante, pois "permanecer estudante deve ser o anseio secreto de todo o mestre" e, por outro lado, "aquele que aprende deve ensinar", consubstanciando uma inter-relação do ensino.

Respondendo à primeira pergunta – “Porquê?” – a pertinência da problemática em estudo, achamos ser prioritária e fundamental, para uma sociedade que privilegia uma Educação assente em valores - respeito, verdade, responsabilidade - e que conduza, as gerações atuais e futuras ao sucesso, mas, e essencialmente, à formação de cidadãos reflexivos e assertivos, de forma a conseguirem gerir situações de conflito.

Outra razão que nos conduziu a decidir por este estudo, está relacionada com a nossa vontade de poder compreender e aprofundar todos os conhecimentos – científicos e sociais - relacionados com o papel e o contributo que um Professor/Educador imprime no desenvolvimento intelectual e afectivo dos seus educandos, em contexto escolar.

A segunda pergunta – “A Quem?” – insere-se no universo dos alunos que faziam parte das turmas de nível básico, das nossas orientadoras cooperantes, na Escola Secundária Inês de Castro.

Este conjunto compreende setenta e seis alunos, uma turma do 8º ano, com vinte e quatro anos e duas do 9º ano, com vinte e seis alunos, cada uma. Conforme já foi

mentionado no início do nosso estudo – *Pertinência do Tema* – seria de todo, mais coerente e de acordo com a natureza (idade e capacidade cognitiva) dos alunos, circunscrever o estudo apenas ao nível básico.

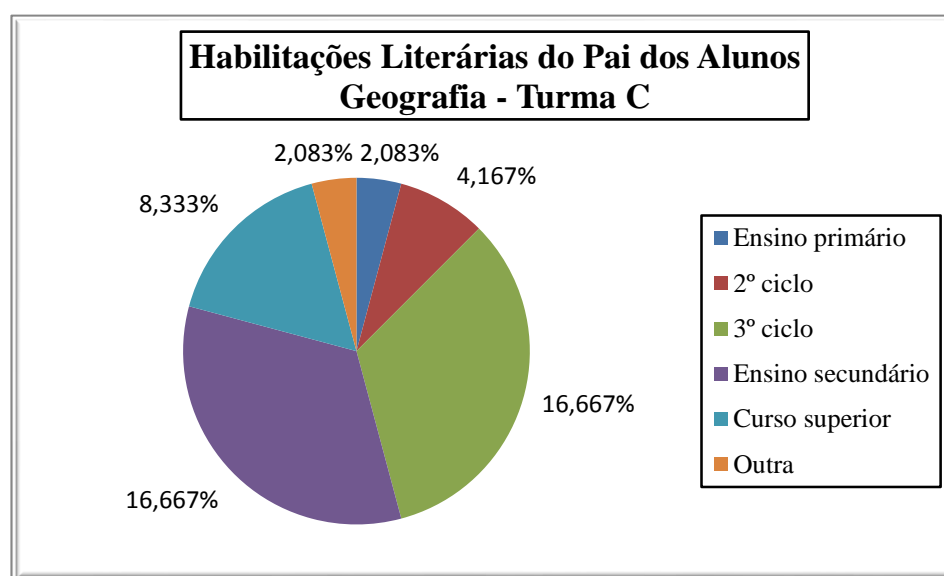
Por isso, o respetivo instrumento de observação foi estruturado, tendo em conta a problemática em estudo, mas também, este universo de alunos.

A resposta à pergunta “Como”, será dada, então, a partir do tratamento e da análise do conteúdo, dos resultados obtidos no *1º Inquérito*.

De acordo com a explanação já feita sobre a estrutura do *1º Inquérito*, vejamos qual foi o critério adotado para o tratamento das diversas variáveis que fazem parte deste Inquérito.

O nosso principal objetivo foi tentar compreender como os alunos representam e se manifestam relativamente ao perfil do Professor ideal, nos dias de hoje. Para isso, utilizamos a Escala de Likert e os cinco níveis de concordância integrados nesta mesma Escala e um sexto nível (*Não Sei*), para aqueles alunos que não tinham opinião sobre a pergunta colocada.

Assim, iniciamos o tratamento dos dados começando por evidenciar a formação escolar dos encarregados de educação, das turmas que foram alvo, do nosso estudo. Vejamos, o gráfico abaixo indicado:



**Gráfico nº1**

Partindo do tratamento estatístico dos elementos inerentes à variável “Habilitações Literárias”, foi possível chegar aos valores inscritos no Gráfico nº 1, que mostra a variância do nível de escolaridade que o Pai dos alunos da turma C, do 8º Ano, na disciplina de Geografia possui. A análise que é possível fazer deste gráfico é que, em média, o nível de escolaridade do encarregado de Educação (Pai) apresenta valores iguais (16,7 %), ao nível do 3º Ciclo e do Ensino Secundário, seguindo-se uma formação académica superior com 8,3%, e os restantes três níveis (ver gráfico) apresentam valores muito menos significativos.

Por tal, a leitura clarividente remete-nos para famílias onde o apoio aos seus filhos poderia surtir bons resultados e aproveitamento ao longo do ano letivo.

Passemos, agora, ao segundo elemento do encarregado de Educação – Mãe. Observemos este segundo gráfico:

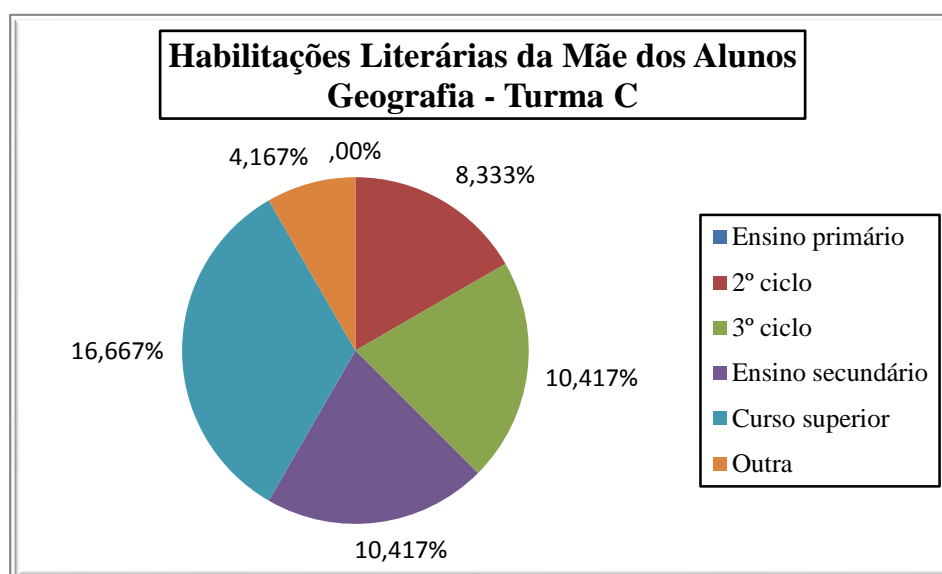
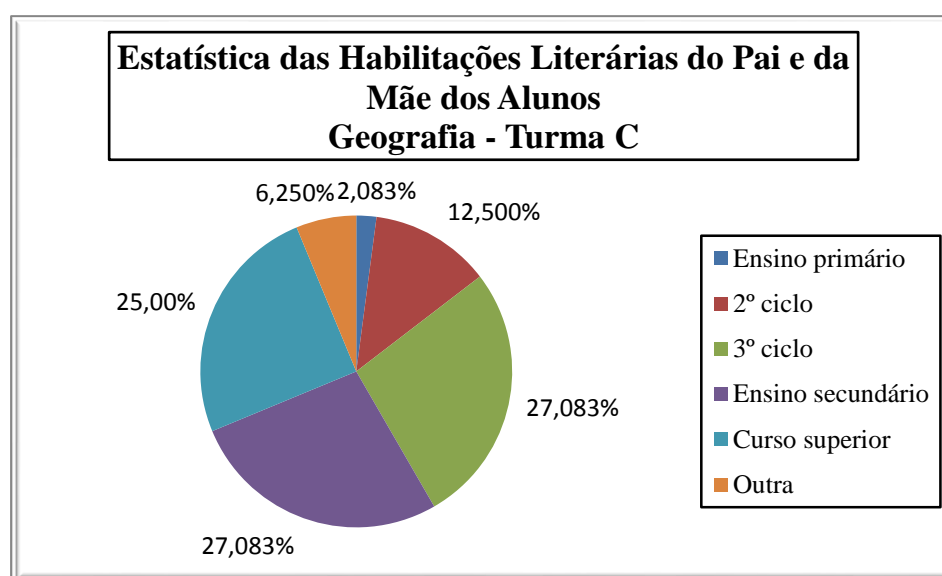


Gráfico nº2

No Gráfico nº 2 verifica-se que o encarregado de educação (Mãe) sobressai-se, pois, apresenta-nos, um valor de 16,7%, ao nível da formação académica superior. De seguida, constatamos que o Ensino Secundário e o 3º Ciclo apresentam valores iguais (10,4%) e com um valor inferior (8,3%), temos o 2º Ciclo. O valor (4,2%) mais baixo

está inserido no parâmetro “Outra”, o qual poderia incluir, qualquer outro tipo de formação. No que se refere ao nível de escolaridade, Ensino Primário, a percentagem é nula, neste caso em particular.

Aquilo que poderemos concluir da análise feita aos encarregados de educação (Pai e Mãe) da turma C, na área disciplinar de Geografia, é que tanto um como o outro educador, estão devidamente preparados para orientarem e acompanharem os seus filhos no crescimento e no sucesso da aprendizagem desta área disciplinar. O Gráfico nº3 ajuda-nos a fundamentar o nosso entendimento relativamente à variável “Habilitações Literárias”, em análise.

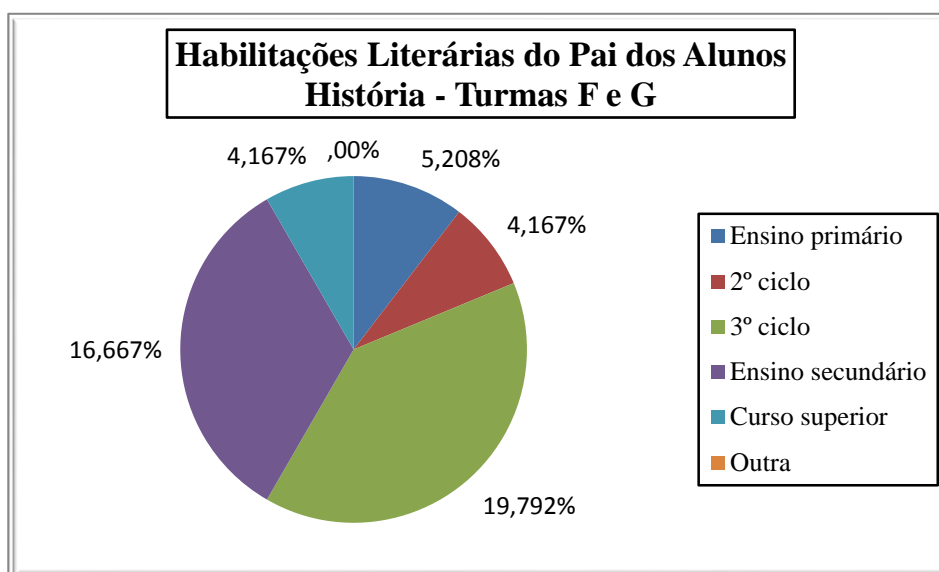


**Gráfico nº 3**

Todavia, apesar de estarmos perante valores que não apresentam grandes oscilações, o que nos poderia levar a concluir as ideias, já anteriormente referidas, no entanto, o contexto familiar nem sempre proporciona ambientes adequados para que os alunos consigam responsabilizar-se pelo estudo das matérias em estudo.

É, aqui, que o papel do Professor tem um grande “peso”, isto é, transmissor e mediador do conhecimento, tutor e, por vezes, conselheiro pedagógico.

Seguindo o mesmo formato que utilizamos, anteriormente, para a variável “Habilitações Literárias” da área disciplinar de Geografia, também para a área disciplinar de História, iremos proceder à análise desta mesma variável, a partir dos seguintes gráficos.



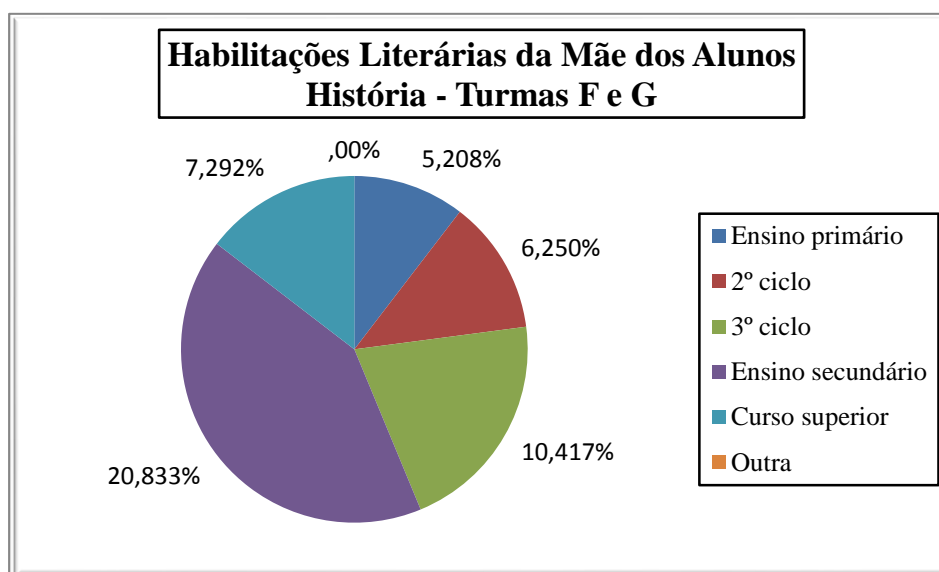
**Gráfico n°4**

No que se refere às turmas da área disciplinar de História, estamos perante duas turmas – Turma F e Turma G, do 9º Ano. A análise possível e que se destaca, no Gráfico n°4 é a preponderância do 3º Ciclo, com um valor de 19,8%, tendo logo de seguida, o Ensino Secundário com o valor de 16,7%. Os restantes níveis de escolaridade (ver gráfico n°4) compreendem valores entre 4 e 5%. O parâmetro “Outra” não foi assinalado por nenhum dos alunos, das duas turmas de História.

Estes resultados conferem ao encarregado de educação (Pai) um nível de escolaridade situado no 3º Ciclo, em paralelo, praticamente, com o Ensino Secundário.

Estarão estes pais preparados, pessoal e intelectualmente, para ajudar os seus filhos a criarem momentos de estudo e de responsabilidade escolar, para conseguirem alcançar o sucesso?

Analisemos, agora, o Gráfico n°5 relativo às Habilitações Literárias do encarregado de educação (Mãe), dos alunos do 9º Ano, da área disciplinar de História.



**Gráfico n°5**

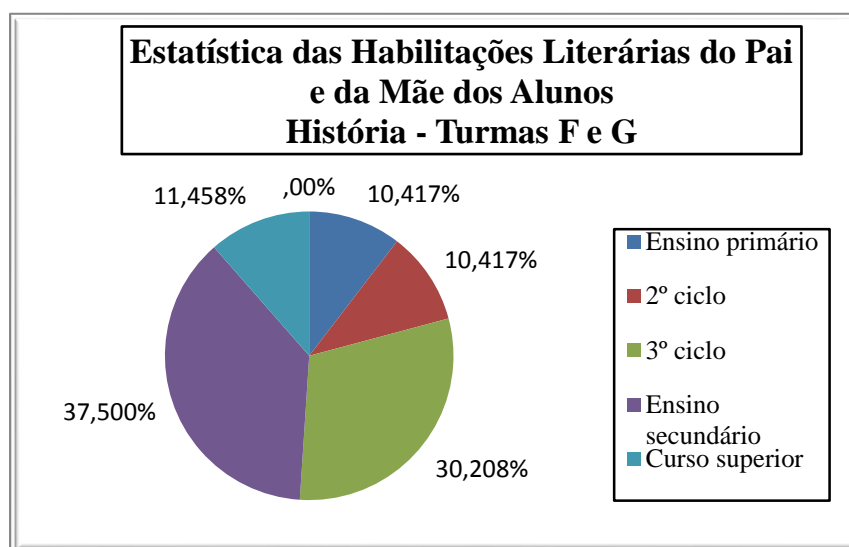
O Gráfico n°5 ilustra muito bem a relevância do nível de escolaridade, do Ensino Secundário, com 20,8%, tendo logo de seguida, o 3º Ciclo, com o valor de 10,4%.

Os restantes três níveis de escolaridade (ver o gráfico n°5) apresentam valores entre os 5 e os 7%. Também, aqui o parâmetro “Outra” não foi indicado por nenhum dos alunos destas duas turmas de História.

Como constatamos com a área disciplinar de Geografia, o nível de escolaridade situava-se entre o 3º Ciclo e o Ensino Secundário. Replicando, também, na área disciplinar de História, os encarregados de educação (Pai e Mãe), encontram-se ao mesmo nível de escolaridade, dos encarregados de educação de Geografia.

Como fizemos no final da análise desta variável (Habilitações Literárias) em Geografia, como também, em História, podemos constatar estes resultados no seguinte gráfico.





**Gráfico nº6**

A conclusão que podemos tirar da análise realizada à variável “Habilitações Literárias”, dos encarregados de educação, das turmas que foram alvo do nosso estudo é que, o universo destes alunos ao nível familiar, indicia que estamos perante progenitores que poderiam dar o apoio suficiente e capaz, em termos intelectuais, para que os seus filhos conseguissem obter bons resultados e sucesso ao longo do ano letivo.

Após a análise da variável “Habilitações Literárias”, iremos de seguida compreender quais os resultados obtidos no *1º Inquérito*, realizado nestas turmas (Geografia – 8º Ano - Turma C e História – 9º Ano – Turmas F e G), no que se refere às quinze caraterísticas que atribuímos, para o perfil do *Bom Professor*.

O tratamento que decidimos efetuar, após a aplicação deste *1º Inquérito* aos alunos, no período já acima indicado, foi através do recurso à estatística, fazendo o somatório das respostas dadas para cada uma das caraterísticas relativas ao perfil do *Bom Professor*, baseado nos níveis de *Concordância* ou *Discordância*, inserido na *Escala de Likert*.

Para isso, observemos a seguinte Tabela:

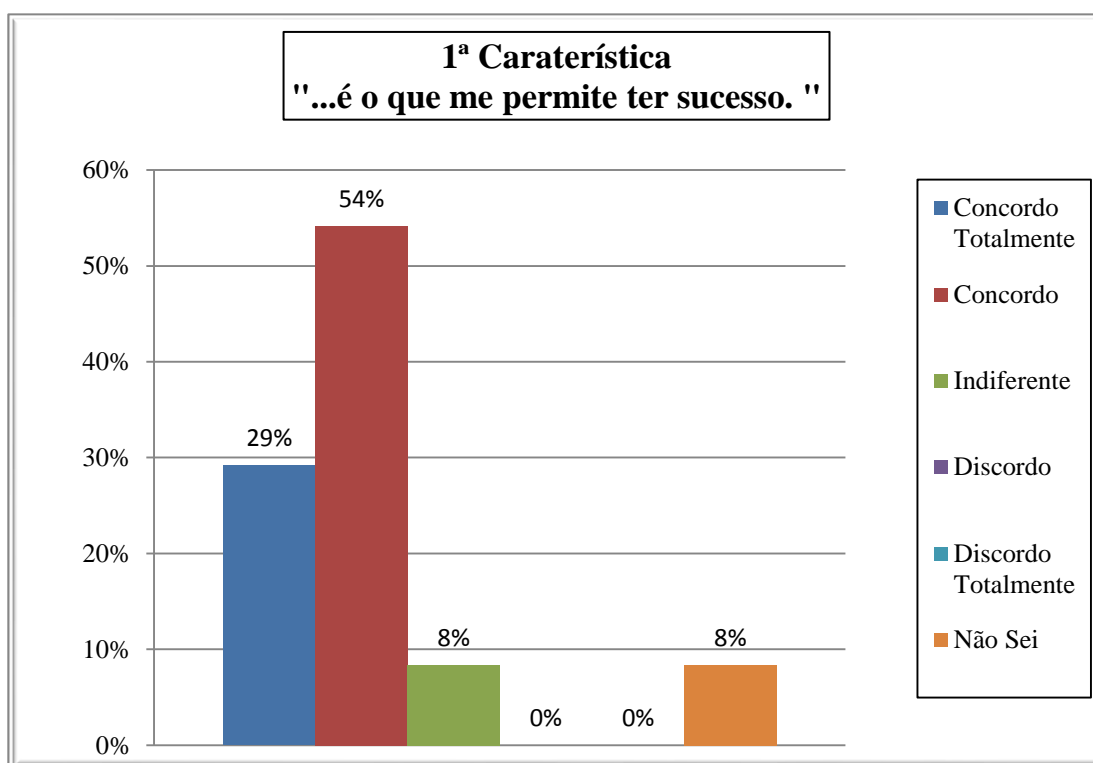
Caraterísticas do Professor	Concordo totalmente		Concordo		Indiferente		Discordo		Discordo totalmente		Não sei	
1- é o que me permite ter sucesso	7	29%	13	54%	2	8%	0	0%	0	0%	2	8%
2 - é o que tenta convencer os seus alunos a gostarem da disciplina	5	21%	8	33%	9	38%	1	4%	1	4%	0	0%
3 - é o que tenta transmitir os conhecimentos utilizando os manuais escolares	3	13%	13	54%	7	29%	1	4%	0	0%	0	0%
4 - é o que utiliza as novas tecnologias	4	17%	7	29%	9	38%	2	8%	1	4%	1	4%
5 - é o que está atento às realidades atuais do conhecimento	5	21%	17	71%	2	8%	0	0%	0	0%	0	0%
6 - é o que lança desafios	5	21%	12	50%	7	29%	0	0%	0	0%	0	0%
7 - é o que delega a responsabilidade nos alunos	4	17%	12	50%	6	25%	1	4%	0	0%	1	4%
8 - é o que respeita e motiva os seus alunos	17	71%	6	25%	0	0%	1	4%	0	0%	0	0%
9 - é o que transforma a aula num momento de aprendizagem significativa	12	50%	11	46%	1	4%	0	0%	0	0%	0	0%
10 - é o que adapta o conhecimento a transmitir aos seus alunos	7	29%	15	63%	2	8%	0	0%	0	0%	0	0%
11 - é o que simplifica o que aos olhos dos alunos parece complexo	8	33%	13	54%	3	13%	0	0%	0	0%	0	0%
12 - é o que dialoga e orienta os seus alunos	7	29%	16	67%	1	4%	0	0%	0	0%	0	0%
13 - é o que promove a autonomia e aprendizagem ativa	6	25%	14	58%	2	8%	0	0%	0	0%	2	8%
14 - é exigente e autoritário	3	13%	9	38%	8	33%	2	8%	2	8%	0	0%
15 - é justo nas avaliações esclarecendo os critérios usados	9	38%	12	50%	3	13%	0	0%	0	0%	0	0%
<b>Média</b>		<b>28%</b>		<b>49%</b>		<b>17%</b>		<b>2%</b>		<b>1%</b>		<b>2%</b>

**Tabela nº1 - Estatística das caraterísticas do Professor - Geografia - 8º Ano - Turma C**

A partir da tabela apresentada os resultados que se destacam fazem parte dos dois primeiros níveis de concordância - *Concordo Totalmente* e *Concordo* – os quais estão integrados na Escala de Likert.

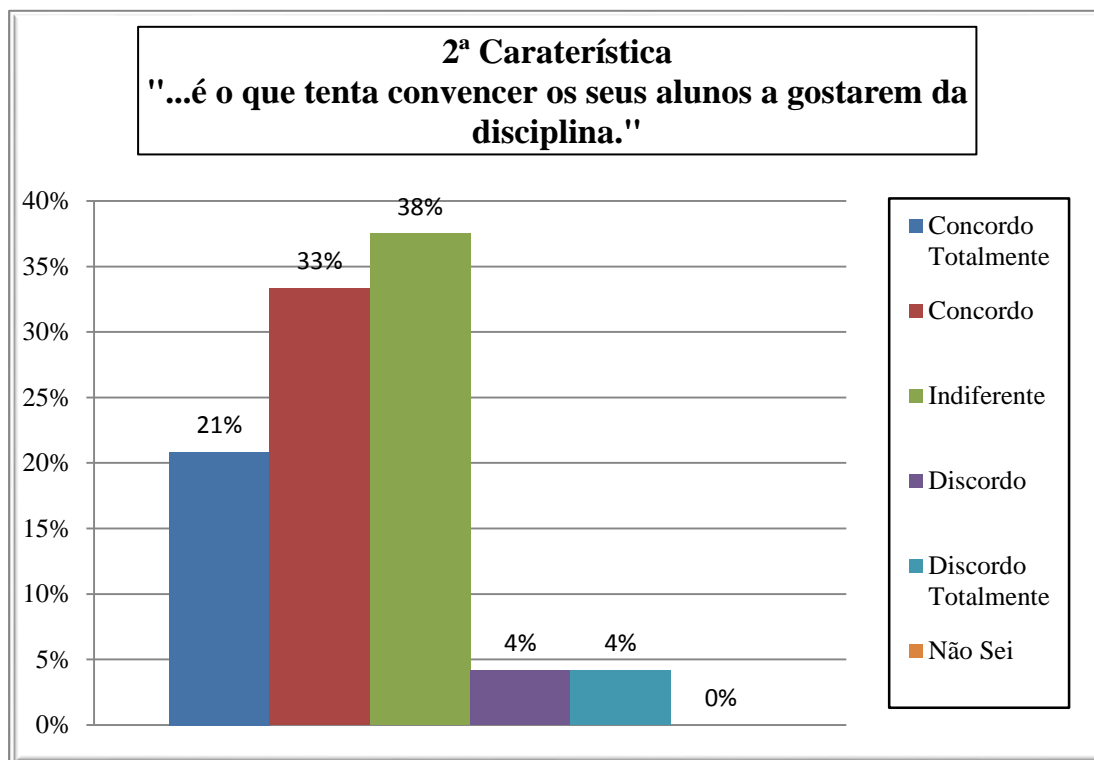
Analisemos, agora os resultados obtidos, para cada uma das caraterísticas enunciadas, no 1º Inquérito.

Na primeira caraterística os valores foram os seguintes:



**Gráfico nº7**

Os alunos da Turma C do 8º ano, de Geografia, atribuíram ao parâmetro “Concordo”, a percentagem de 54% para esta primeira caraterística. No entanto, em relação ao parâmetro “Concordo Totalmente”, o valor (29%) já não é tão significativo, o que indicia que para eles (alunos), apesar da discrepância existente entre estes dois valores, é primordial que os professores assumam a responsabilidade em conduzir os seus alunos no sentido do sucesso. Para a segunda caraterística os valores já foram outros.

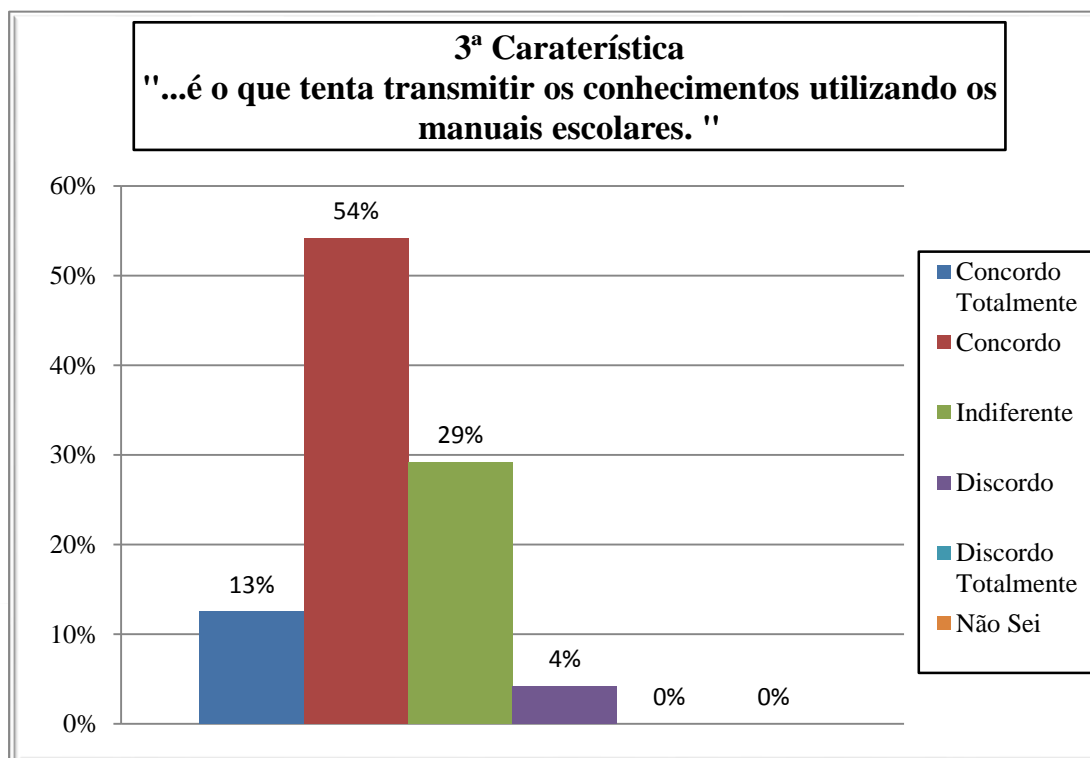


**Gráfico nº8**

Os dois primeiros parâmetros da Escala de Likert – *Concordo Totalmente* e *Concordo* – atingem valores relativamente baixos (observar o gráfico) e o parâmetro que assume o destaque é o parâmetro “Indiferente” (38%), tendo os restantes três parâmetros, valores muito insignificantes (observar o gráfico).

A análise que é possível realizar a estes resultados, leva-nos a concluir que estes alunos não valorizaram esta hipótese, para o perfil do *Bom Professor*.

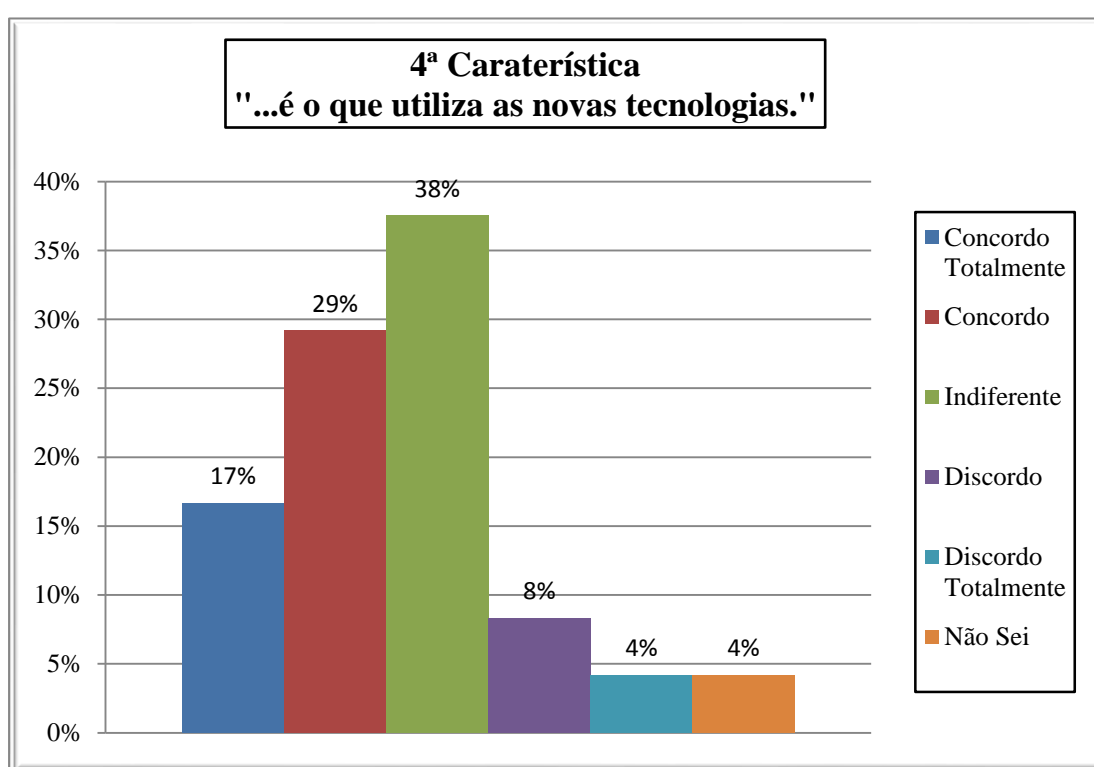
Continuemos a nossa análise e vejamos a terceira caraterística:



**Gráfico nº9**

Na terceira caraterística os alunos denunciam um interesse substancial pelo método de ensino que o Professor utiliza para transmitir o conhecimento das matérias em estudo. Assim, 54% concordam com esta caraterística, no entanto, há, ainda, alguns alunos que se apresentam indiferentes (observar o gráfico). No que se refere ao primeiro parâmetro – Concordo Totalmente - a percentagem é muito pouco significativa (13%). Os restantes três, praticamente, não têm representação alguma.

A quarta caraterística encontra-se dentro da mesma linha da anterior.



**Gráfico nº10**

Mais uma vez, alunos que estão integrados num ciclo de escolaridade onde as tecnologias são uma ferramenta que lhes é familiar no seu dia-a-dia e que, normalmente, manuseiam com grande facilidade e perícia, no caso dos resultados do nosso Inquérito, a percentagem mais elevada (38%), vai para o parâmetro “Indiferente”, seguida do parâmetro “Concordo”, com 29% e, em terceiro lugar o parâmetro “Concordo Totalmente” com apenas 17%. Para os outros três parâmetros os valores são muito pouco significativos (observar o gráfico). Estes resultados levam-nos a refletir,

verdadeiramente, sobre, afinal quais deverão ser as caraterísticas principais e essenciais, para o Professor do século XXI?

Estejamos atentos às seguintes caraterísticas.

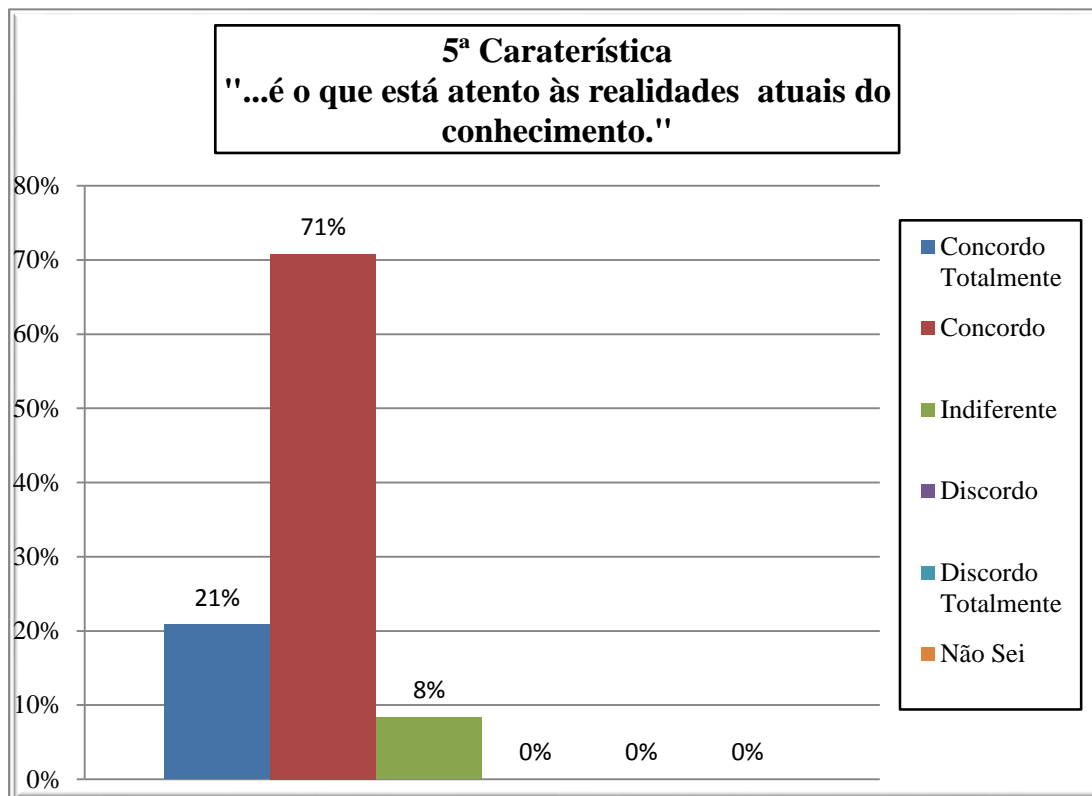


Gráfico nº11

Os resultados que vamos obtendo conduzem, cada vez mais, para um perfil de Professor, onde o conhecimento, em paralelo com as realidades que envolvem a vida escolar e comunitária, são muito significativas para a condução do sucesso do aluno,

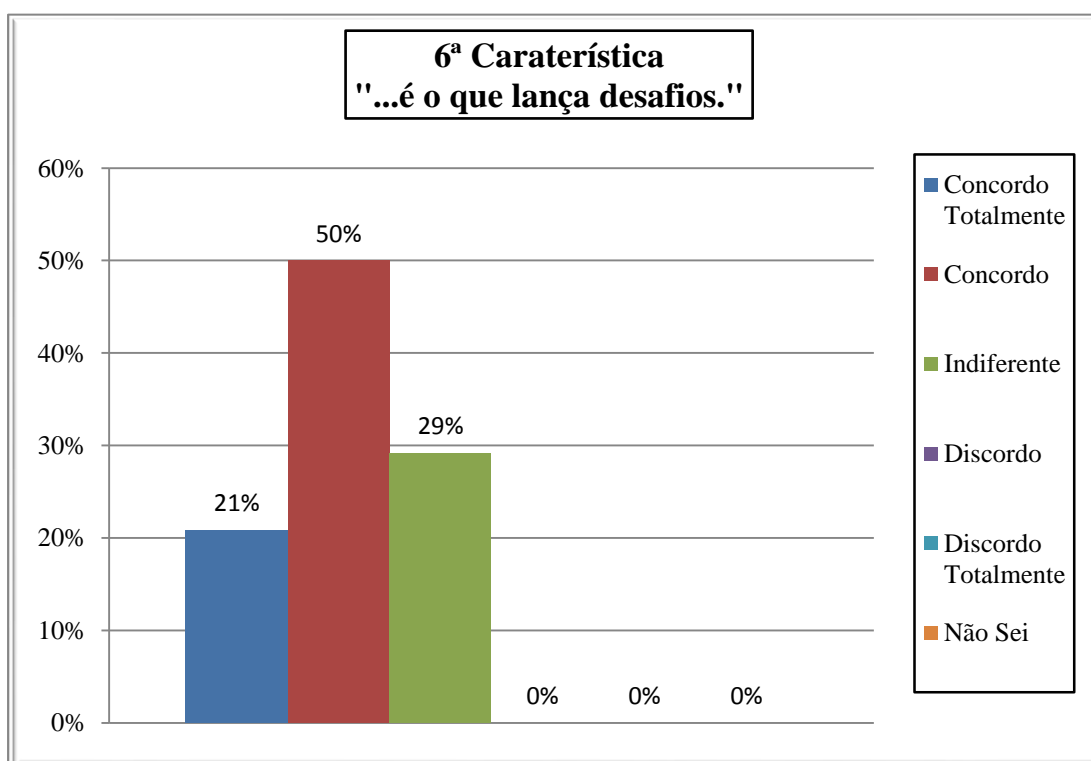
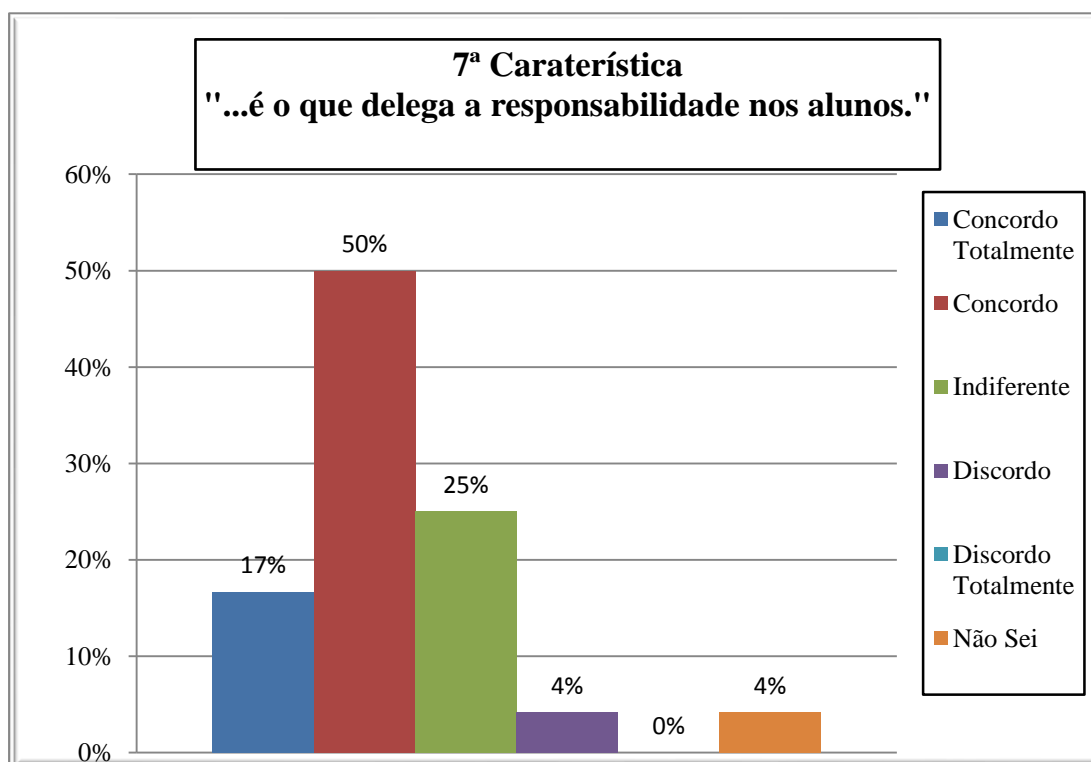


Gráfico nº12

como futuro cidadão e profissional. Perante estes resultados patentes na característica acima assinalada (observar gráfico), 71% dos alunos *Concordam* que o Bom Professor está atento às realidades atuais do conhecimento e, apenas 21% dos alunos “Concordam Totalmente”. Vejamos, a seguir qual o posicionamento das próximas características.

A sexta característica faz-nos compreender e começar a delinear que o universo de alunos que compõem esta turma prefere um Professor que lhes lance desafios, os põe à prova, é perspicaz e percebe que está perante alunos capazes e interessados em novas formas de ensinar. Assim, os valores obtidos nos três primeiros parâmetros, têm como pedra angular, a concordância, ou seja 50% dos alunos são da opinião que, o *Bom Professor* deverá lançar, sistematicamente, novos desafios aos alunos, enquanto, os parâmetros colaterais rondam os 20% (observar gráfico). Os restantes parâmetros são nulos.

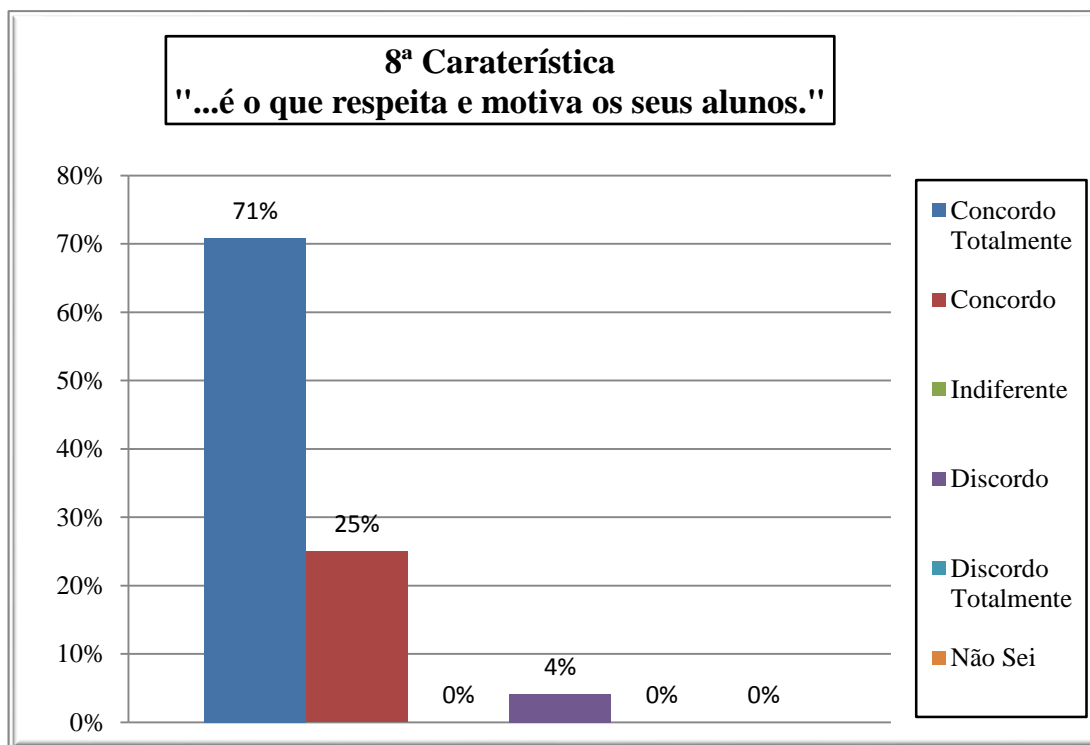


**Gráfico nº13**

A tendência converge para as nossas ideias acima indicadas. Os alunos sentem que, realmente, o Professor do século XXI é aquele que assume o papel de orientador, mediador do conhecimento e procura que sejam os alunos a construir o seu próprio saber. Mais uma vez, os resultados espelham a preferência desta turma. 50% concorda

com esta característica e os outros dois parâmetros colaterais medeiam entre os 17% para os que “Concordam Totalmente” e 25% para os alunos que ficam “Indiferentes” a esta característica. Os restantes três parâmetros estão entre os 4% e o 0%.

Observemos a próxima característica.

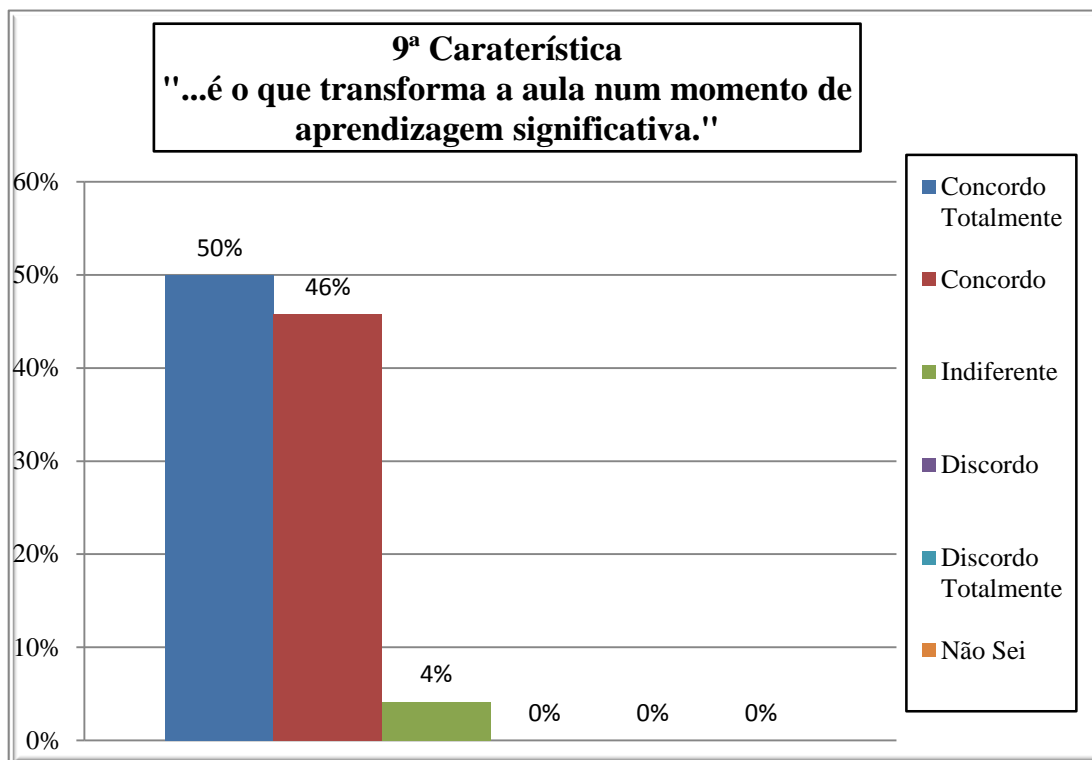


**Gráfico nº14**

Os resultados obtidos nesta característica denunciam, totalmente, a visão que os alunos desta turma têm, relativamente, ao perfil do Professor, do século XXI. Os 71% na concordância total espelha bem esta ideia, enquanto a concordância assume apenas, uma percentagem de 25% e os restantes parâmetros são praticamente, insignificantes (observar gráfico).

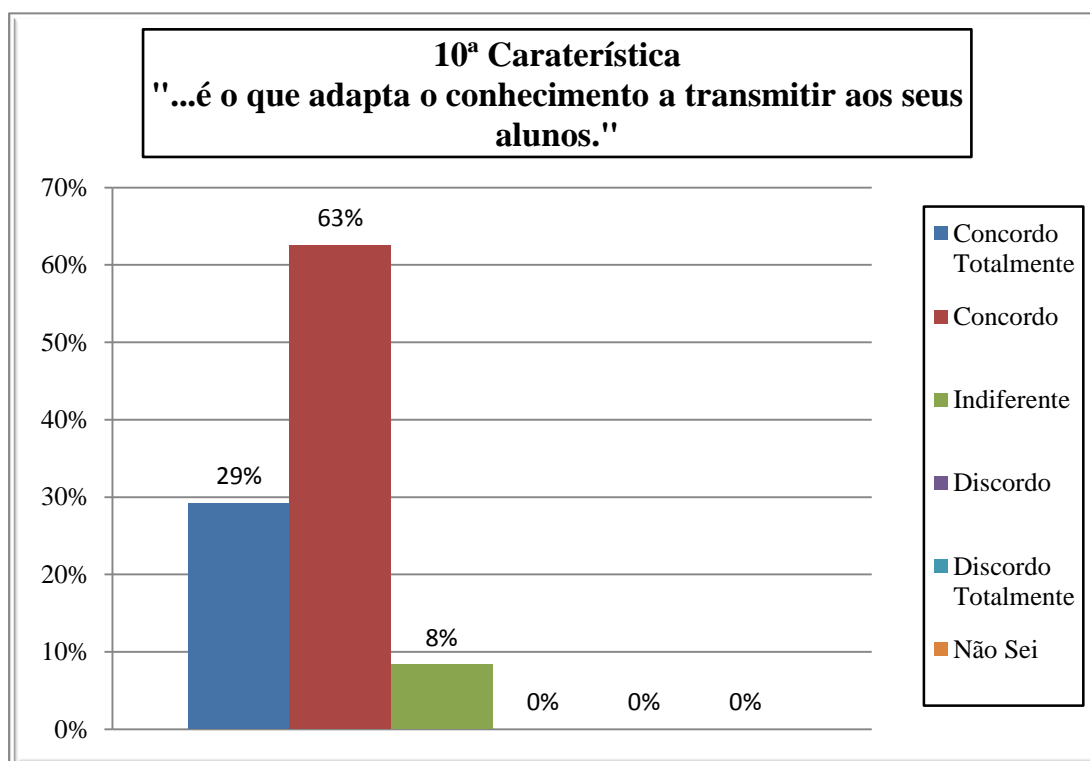
A característica nº 9 acompanha, um pouco, a linha da característica anterior, observemos:





**Gráfico nº15**

Os resultados nesta caraterística consolidam as ideias principais que os alunos da turma C de Geografia privilegiam. Falamos aqui do Professor que cria e desenvolve aulas, a partir de estratégias de aprendizagem que conduzam os alunos a uma aprendizagem significativa, isto é, aprendizagem baseada na interacção entre professor-aluno e aluno-professor, é a *metacognição*. Assim, o parâmetro “Concordo Totalmente”, obtém 50%, com pouco menos o parâmetro “Concordo”, tem uma percentagem de 46%,

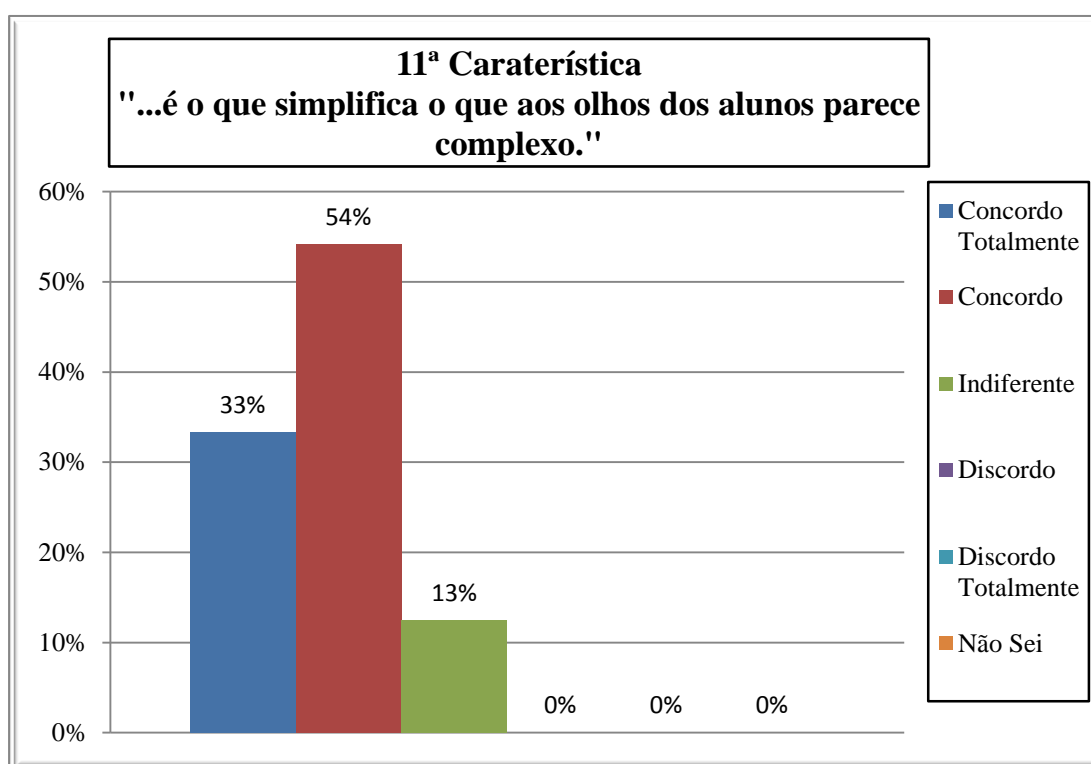


**Gráfico nº16**

enquanto, os restantes parâmetros são, praticamente, in significantes (observar gráfico). A seguinte característica já assume um perfil diferente.

Nesta característica a grande “fatia” vai para o parâmetro “Concordo” com 63%, o que nos leva a concluir que, nem todos os alunos reconhecem que, ajustar ou adaptar o conhecimento ao perfil dos alunos, faz do Professor, um *Bom Professor*. Por isso, temos, apenas, 29% no parâmetro “Concordo Totalmente”, 8% para o parâmetro “Indiferente”, e os restantes são nulos (observar gráfico).

A 11ª característica poderá ser um complemento da característica anterior, observemos:



**Gráfico nº 17**

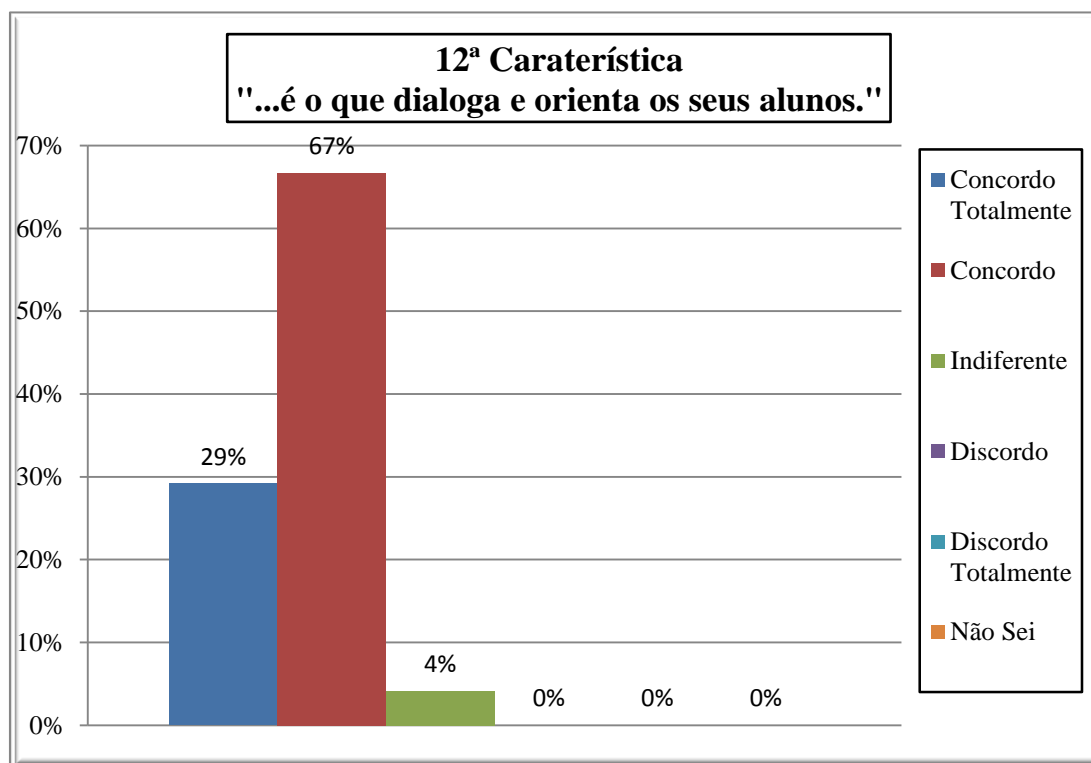
Em termos de resultados globais, estamos perante valores muito idênticos à característica anterior, o que nos faz aludir que estamos confrontados com alunos que procuram o desafio, em detrimento de um processo de ensino-aprendizagem tradicional<sup>27</sup>.

Por tal, os resultados, mais uma vez, dão o valor maior (54%), para o parâmetro “Concordo”, enquanto, o parâmetro “Concordo Totalmente”, tem 33% e o parâmetro

<sup>27</sup> Quer dizer: Pedagogia Positivista, isto é, o Professor é o centro do processo de ensino-aprendizagem

“Indiferente” tem, apenas, 13%. Conforme aconteceu na característica nº10, os restantes três parâmetros são nulos.

A próxima característica figura e apresenta resultados bem diferenciados, observemos:



**Gráfico nº18**

O destaque vai, mais uma vez, para um perfil de Professor que valoriza o diálogo vertical e horizontal, com recurso a uma aprendizagem significativa e a partir dos resultados obtidos - 67% encontra-se no parâmetro “Concordo”, o parâmetro “Concordo Totalmente” atinge, apenas, 29% - a tendência<sup>28</sup> desta turma vem-se afirmando ao longo da verificação destes resultados. Como nas características os restantes são, praticamente, insignificantes e nulos (observar gráfico).

A 13ª característica já assume um quadro um pouco diferente da leitura que temos vindo a fazer, observemos:

<sup>28</sup> A saber: Alunos interessados, mas com alguma necessidade de orientação e mediação do Professor, mas, possuem bastantes capacidades cognitivas e de execução.

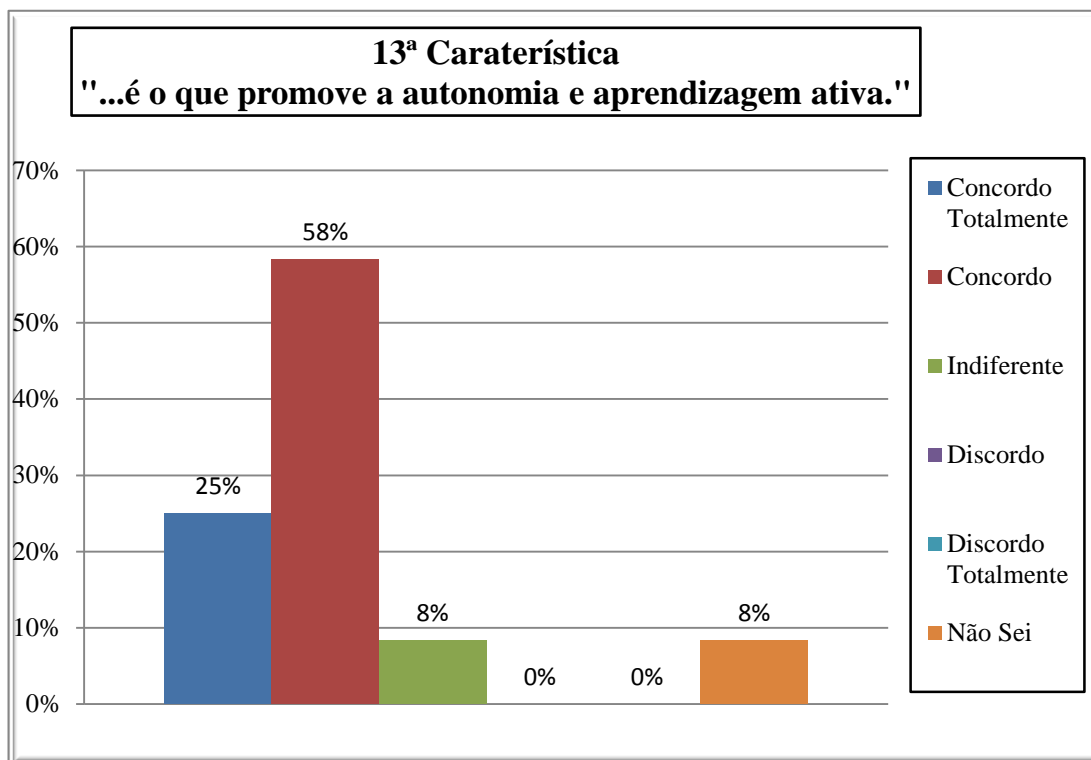


Gráfico nº19

Os resultados da caraterística nº13 dão a ideia que estamos perante uma turma com algumas dificuldades ao nível de compreensão semântica. Por um lado, temos um valor substancial do parâmetro “Concordo” (58%), seguido de 25% do parâmetro “Concordo Totalmente”, depois dois valores iguais nos parâmetros “Indiferente” e “Não Sei” (8%) e por outro, temos os restantes dois parâmetros - Discordo e Discordo

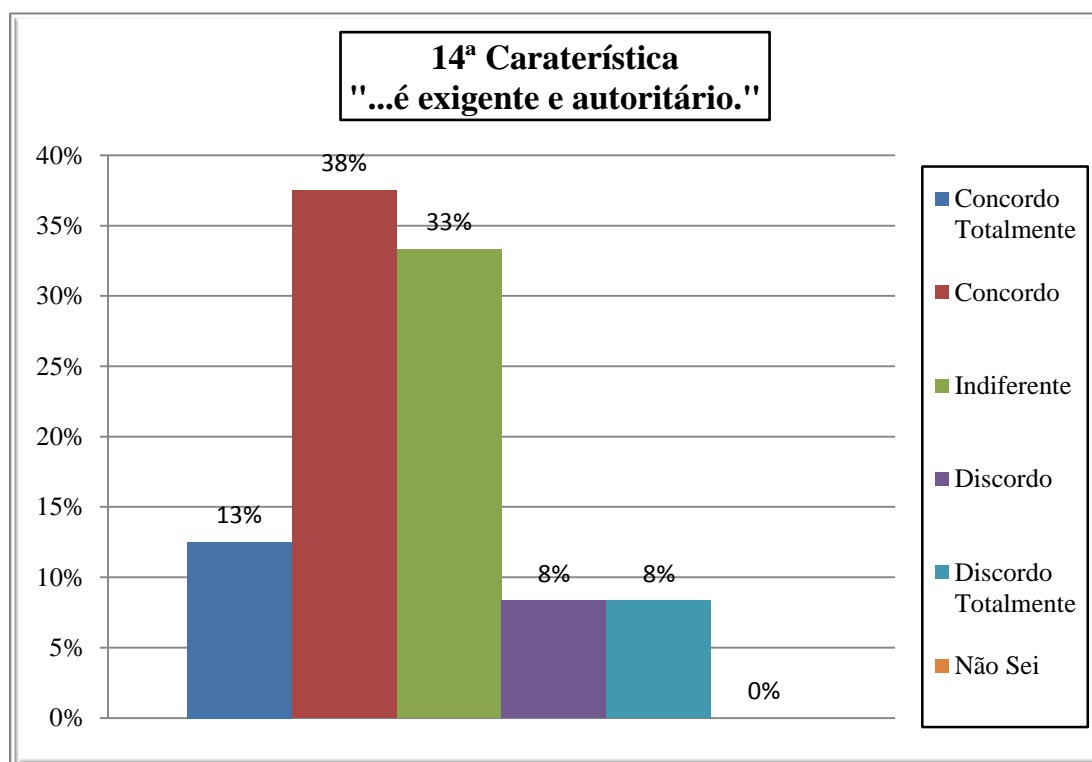
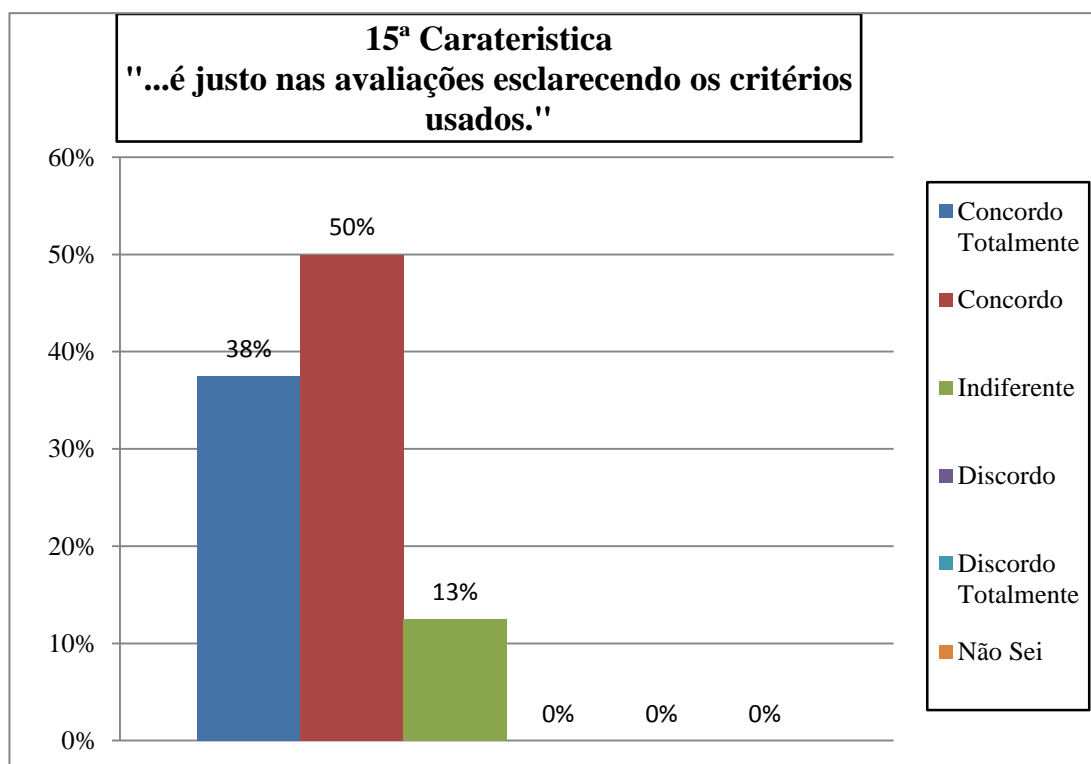


Gráfico nº20

Totalmente – com 0%. São resultados um pouco contraditórios, relativamente ao que temos vindo a observar. Observemos a próxima caraterística.

Nesta caraterística, a posição que os alunos assumiram é muito mais homogénea e distribuída. Atinge-se valores medianos, tendo nos parâmetros “Concordo” e “Indiferente” uma percentagem na casa dos 30% (observar gráfico), enquanto o parâmetro “Concordo Totalmente” tem apenas 13% de respostas, os parâmetros “Discordo” e “Discordo Totalmente” também tem apenas 8%; já o parâmetro “Não Sei” é nulo. Estes resultados são, um pouco, o espelho das caraterísticas da turma em estudo. Alunos curiosos e sabedores, alunos empenhados e dinâmicos, alunos com mais dificuldades de aprendizagem. Uma panóplia, que faz desta turma, uma turma interessante e motivadora, para qualquer Professor.

Por fim, chegados à última caraterística, observemos os seus resultados.



**Gráfico nº21**

Esta última característica foi concebida propositalmente, com o objetivo de compreender, afinal como os alunos reagem ao tema da avaliação. Os resultados obtidos espelham bem, a importância que esta problemática desempenha, na evolução do crescimento escolar e, até, pessoal destes alunos.

Assim, o destaque vai para os dois primeiros parâmetros – Concordo Totalmente e Concordo – com 38% e 50%, respetivamente. O parâmetro “Indiferente” atinge, apenas 13%, enquanto os restantes três (observar gráfico) são nulos.

Iniciamos a análise dos conteúdos, pela área disciplinar de Geografia. Passemos agora, à área disciplinar de História, com apresentação da Tabela, que contém todos os resultados obtidos.

Caraterísticas do Professor	Concordo totalmente		Concordo		Indiferente		Discordo		Discordo totalmente		Não sei	
1 - é o que me permite ter sucesso	17	35%	27	56%	3	6%	1	2%	0	0%	0	0%
2 - é o que tenta convencer os seus alunos a gostarem da disciplina	16	33%	19	40%	8	17%	3	6%	2	4%	0	0%
3 - é o que tenta transmitir os conhecimentos utilizando os manuais escolares	5	10%	12	25%	22	46%	9	19%	0	0%	0	0%
4 - é o que utiliza as novas tecnologias	5	10%	15	31%	25	52%	3	6%	0	0%	0	0%
5 - é o que está atento às realidades atuais do conhecimento	18	38%	19	40%	8	17%	1	2%	1	2%	1	2%
6 - é o que lança desafios	13	27%	24	50%	10	21%	0	0%	1	2%	0	0%
7 - é o que delega a responsabilidade nos alunos	11	23%	21	44%	11	23%	3	6%	1	2%	1	2%
8 - é o que respeita e motiva os seus alunos	30	63%	17	35%	1	2%	0	0%	0	0%	0	0%
9 - é o que transforma a aula num momento de aprendizagem significativa	26	54%	21	44%	1	2%	0	0%	0	0%	0	0%
10 - é o que adapta o conhecimento a transmitir aos seus alunos	23	48%	22	46%	2	4%	0	0%	0	0%	1	2%
11 - é o que simplifica o que aos olhos dos alunos parece complexo	31	65%	11	23%	4	8%	0	0%	0	0%	2	4%

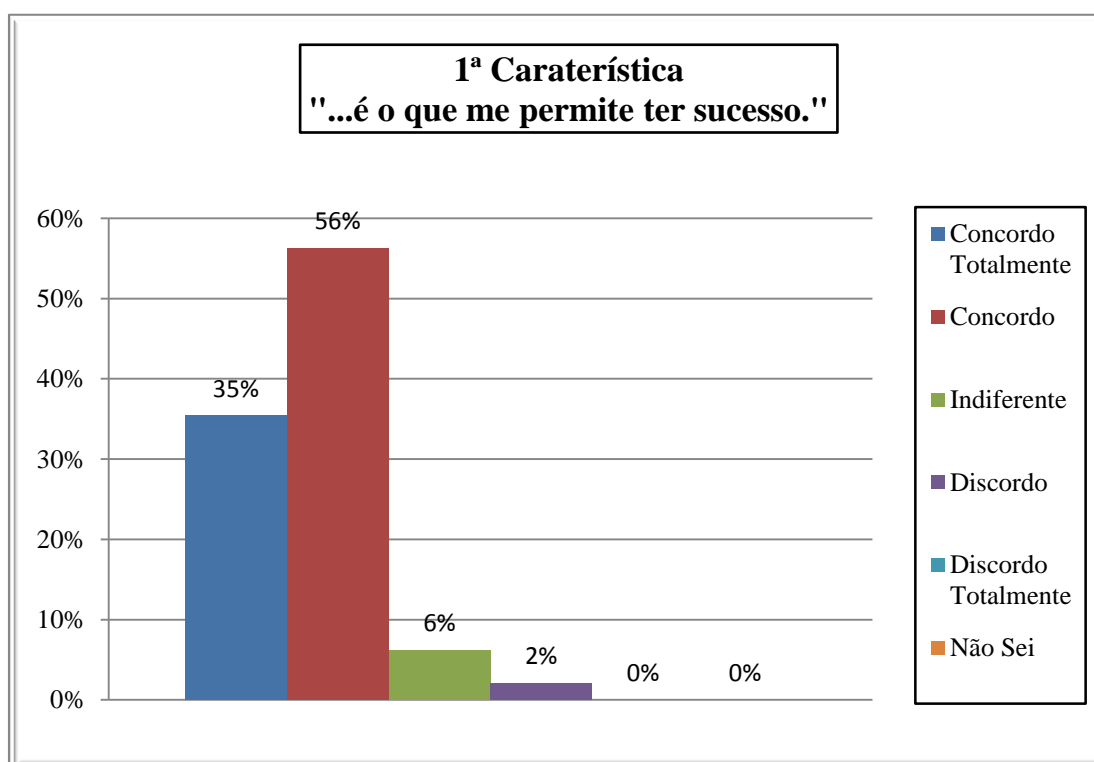
12 - é o que dialoga e orienta os seus alunos	28	58%	18	38%	2	4%	0	0%	0	0%	0	0%
13 - é o que promove a autonomia e aprendizagem ativa	14	29%	28	58%	4	8%	1	2%	0	0%	1	2%
14 - é exigente e autoritário	6	13%	13	27%	17	35%	7	15%	3	6%	2	4%
15 - é justo nas avaliações esclarecendo os critérios usados	25	52%	20	42%	2	4%	1	2%	0	0%	0	0%
<b>Médias</b>		<b>37%</b>		<b>40%</b>		<b>17%</b>		<b>4%</b>		<b>1%</b>		<b>1%</b>

**Tabela nº2 – Estatística das caraterísticas do Professor – História – 9º Ano – Turmas F e G**

A partir da tabela acima apresentada, os resultados que se destacam estão inseridos nos dois primeiros parâmetros de concordância - *Concordo Totalmente* e *Concordo* – apesar de constataremos resultados com percentagem elevada no parâmetro “*Indiferente*”, os quais estão integrados na *Escala de Likert*.

Analiseemos, agora os resultados obtidos, para cada uma das caraterísticas enunciadas, no *1º Inquérito*, a partir das turmas de História.

Observemos, os resultados da primeira caraterística:

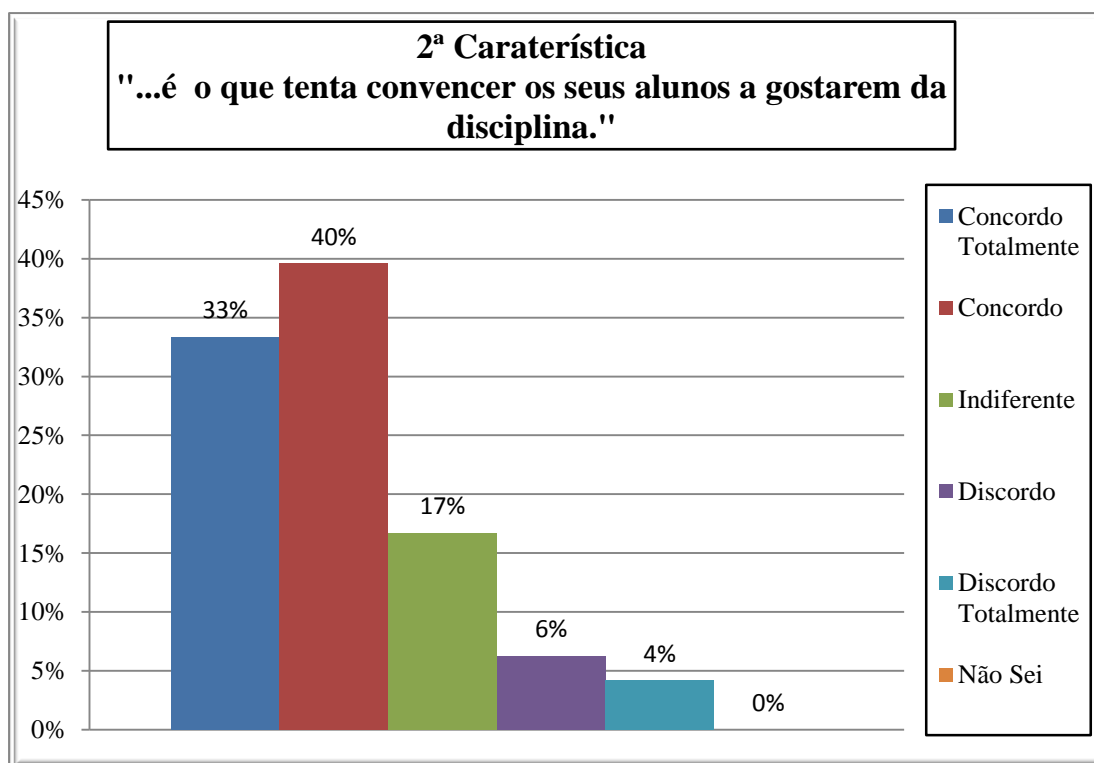


**Gráfico nº22**

Como verificamos com a turma C, do 8º Ano, da disciplina de Geografia, esta primeira característica em História, atinge a percentagem mais elevada, no parâmetro “Concordo”, com 56%. O universo destes alunos de História é composto por duas turmas, e por si só, os resultados poderão ser mais abrangentes e diversificados. O parâmetro “Concordo Totalmente” atinge 35%, um resultado também considerável e os quatro restantes parâmetros são muito pouco significativos (observar gráfico).

Por esta primeira amostra já é possível começar a delinear uma ideia, por mais indelével que seja, da representação que estes alunos fazem do perfil, do *Bom Professor, para século XXI*.

Prossigamos com a análise das quinze características aos “olhos” dos alunos de História.



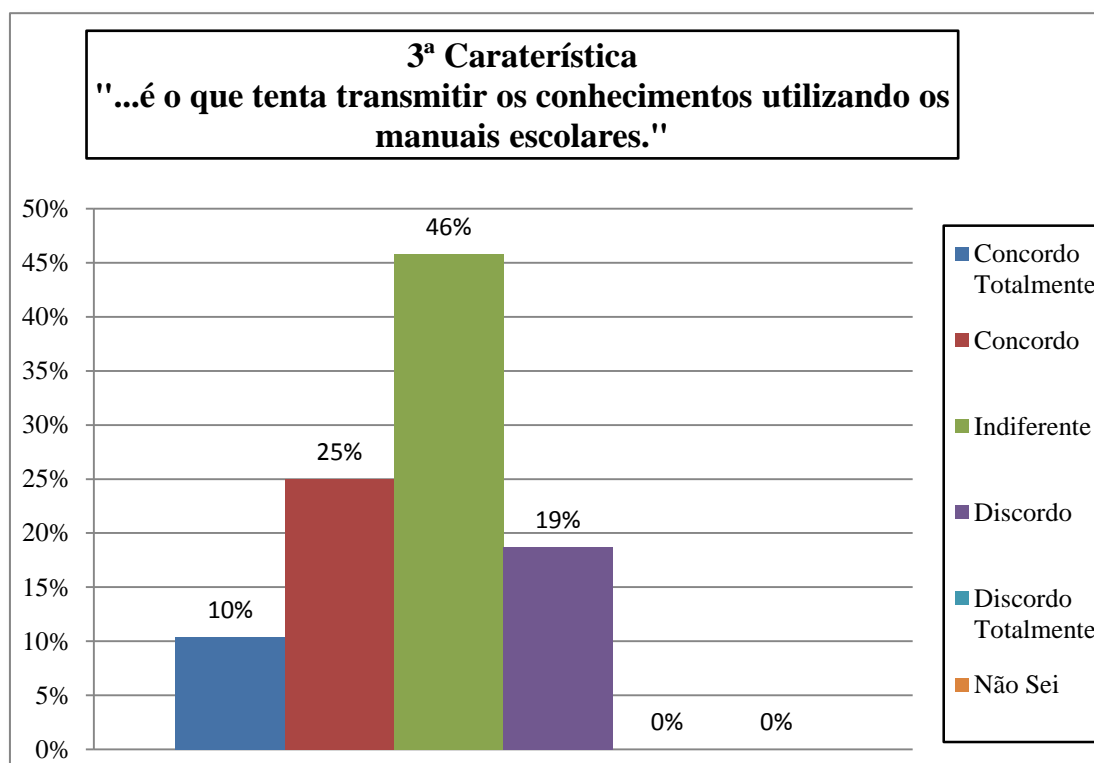
**Gráfico nº23**

Na segunda característica os resultados dos alunos foram mais distribuídos, mas como constatamos, o parâmetro “Concordo” atingiu a percentagem mais elevada (40%), tendo logo de seguida, com pouco menos, o parâmetro “Concordo Totalmente” (33%).



O parâmetro “Indiferente” atingiu a percentagem de 17%, o que traduz, um pouco, a ideia destes alunos sobre a importância desta característica. Os restantes três parâmetros atingiram valores muito insignificantes (observar gráfico).

Observemos, agora a próxima característica:



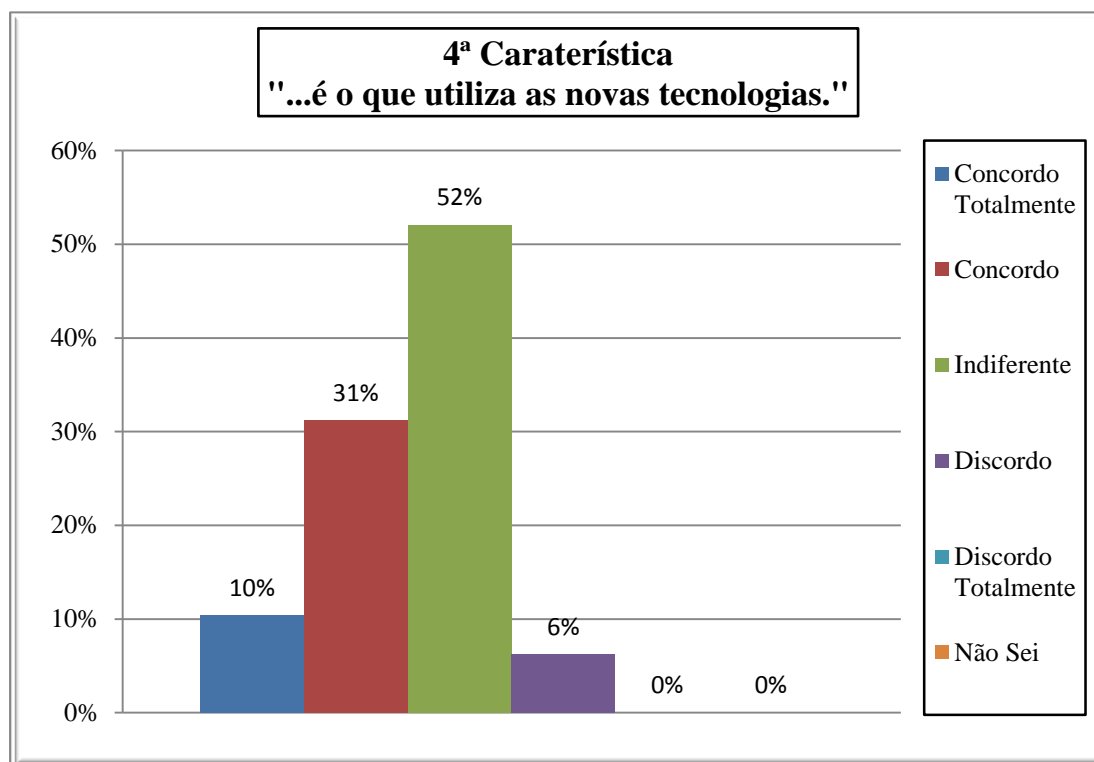
**Gráfico nº24**

Estamos perante resultados muito evidentes, de que estes alunos privilegiam um processo de ensino-aprendizagem que não se baseia no recurso tradicional do manual escolar, mas utilizando um tipo de recursos<sup>29</sup> mais aliciantes e motivadores.

Assim, a percentagem mais elevada encontra-se no parâmetro “Indiferente”, com 46%, de seguida o parâmetro “Concordo” com 25%, e logo de seguida o parâmetro “Discordo”, com 19% e ainda menos o parâmetro “Concordo Totalmente” com 10%. Os restantes dois parâmetros são nulos (observar gráfico).

<sup>29</sup> A saber: audiovisuais, powerpoint, trabalhos de grupo, dramatização, entre outros.

E a próxima característica, qual será a leitura possível?

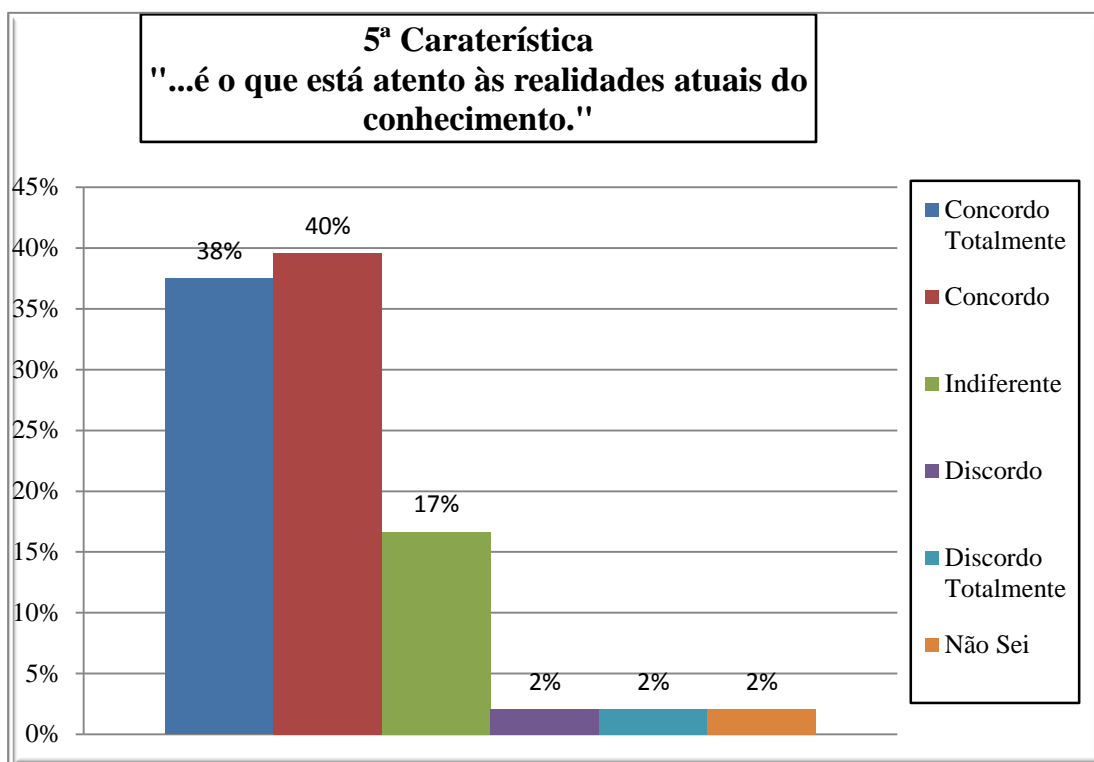


**Gráfico nº25**

Por momentos, ficamos, um pouco, atônitos com os resultados obtidos na quarta característica. Será que estes alunos tentam situar o Bom Professor, para o século XXI, entre aquele Professor tradicional e o Professor vanguardista, que recorre quase sempre às novas tecnologias aquando da implementação de uma aula?

Olhemos para os resultados desta característica. O parâmetro “Indiferente” atinge 52%, logo de seguida o parâmetro “Concordo” tem 31% e depois os valores dos restantes parâmetros são tão pouco representativos que, não são alvo da nossa leitura (observar gráfico).

E a quinta característica também segue o mesmo entendimento para estes alunos? Observemos o gráfico:



**Gráfico nº26**

Cada vez mais, os resultados que vamos constatando, nos indiciam que este universo de alunos instiga e busca, no Professor ideal, para este novo milénio, alguém que procure atualizar e estar atualizado, em toda a informação necessária e importante para a área disciplinar em estudo, com o objetivo de conseguir transmiti-la aos seus alunos.

Por isso, temos resultados muito variados, onde os parâmetros “Concordo” e “Concordo Totalmente” estão, quase, ao mesmo nível – 40% e 38%, respetivamente. De seguida, o parâmetro “Indiferente” atinge 17% e os outros três parâmetros somam, igualmente, 2%.

Como será a próxima caraterística?

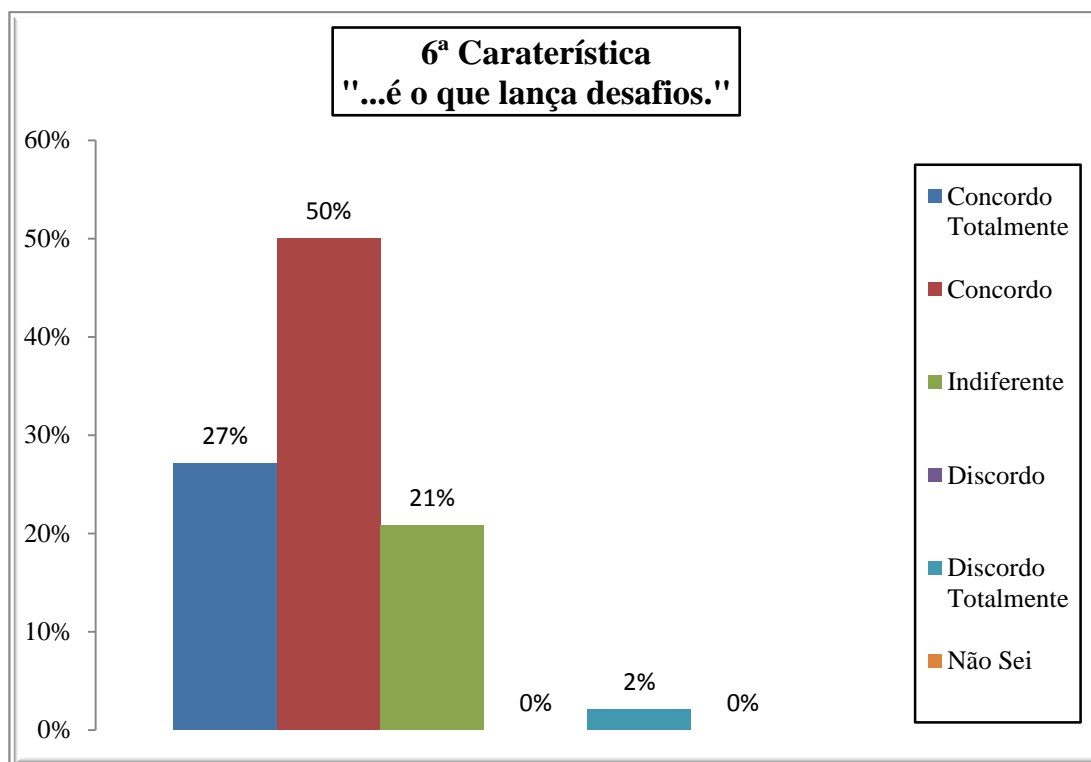


Gráfico n°27

Como afirmamos já na anterior caraterística, a tendência destes alunos leva-nos a refletir que estamos perante alunos que preferem os professores que implementam aulas dinâmicas e onde a interação entre professor-aluno seja uma constante, com o objetivo de responsabilizar e orientar os alunos, para a construção do próprio saber.

Assim, a maior percentagem vai para o parâmetro “Concordo” com 50%, os

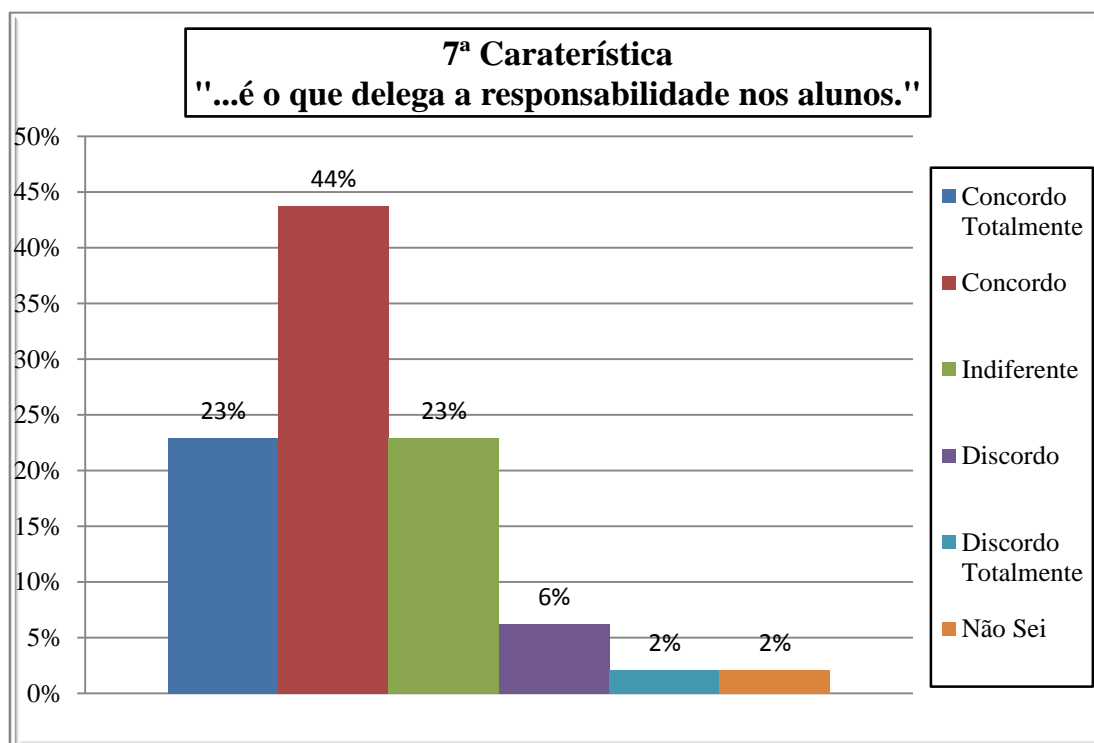


Gráfico n°28

parâmetros “Concordo Totalmente” e “Indiferente”, com 27% e 21%, respectivamente e os restantes três são praticamente nulos, exceto o parâmetro “Discordo Totalmente” com 2% (observar gráfico). A próxima característica (7ª característica) será assim tão diferente?

Respondendo à questão acima levantada, verificamos que os resultados obtidos nesta característica são uma certa “adenda” à anterior. O Professor que lança desafios, procura, também, delegar responsabilidade nos seus alunos. Por isso, os resultados não poderiam ser muito diferentes. Assim, mais uma vez, o parâmetro “Concordo” atinge a maior percentagem (44%), os parâmetros “Concordo Totalmente” e “Indiferente” assumem o mesmo valor 23% e os restantes três parâmetros atingem valores muito pouco significativos (observar gráfico).

Será que estes alunos também são da opinião que o *Bom Professor para o século XXI*, deveria dinamizar aulas criativas e dinâmicas, como já verificamos com a Turma C, de Geografia? Observemos a próxima característica:

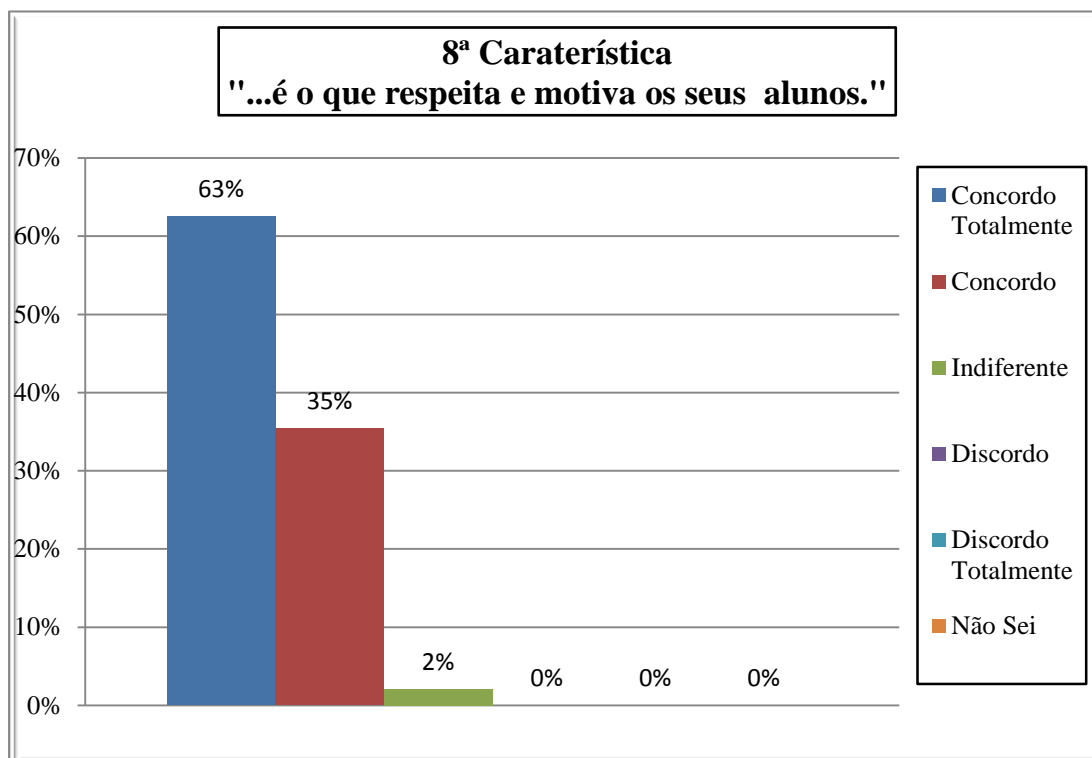
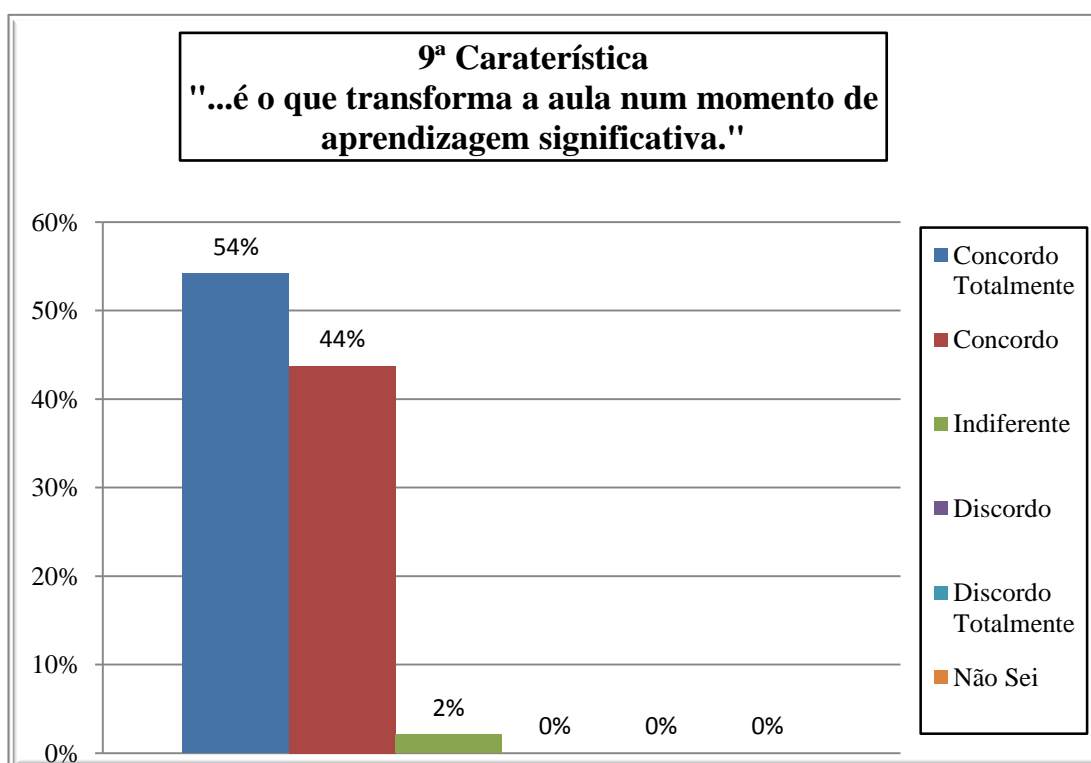


Gráfico nº29

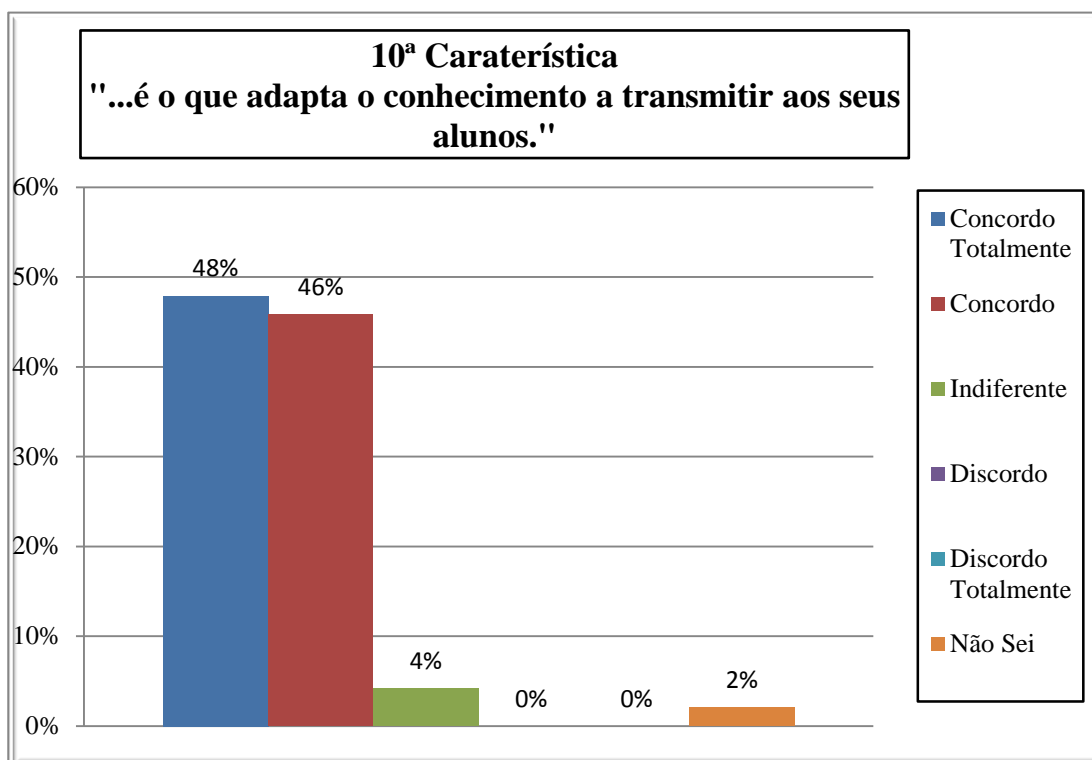
Aqui está uma característica que responde à questão acima levantada. O respeito e a motivação são dois fatores primordiais para avaliar, a deontologia e a ética de um Professor, como deveria ser, também, condição *sine qua non*, de qualquer profissão.

Assim, verifiquemos os resultados obtidos: 63% para o parâmetro “Concordo Totalmente”, 35% para o parâmetro “Concordo”, enquanto os restantes parâmetros são praticamente todos nulos, exceto o parâmetro “indiferente com 2% (observar gráfico). Como reagiram os alunos na próxima característica?



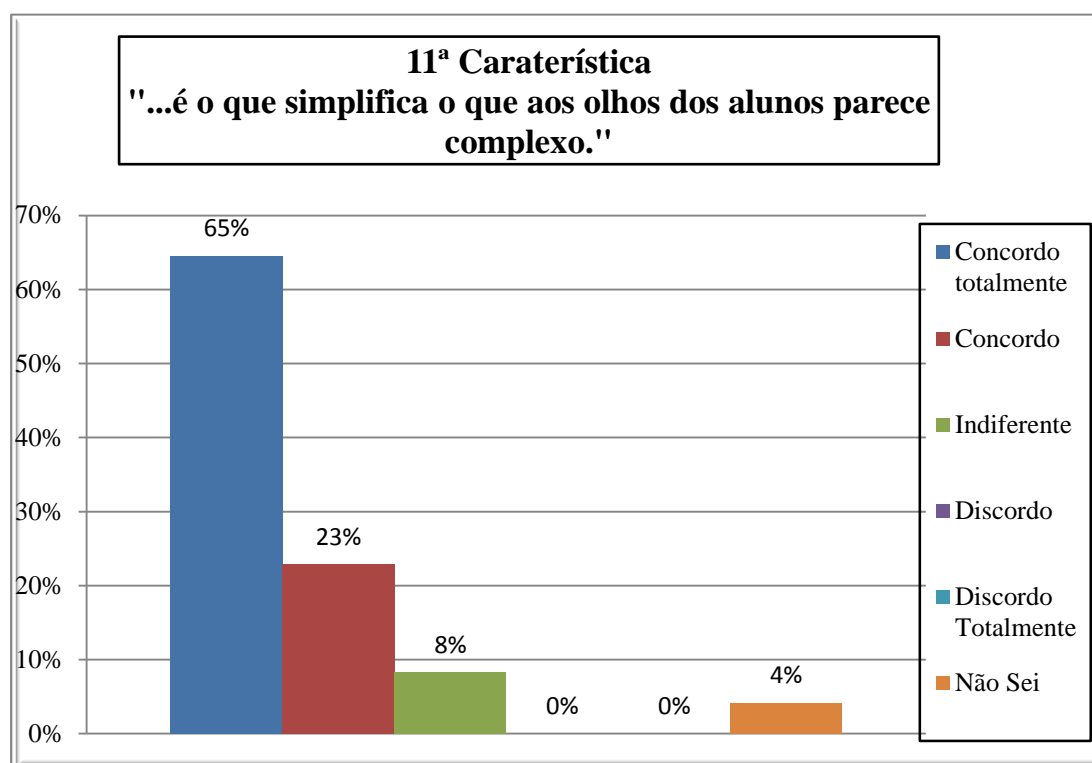
**Gráfico nº30**

A reação a esta característica é um pouco o amadurecimento da ideia sobre como estes alunos representam o Professor, para o século XXI. Conforme, podemos constatar o parâmetro “Concordo Totalmente” atinge 54%, tendo logo de seguida, o parâmetro “Concordo” com 44% e para os outros parâmetros temos os mesmos valores que a característica anterior (observar gráfico). E a seguir, qual serão os resultados?



**Gráfico nº31**

Os resultados da 10ª caraterística vêm complementar a ideia já anteriormente referida sobre o Professor para o século XXI. Os dois primeiros parâmetros – Concordo Totalmente e Concordo – atingiram valores muito próximos – 48% e 46%, respectivamente. Os restantes parâmetros são muito pouco significativos (observar gráfico). E a próxima caraterística, que relação poderá ter com a anterior?

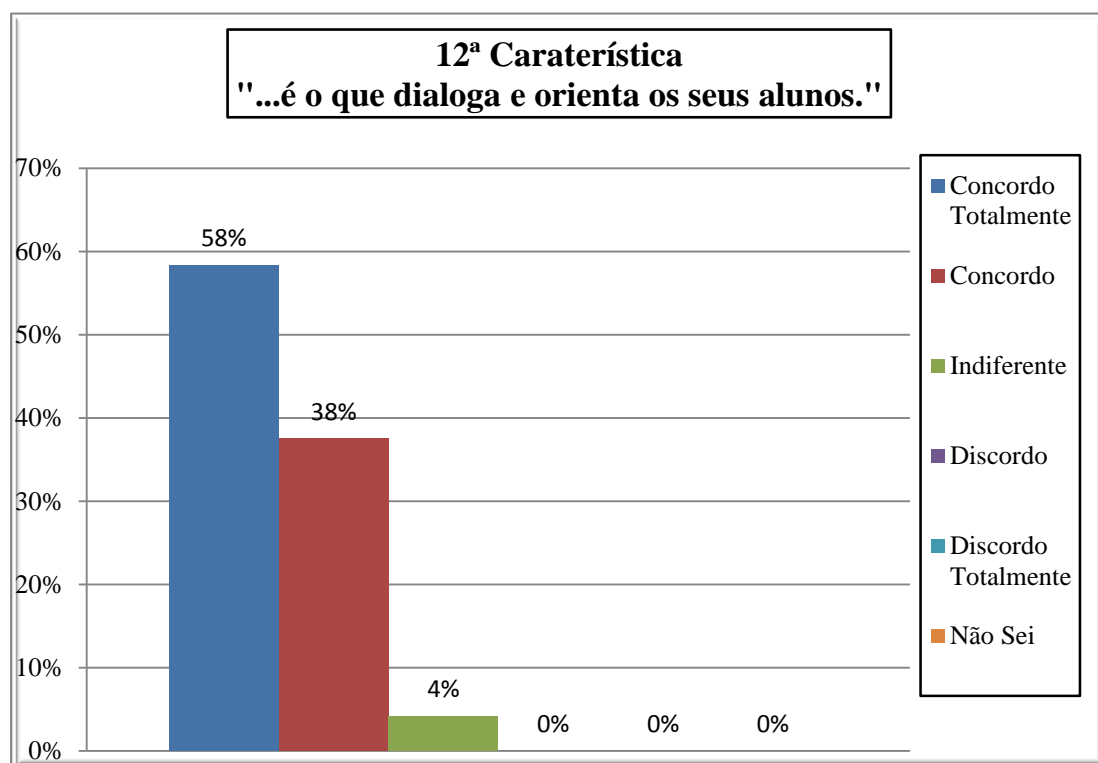


**Gráfico nº32**

Inevitavelmente, estamos perante alunos que privilegiam o Professor que, por um lado, desafia e coloca a dinâmica da aula nos alunos, mas por outro lado, torna o conhecimento simples e claro, aos seus olhos. Por isso, o parâmetro “Concordo Totalmente” atinge 65% e com um valor muito inferior (23%) está o parâmetro “Concordo” e os restantes parâmetros apresentam valores muito insignificantes (observar gráfico).



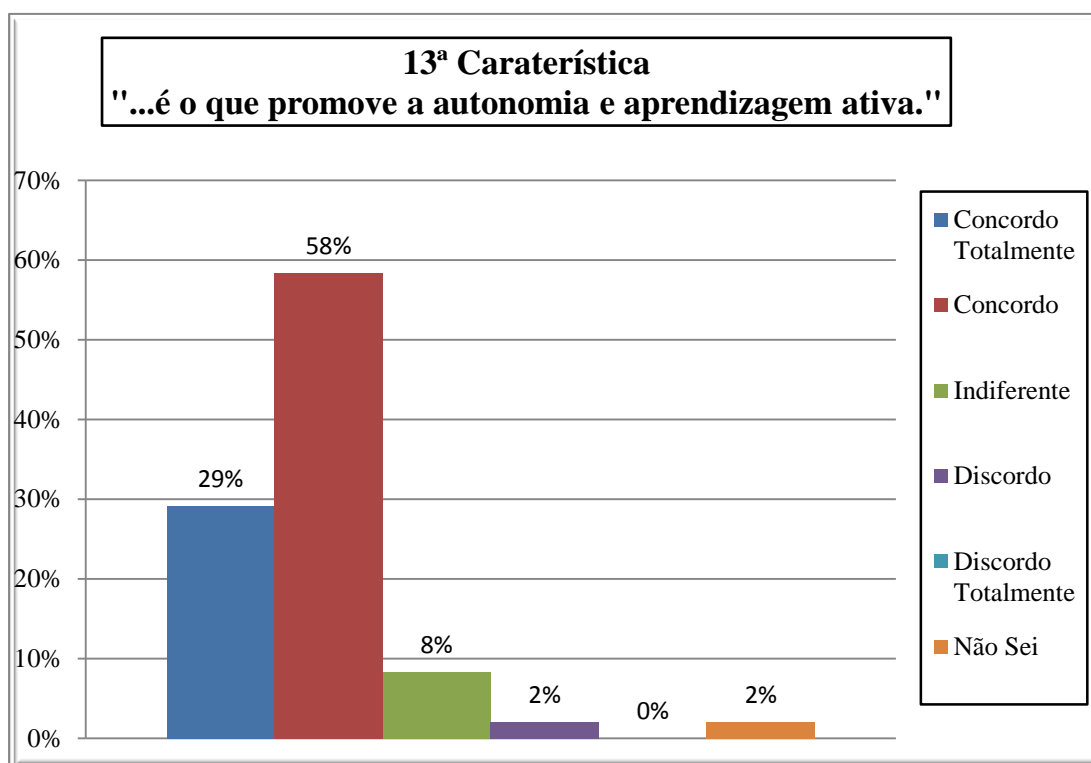
A próxima característica será o âmag, daquilo que deverá ser o perfil do *Bom Professor, para o século XXI*? Observemos os seus resultados:



**Gráfico nº33**

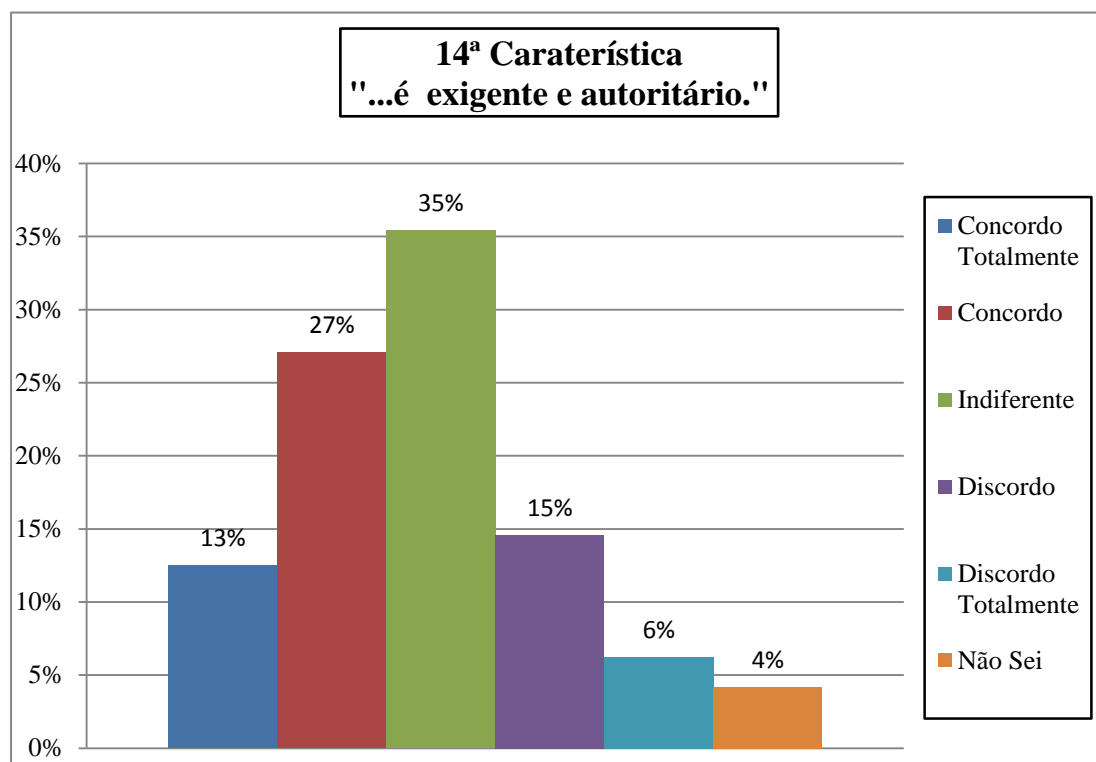
Os resultados confirmam que o universo dos alunos de História, privilegia e representa o Professor dos dias de hoje, pela dinâmica que ele implementa, em todo o processo de ensino-aprendizagem, tendo sempre, como prioridade o desenvolvimento cognitivo e pessoal, de cada aluno e, isso, é patente nos resultados que figuram neste gráfico. Temos, assim, 58%, no parâmetro “Concordo Totalmente”, 38% para o parâmetro “Concordo” e os restantes parâmetros são, praticamente nulos (observar gráfico), exceto o parâmetro “Indiferente” com 2%.

Quais serão os resultados das últimas três características? Observemos:



**Gráfico nº34**

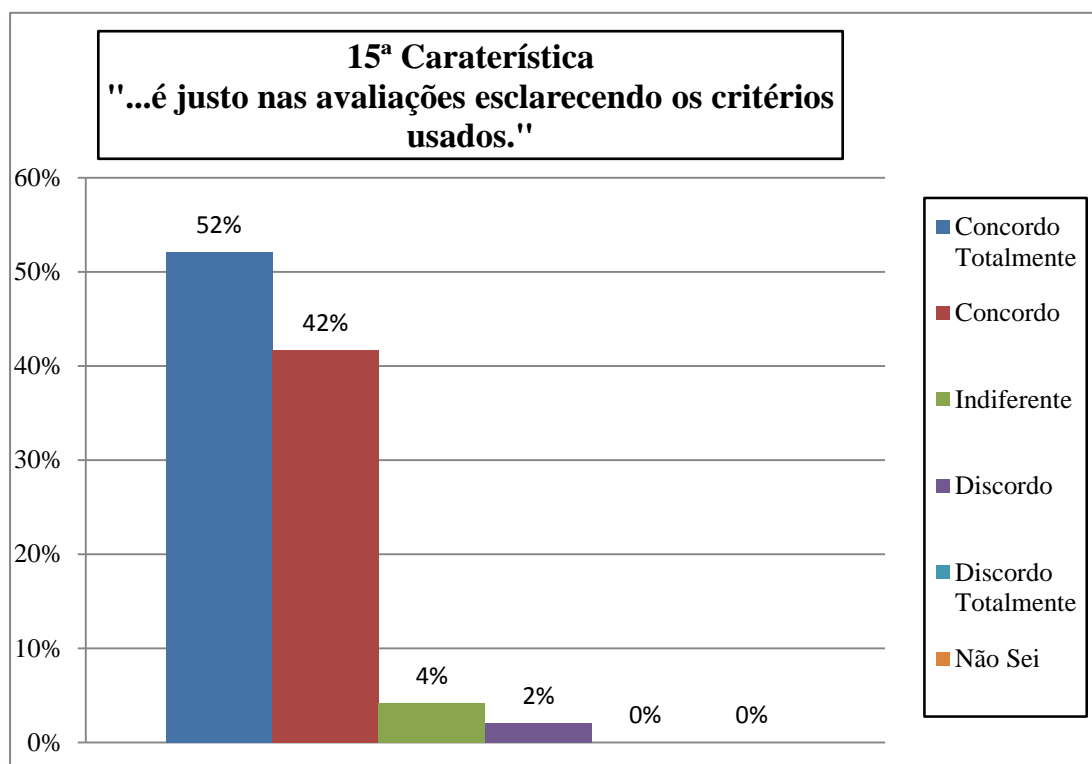
A 13ª característica apresenta-nos valores muito diversificados, tendo como destaque o parâmetro “Concordo” com 58%, o parâmetro “Concordo Totalmente” com 29% e os restantes parâmetros são muito pouco significativos (observar gráfico). Estes resultados imprimem, um pouco, a representação que estes alunos têm relativamente ao perfil do Bom Professor para o século XXI, pois, como já foi referido, a autonomia e a aprendizagem ativa, são dois factores importantes para o bom desempenho do Professor deste novo milénio. Observemos os resultados da penúltima característica, das turmas de História.



**Gráfico nº35**

Os resultados aqui evidenciados denotam que os alunos tiveram uma reação um pouco equívoca e reflexiva, relativamente a esta característica. Será que estes alunos não conseguiram compreender a verdadeira mensagem que tentamos passar com esta característica? Julgamos que não, pelos resultados apresentados. Todavia, verificamos que os valores foram melhor distribuídos, sendo o parâmetro “Indiferente” o que obteve maior percentagem (35%), seguindo-se o parâmetro “Concordo” com 27%, depois com 15% o parâmetro “Discordo” e em 4º lugar o parâmetro “Concordo Totalmente” com 13% e nos últimos dois lugares os parâmetros “Discordo Totalmente” e “Não Sei”, com 6% e 4%, respectivamente.

E a última característica, será que nos irá dar, o remate final da representação que estes alunos têm sobre o *Bom Professor para o século XXI*?



**Gráfico nº36**

Julgamos poder encerrar esta análise relativa aos resultados do universo de alunos, do 9º Ano, da disciplina de História, com a certeza que estamos perante alunos que acreditam que um Professor só poderá exercer devidamente e na excelência a sua profissão, através do paradigma educativo, baseado no processo de ensino-aprendizagem, que conduza o aluno à construção do seu próprio saber, com a orientação e mediação do Professor.

Os valores desta caraterística espelham a importância da avaliação em todo o processo de ensino-aprendizagem e, consequentemente, no sucesso escolar do aluno.

Então, temos o parâmetro “Concordo Totalmente” com 52%, o parâmetro “Concordo” com 42% e os restantes parâmetros, com valores muito pouco significativos (observar gráfico).

Mas, que conclusões poderemos tecer sobre os resultados obtidos neste 1º Inquérito, para, no *terminus*, do enquadramento metodológico, cruzarmos com o 2º Inquérito?

O próximo passo, será realizar a análise do 2º Inquérito.

Conforme, referimos no início deste ponto (3.1), a estrutura do 2º *Inquérito*, foi concebida com a finalidade de confrontar os alunos relativamente ao conjunto das características enunciadas no 1º *Inquérito* e, agora, com as cinco características eleitas pelos alunos, sobre os *Professores Titulares*, das áreas disciplinares de História e Geografia, respetivamente. Em jeito de conclusão, também, inserimos duas questões, relativamente à comparação entre o Professor Titular e o Professor Estagiário, para perceber a reação dos alunos às dinâmicas implementadas pelo Professor Estagiário, como, por exemplo, a sua atitude (do Professor Estagiário), em sala de aula.

O tratamento realizado no 2º *Inquérito* foi baseado em estatística, através do recurso a uma folha de cálculo, e apresentando numa coluna à esquerda, as quinze características, e nas colunas seguintes, o levantamento da triagem realizada por cada aluno, dentro do universo das quinze características indicadas na Tabela, abaixo indicada.

<b>Caraterísticas do Professor</b>	<b>Prof. Titular História</b>	<b>Prof. Titular História</b>	<b>Prof. Titular Geografia</b>	<b>Prof. Titular Geografia</b>
1 - é o que me permite ter sucesso	11	46%	6	25%
2 - é o que tenta convencer os seus alunos a gostarem da disciplina	9	38%	6	25%
3 - é o que tenta transmitir os conhecimentos utilizando os manuais escolares	6	25%	8	33%
4 - é o que utiliza as novas tecnologias	13	54%	10	42%
5 - é o que está atento às realidades atuais do conhecimento	8	33%	9	38%
6 - é o que lança desafios	9	38%	7	29%
7 - é o que delega a responsabilidade nos alunos	5	21%	8	33%
8 - é o que respeita e motiva os seus alunos	11	46%	10	42%
9 - é o que transforma a aula num momento de aprendizagem significativa	3	13%	5	21%
10 - é o que adapta o conhecimento a transmitir aos seus alunos	3	13%	8	33%
11 - é o que simplifica o que aos olhos dos alunos parece complexo	3	13%	0	0%
12 - é o que dialoga e orienta os seus alunos	5	21%	8	33%
13 - é o que promove a autonomia e aprendizagem ativa	3	13%	3	13%
14 - é exigente e autoritário	3	13%	13	54%
15 - é justo nas avaliações esclarecendo os critérios usados	3	13%	9	38%

Tabela nº3 – Estatística das caraterísticas dos Professores Titulares de História e Geografia

Observemos, a seguir, os gráficos relativos aos resultados obtidos em cada um dos professores titulares.

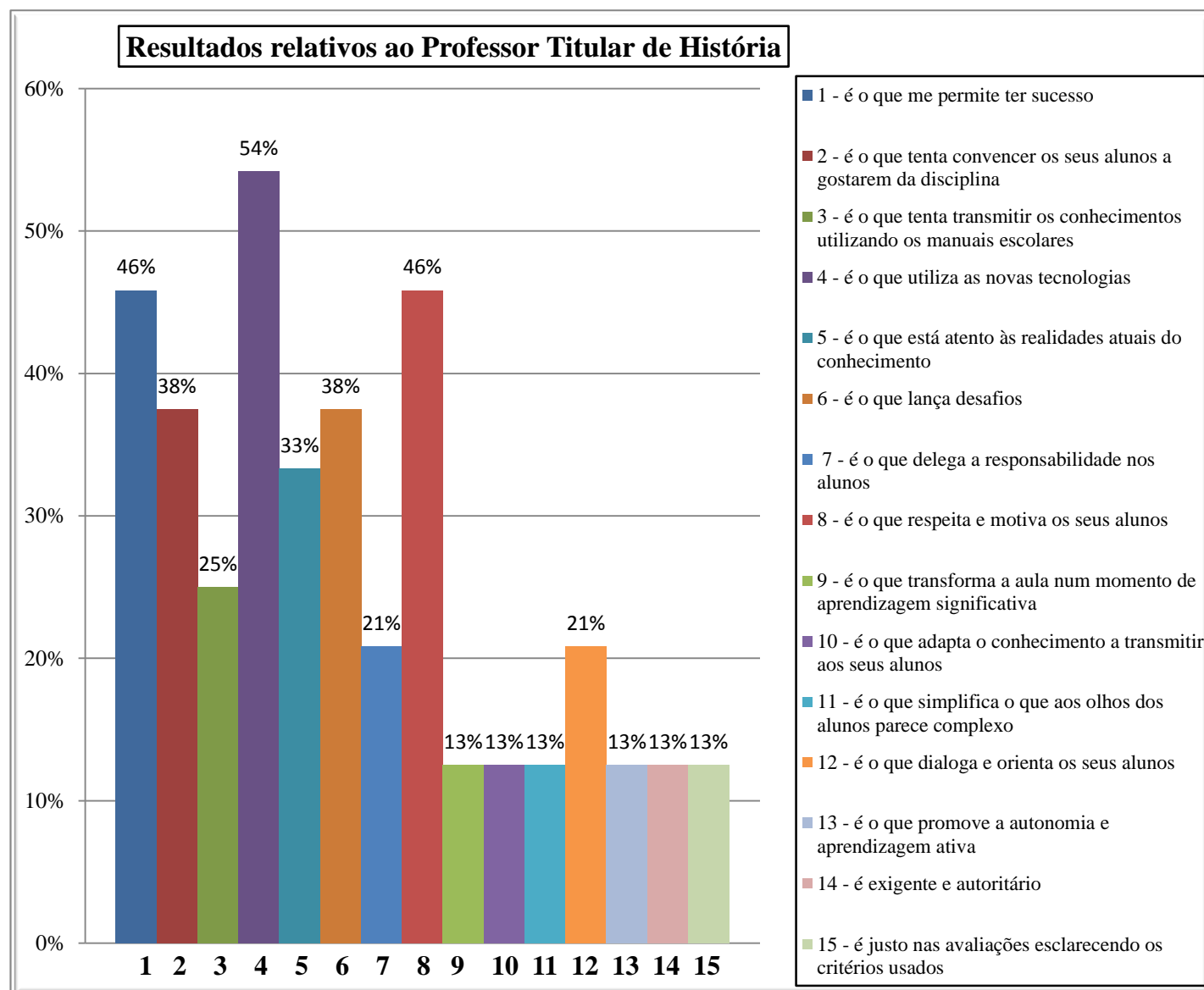


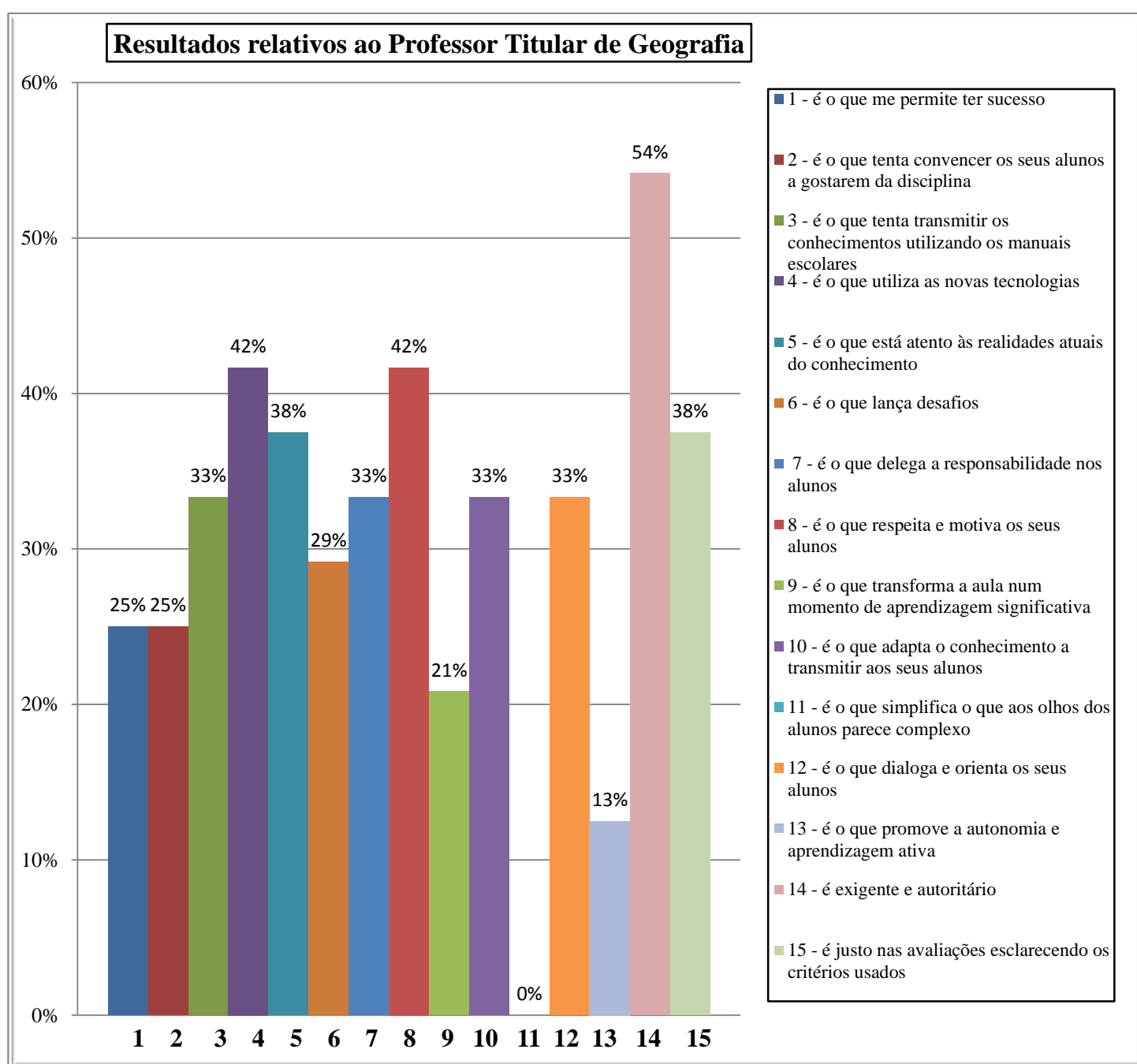
Gráfico nº37

Em primeira análise, aquilo que é possível constatar, a partir deste primeiro gráfico, parte integrante do 2º *Inquérito*, é a verificação que em relação ao Professor Titular de História, estes alunos privilegiaram a característica relacionada com o recurso às novas tecnologias, onde a percentagem atingiu os 54% e, logo de seguida, duas características que ao nível da metodologia do ensino não se enquadram, na primeira característica, isto é, o recurso às novas tecnologias poder-se-á integrar dentro do plano didático com que o Professor opta por trabalhar, enquanto, as características “...é o que

me permite ter sucesso.” e “...é o que respeita e motiva os seus alunos.”, poder-se-á inserir já, num plano pedagógico. Estas duas características atingiram, igualmente, 46%.

As restantes duas (observar gráfico) que apresentaram resultados, também significativos, estão relacionadas com o processo de ensino e de aprendizagem, ao nível, igualmente, pedagógico, a saber: “...é o que tenta convencer os seus alunos a gostarem da disciplina.” e “...é o que lança desafios.”

E, em relação ao Professor Titular de Geografia, quais serão as caraterísticas que estes alunos enfatizam? Observemos o gráfico:



Aqui, a situação, dentro do mesmo universo de alunos, é bem diferenciada, do gráfico correspondente ao Professor Titular de História.

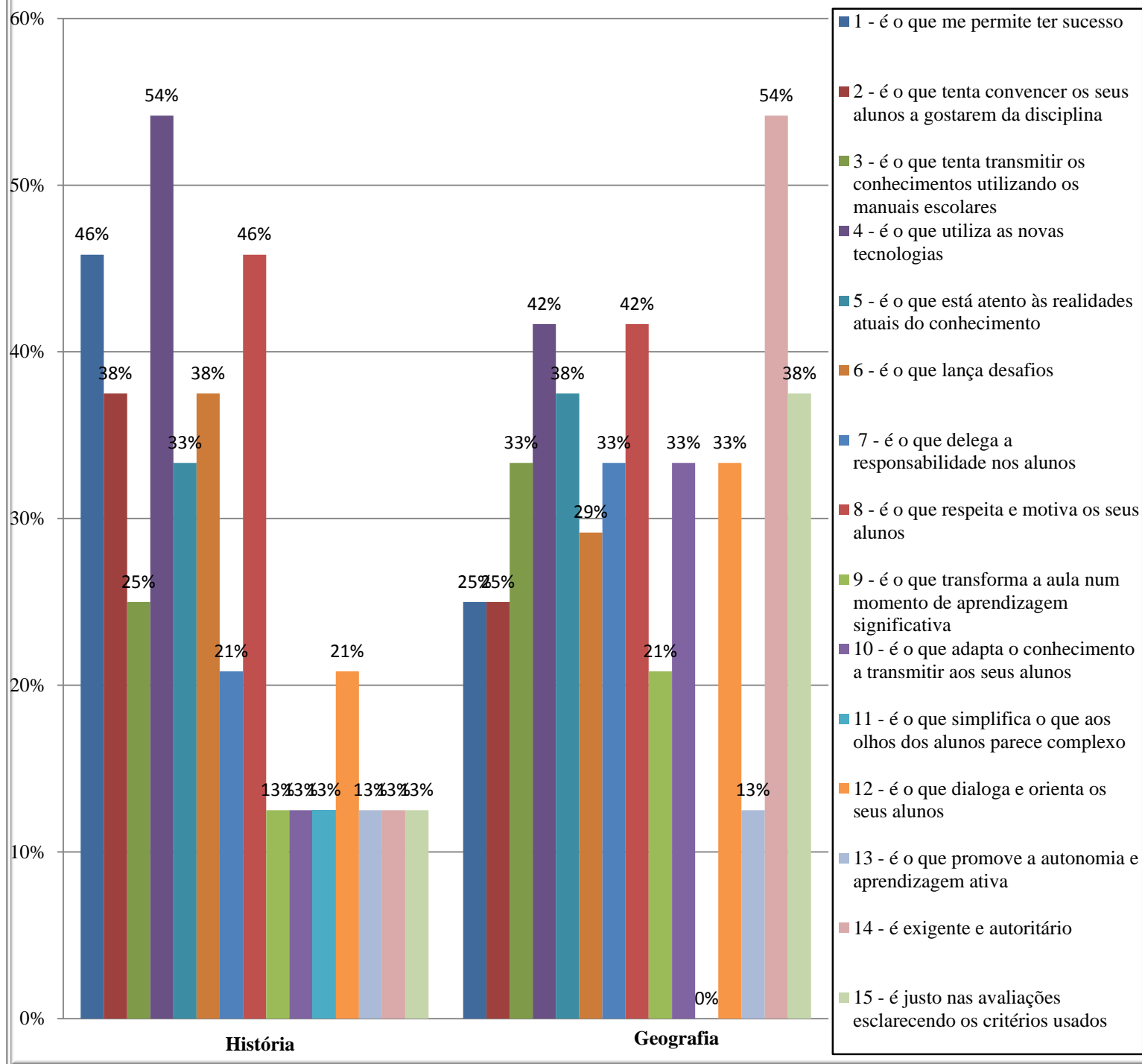
A característica que se destaca – “...é exigente e autoritário.” - está relacionada com a metodologia, ao nível pedagógico, isto é, segundo estes alunos, o Professor de Geografia assume a postura mencionada na característica em análise. É uma ilação possível, contudo, não podemos afirmar com rigor, que esta é a situação real, a percentagem ascende aos 54%.

As duas seguintes características que atingiram uma percentagem de 42%, igualmente, foram “...é o que utiliza as novas tecnologias.” e “...é o que respeita e motiva os seus alunos.” Estamos perante uma situação que integra tanto o plano pedagógico, como o plano didático. As outras duas características, mais uma vez, estão integradas, também, no cômputo de todo o processo de ensino e de aprendizagem e são elas: “...é o que está atento às realidades atuais do conhecimento.” e “...é justo nas avaliações esclarecendo os critérios utilizados.”, ambas atingiram 38%. Qual será a leitura possível - após a análise destes dois gráficos - do conjunto das duas áreas disciplinares?

Observemos o próximo gráfico.



**Resultados conjunto dos Professores Titulares de História e de Geografia**



**Gráfico nº39**

Afinal, quais foram as cinco caraterísticas que estes alunos privilegiaram, relativamente aos professores titulares de História e Geografia, para que o processo de

ensino e de aprendizagem funcione em pleno e de acordo com a representação, relativamente ao desempenho do *Bom Professor, do século XXI*?

Perante os resultados evidenciados neste último gráfico, os alunos da Turma C, de Geografia e do 8º Ano, apostam e enfatizam o Professor que, tanto implementa dinâmicas em contexto de sala de aula onde o recurso às novas tecnologias é primordial, como incidem naquela característica que vai ao encontro das dificuldades cognitivas e pessoais de cada aluno. De uma forma mais geral, poderemos afirmar que estamos perante alunos com um interesse particular em desenvolver os seus conhecimentos intelectuais, mas tendo sempre o reforço pedagógico e tutorial do Professor nesse mesmo crescimento.

E, em relação às duas turmas F e G, de História, do 9º ano, como reagiram a este segundo Inquérito? Como referimos no início, procuramos explicar com o devido cuidado, as alterações realizadas na estrutura do 2º *Inquérito*.

Comecemos por observar a Tabela, abaixo ilustrada.

<b>Caraterísticas do Professor</b>	<b>Prof. Titular História</b>	<b>Prof. Titular História</b>	<b>Prof. Titular Geografia</b>	<b>Prof. Titular Geografia</b>
<b>1 - é o que me permite ter sucesso</b>	11	21%	18	35%
<b>2 - é o que tenta convencer os seus alunos a gostarem da disciplina</b>	15	29%	19	37%
<b>3 - é o que tenta transmitir os conhecimentos utilizando os manuais escolares</b>	25	48%	20	38%
<b>4 - é o que utiliza as novas tecnologias</b>	23	44%	12	23%
<b>5 - é o que está atento às realidades atuais do conhecimento</b>	10	19%	28	54%
<b>6 - é o que lança desafios</b>	22	42%	17	33%
<b>7 - é o que delega a responsabilidade nos alunos</b>	8	15%	3	6%
<b>8 - é o que respeita e motiva os seus alunos</b>	21	40%	22	42%
<b>9 - é o que transforma a aula num momento de aprendizagem significativa</b>	12	23%	18	35%
<b>10 - é o que adapta o conhecimento a transmitir aos seus alunos</b>	12	23%	12	23%
<b>11 - é o que simplifica o que aos olhos dos alunos parece complexo</b>	11	21%	12	23%
<b>12 - é o que dialoga e orienta os seus alunos</b>	23	44%	16	31%
<b>13 - é o que promove a autonomia e aprendizagem ativa</b>	18	35%	11	21%
<b>14 - é exigente e autoritário</b>	25	48%	8	15%
<b>15 - é justo nas avaliações esclarecendo os critérios usados</b>	15	29%	19	37%

**Tabela nº4 – Estatística das características dos Professores Titulares de História e Geografia**

Como realizamos com os dados da Turma C do 8º Ano, de Geografia, de igual forma, iremos proceder com os resultados das Turmas F e G, do 9º Ano, de História.

Por isso, colocamos numa coluna à esquerda as quinze características e nas seguintes colunas, após o somatório das cinco características eleitas por cada aluno, dentro do universo destas duas turmas, conseguimos chegar aos valores expressos em percentagem, para cada Professor Titular, das duas áreas disciplinares em estudo.

Iniciemos, por analisar os resultados obtidos, para o Professor Titular de História.

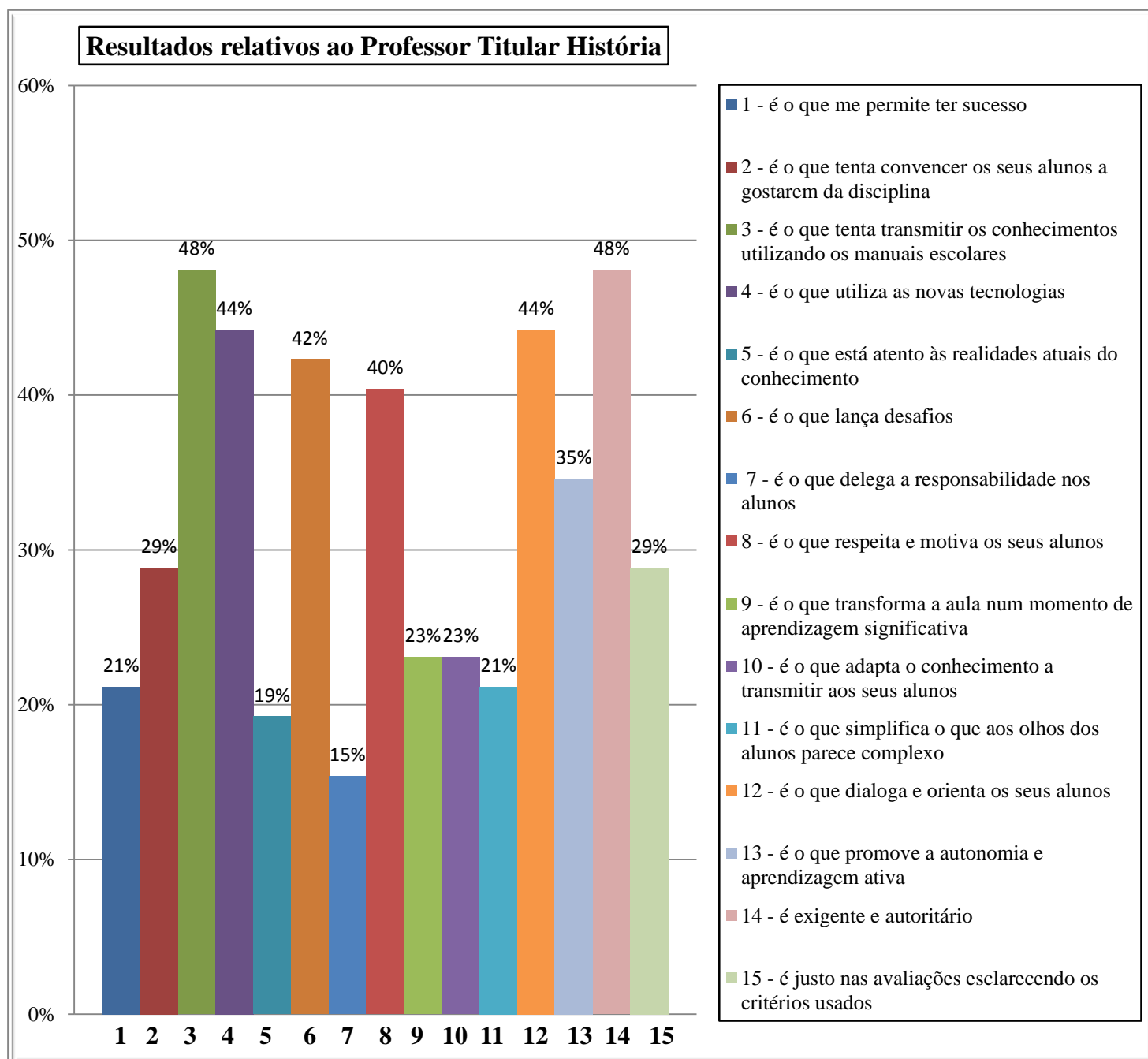


Gráfico nº40

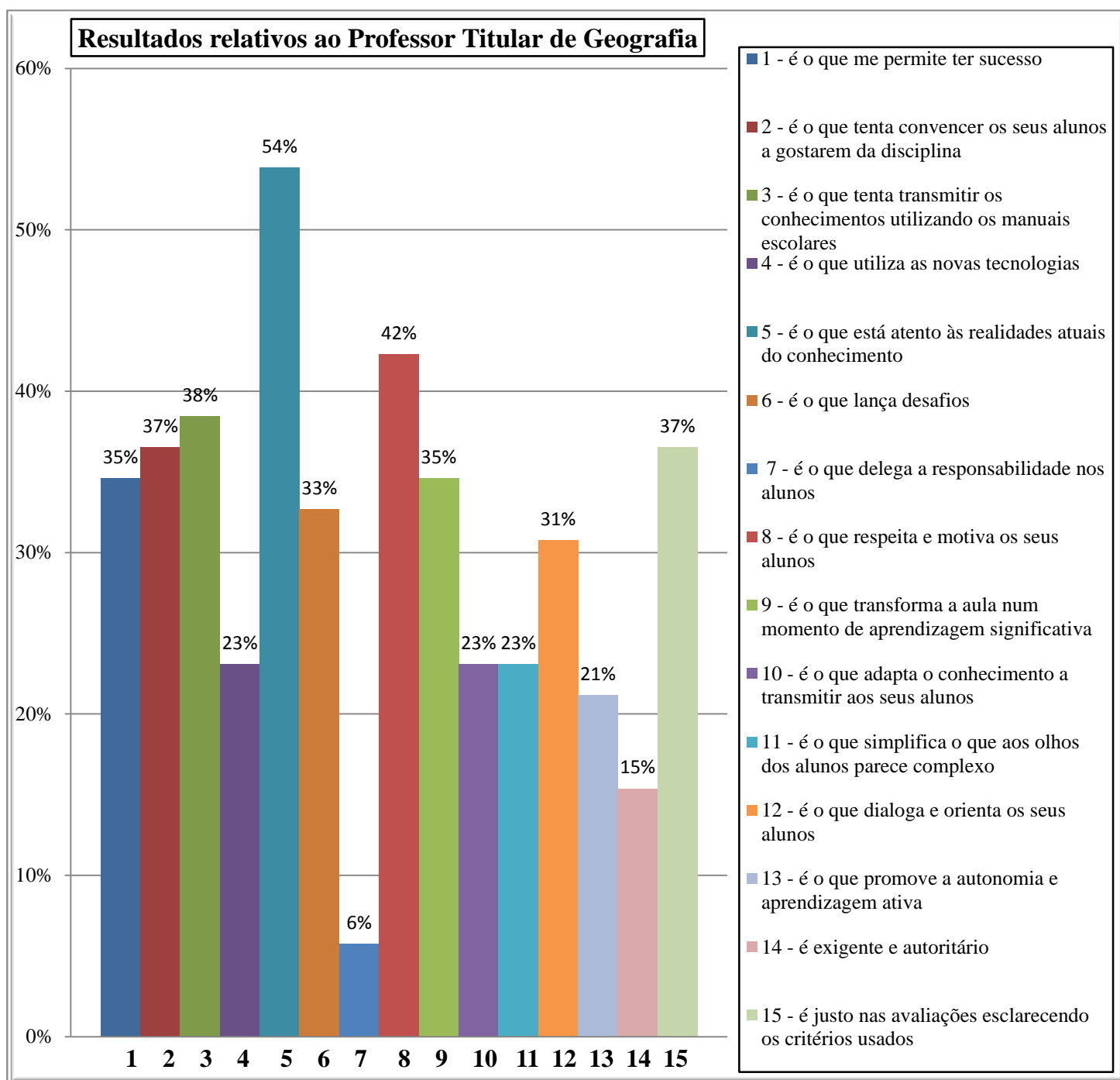
Perante as percentagens apresentadas neste primeiro gráfico, parte integrante do 2º *Inquérito*, as duas características que se destacam (observar o gráfico) indiciam que este universo de alunos, dá particular relevância ao tipo de Professor que utiliza um tipo de metodologia ainda baseada no paradigma da Escola tradicional<sup>30</sup>.

Os valores igualmente alcançados por estas duas características foi de 48%, no universo das duas turmas de História, seguindo-se também igualmente, com 44% as características, “...é o que utiliza as novas tecnologias.” e “...é o que dialoga e orienta os seus alunos.”. Todavia, estas duas últimas, já nos indiciam que estamos perante um conjunto de alunos que acreditam num processo de ensino e de aprendizagem onde o Professor assume um papel de orientador e mediador dos conteúdos estudados, como ainda procura ter em consideração o contexto escolar e familiar de cada aluno. A quinta característica que estes alunos destacaram, no Professor Titular de História foi a seguinte: “...é o que lança desafios.” O valor atingido foi de 42%.

Que caracterização poder-se-á começar a delinear, em relação às turmas F e G, do 9º Ano, da área disciplinar de História? Observemos os resultados para o Professor Titular de Geografia.

---

<sup>30</sup> A saber: O ensino tradicional baseava-se, essencialmente, na transmissão do conhecimento, através do Educador/Professor que era detentor desse mesmo conhecimento. Por tal, o papel do aluno seria o de armazenar/memorizar os conteúdos transmitidos pelo Professor e, assumindo sempre, um papel passivo, sem direito à intervenção ou ao diálogo sobre os conhecimentos, supostamente, adquiridos.



**Gráfico nº41**

Neste gráfico, a característica que se destaca é a seguinte: “...é o que está atento às realidades atuais do conhecimento.”, com uma percentagem de 54%. A característica que se encontra em segundo lugar (observar gráfico) integra-se nas teorias educacionais<sup>31</sup> que começaram a ser implementadas, nos finais do século XX, onde o

<sup>31</sup> Sigo aqui a perspetiva resultante da leitura do artigo: BATISTA, Sueli Soares dos Santos (2000). *Teoria Crítica e teorias educacionais: Uma análise do discurso sobre educação*. In “Educação & Sociedade”, ano XXI, no 182 73, Dezembro

conhecimento deixa de ser meramente transmitido pelo Educador, mas passa a ser *construído* em parceria com o próprio educando, tendo sempre em consideração o contexto da comunidade escolar, como o percurso escolar de cada aluno. Julgamos ainda ser uma prática, nestas primeiras décadas do século XXI. A percentagem atingida foi de 42%.

Estes alunos elegeram como terceira característica mais relevante, aquela onde o Professor recorre ao manual escolar para transmitir os conhecimentos. Mais uma vez, deparamos que, também, em Geografia a utilização do manual, ainda tem relevância para os alunos do Ensino Básico. O valor atingido foi de 38%. As duas últimas características que foram alvo de opção dos alunos de História, foram as seguintes: “...é o que tenta convencer os seus alunos a gostarem da disciplina.” e “...é justo nas avaliações esclarecendo os critérios usados.” A percentagem atingida foi de 37%, respetivamente.

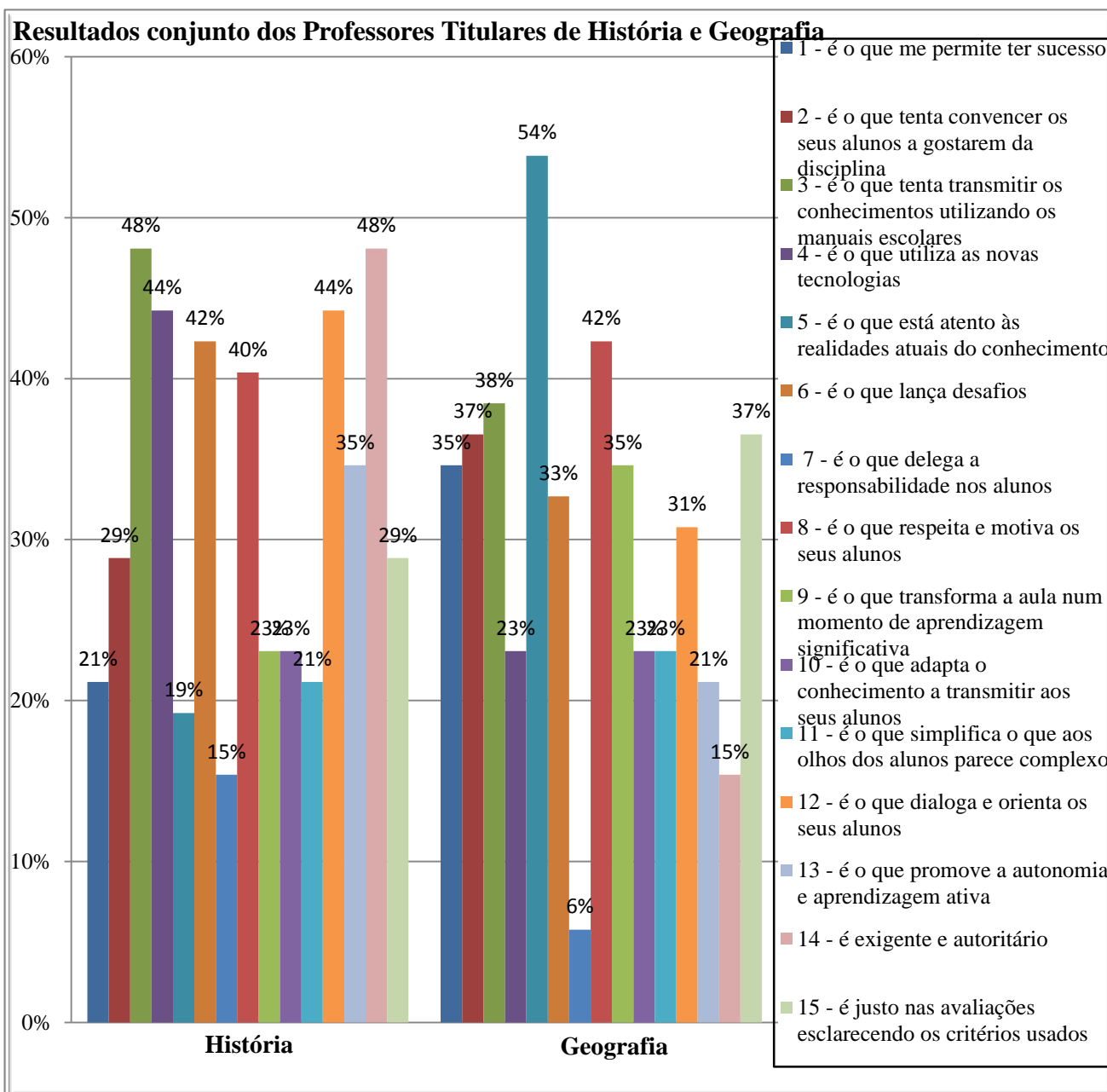


Gráfico nº42

Como realizamos com a Turma C, de Geografia, em História iremos proceder, de igual forma, ao cruzamento dos dois gráficos, relativos aos resultados obtidos no que concerne aos Professores Titulares destas duas áreas disciplinares.

Verificando os dois gráficos em conjunto chegamos à conclusão que, num universo de alunos bastante mais extenso - 52 alunos em História (dividido em duas turmas), enquanto em Geografia o conjunto são 24 alunos – as respostas obtidas poderiam ser mais diversificadas, e por isso, estarmos perante resultados diferentes.

Todavia, não é isso que se constata, pois o que é possível confirmar é que a Turma G, tem a percentagem mais elevada (54%), a qual diz respeito ao parâmetro “...é o que está atento às realidades atuais do conhecimento.”, o que já nos leva a compreender, um pouco, as representações que estes alunos de História traduzem, relativamente, aos seus próprios Professores, das áreas disciplinares em estudo.

Continuando ao confrontar os gráficos, na Turma F, encontramos duas caraterísticas que atingiram, igualmente, 48%. São elas, as seguintes: “...é o que tenta transmitir os conhecimentos através dos manuais escolares” e a outra “...é exigente e autoritário.” Estas duas caraterísticas representam, de alguma forma, o tipo de alunos que a turma acima indicada contém. Duas caraterísticas, essencialmente, inseridas dentro dos padrões de ensino, da Escola Tradicional, apesar de a segunda característica aqui eleita poder ter várias leituras. Quando dizemos que o Professor é exigente e autoritário não poderá ser interpretado como algo negativo nem como uma pedagogia “ultrapassada”. Pelo contrário, a ideia latente nesta característica era transmitir a mensagem da necessidade e do acompanhamento que, nos dias de hoje, os adolescentes e jovens precisam para crescerem e desenvolverem o sentido crítico e reflexivo, como educandos e cidadãos responsáveis.

As outras duas caraterísticas com maior relevância e mais uma vez, com igual percentagem (44%), são as seguintes: “...é o que utiliza as novas tecnologias.” e a outra “...é o que dialoga e orienta os seus alunos.”. A ilação que se pode tirar destas duas últimas caraterísticas vem contrapor as anteriores, ou seja, estas caraterísticas poder-se-á enquadrar numa vertente pedagógica mais orientada para um ensino fundamentado na Escola Nova, num paradigma construtivista.

Para finalizar a análise do 2º *Inquérito*, vejamos quais as respostas obtidas, relativamente ao Professor Estagiário, em comparação com o Professor Titular.

Para as questões abertas, relativas ao Professor Estagiário e ao Professor Titular não foi realizado qualquer tratamento estatístico, pois os resultados obtidos foram muito escassos e de índole muito pessoal e espontânea. Observemos, apenas, os dois quadros relativos a cada estatuto de Professor.

<b>Caraterísticas no Professor Estagiário</b>
É divertido e simpático
Apresentação das matérias em Powerpoint
Sem resposta
É compreensível e simpático
É divertido e explica melhor
É compreensível e motiva os alunos
Sem resposta
Sem resposta
A interação do professor com o aluno
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Recurso às tecnologias e melhor compreensão matéria
Sem resposta
Fator idade
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Lança desafios, respeita e motiva os alunos, usa as tecnologias
Sem resposta
Promove a autonomia e a aprendizagem ativa
Sem resposta

#### **Quadro nº1**

Este primeiro quadro é o resultado obtido dos alunos, da Turma C, de Geografia, do 8º Ano, e da súmula de 24 alunos, só 10 quiseram deixar uma opinião sobre o Professor Estagiário.

Não obstante esta reduzida representação que os alunos deixaram, o que podemos concluir é que, também, aqui (resposta aberta) o que prevaleceu foi a espontaneidade e a sinceridade destes alunos, e daí, o que podemos aludir, é que estes



alunos “viram” na prática do Professor Estagiário, um ensino onde a mediação e orientação do aluno, a implementação de estratégias de aprendizagem com o recurso às tecnologias, como também, o diálogo vertical e horizontal, foi o fio condutor das suas regências.

Observemos, ainda o quadro referente ao Professor Titular.

<b>Caraterísticas no Professor Titular</b>
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
A segurança
Sem resposta
O conhecimento da matéria
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Usa as tecnologias, lança desafios, respeita e motiva os alunos
Permite aos alunos ter sucesso e convence-os a gostarem da disciplina
Adaptação e simplificação do conhecimento
Sem resposta

**Quadro nº2**

O cenário deste quadro é muito redutor, ao nível de respostas dadas, contudo, a leitura possível é que, também aqui (resposta aberta), a representação dos alunos relativamente ao seu Professor Titular converge para o mesmo perfil de Professor, espelhado no Professor Estagiário.

Analisemos, agora, as respostas obtidas dos alunos das Turmas F e G, de História, do 9º Ano.

<b>Caraterísticas no Professor Estagiário</b>
Rigor, respeito e motivação pelos alunos
Motivação, interação com os alunos
Utilização das tecnologias e novo método de ensino
Exposição dos conteúdos de forma clara e objetiva
Compreensível e justo e melhor método de ensino
Sem resposta
É justo nas avaliações
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Exposição dos conteúdos de forma clara e objetiva
Exposição dos conteúdos de forma clara e objetiva
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Exposição dos conteúdos de forma clara e objetiva
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Exposição dos conteúdos de forma clara e objetiva
Aulas dinâmicas e interessantes
Exposição dos conteúdos de forma clara e objetiva
Aulas dinâmicas e interessantes
Sem resposta
Motivação, interação com os alunos
Rigor, respeito e motivação pelos alunos
Motivação, interação com os alunos
Sem resposta
Sem resposta
É justo na avaliação

Rigor, respeito e motivação pelos alunos
Rigor, respeito e motivação pelos alunos
Aulas dinâmicas e interessantes
Sem resposta
Aulas dinâmicas e interessantes
Aulas dinâmicas e interessantes
Compreensível e justo e melhor método de ensino
Compreensível e justo e melhor método de ensino
Sem resposta
Rigor, respeito e motivação pelos alunos
Melhor explicação dos conteúdos
Melhor explicação dos conteúdos
Melhor explicação dos conteúdos
Compreensível e justo e melhor método de ensino

**Quadro nº3**

Em relação às Turmas de História, as respostas obtidas, no que concerne ao Professor Estagiário, incidem, essencialmente, em duas características fundamentais, julgamos nós, para o perfil do *Bom Professor, do século XXI*, a saber: *Exposição dos conteúdos de forma clara e objetiva e Rigor, respeito e motivação pelos alunos*.

Apesar do conjunto de respostas não ser na totalidade do universo de alunos em estudo (52 alunos para 29 respostas obtidas), julgamos que estamos perante alunos que já possuem uma noção clara do que deveria ser o perfil ideal de *Bom Professor*, deste novo milénio e neste caso em concreto, sobre o Professor Estagiário. Observemos, em seguida, o quadro referente ao Professor Titular.

<b>Caraterísticas no Professor Titular</b>
Sem resposta
Sem resposta
Melhor explicação dos conteúdos
Sem resposta
Sem resposta
Melhor explicação dos conteúdos
Adaptação dos conteúdos a transmitir
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta

Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Melhor explicação dos conteúdos
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Melhor explicação dos conteúdos
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Mais expressividade
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta
Sem resposta

#### Quadro nº4

Em virtude, da escassa informação relativa a uma apreciação pessoal e espontânea que os alunos fizeram, sobre o Professor Titular (52 alunos para 6 respostas obtidas), a análise que é possível realizar remete-nos para a maturidade e a experiência

acumulada que, à partida, um Professor Titular possui e, isso, está patente nas seguintes respostas: *Melhor explicação dos conteúdos* e *Adaptação dos conteúdos a transmitir*.

### 3.2 – Algumas considerações...

Conforme mencionamos na introdução do nosso Relatório de Estágio, seria prudente e legítimo, sintetizar as considerações que foram desenvolvidas ao longo do capítulo do “Enquadramento metodológico”.

Essencialmente, o que deveremos concluir do nosso *Estudo de Caso*? Que conclusões poderão ser retiradas, relativamente ao 1º *Inquérito* e ao 2º *Inquérito*, tendo presente a estrutura de cada um, como ainda, a apreciação feita pelos alunos que foram alvo do nosso estudo?

Começemos pela segunda questão levantada, a partir das ideias que estiveram por detrás, da estrutura de cada *Inquérito*. No que concerne ao 1º *Inquérito*, o objetivo principal foi compreender a representação que os alunos tinham sobre o perfil do *Bom Professor do século XXI*. Para isso, concebemos uma Tabela com um conjunto de quinze características que identificariam o *Bom Professor*, no âmbito geral.

Consequentemente, no que se refere ao 2º *Inquérito*, a sua estrutura foi concebida tendo como finalidade compreender as ideias que as turmas em estudo tinham sobre os seus Professores Titulares, a partir do conjunto das quinze características que estiveram presentes no 1º *Inquérito*, como também, procuramos perceber como estes alunos reagiram às regências realizadas pelo Professor Estagiário. Para tal, inserimos duas questões abertas, dando assim a possibilidade ao aluno de caracterizar o Professor Estagiário e o Professor Titular, destacando alguma característica em particular, em cada um destes.

Da análise realizada aos dois *Inquéritos*, o balanço que foi possível fazer, indicia-nos resultados bastante claros e objetivos sobre, afinal, como este universo de alunos (três turmas do Ensino Básico, uma de Geografia e duas de História, do 8º e 9º Anos, respectivamente), representa o perfil ideal do *Bom Professor do século XXI*.

Evidencia-se a existência de gerações futuras que irão privilegiar o Professor que constrói aulas, fundamentadas e estruturadas em conteúdos atualizados, dentro dos programas curriculares da disciplina em causa; o Professor que orienta e medeia os seus pupilos, em situações de dificuldade; o Professor que procura utilizar os recursos tecnológicos colocados ao seu dispor, mas também o Professor que sabe otimizar ao máximo, o manual escolar.

Estas considerações tecidas relativamente aos dois inquéritos, conduzem-nos, ainda, a constatar que não foi encontrada uma grande disparidade entre as características apontadas no *1º Inquérito* e no *2º Inquérito*, no que concerne ao perfil do *Bom Professor do século XXI*, em geral e as características apontadas, no que se refere ao *Professor Titular*.

Em termos de diferenciação de resultados das duas áreas disciplinares, não existe alguma característica que se possa diferenciar de forma significativa - apesar das oscilações apresentadas nos gráficos realizados - talvez por estarmos perante um universo de alunos onde o nível de escolaridade não é tão distanciado.

Por isso, a confluência dos resultados obtidos é para uma metodologia de ensino baseada na construção do *saber-saber* e do *saber-ser*, em constante mediação do Professor/Educador, em detrimento do paradigma industrial, que defende a *competência*, como excelência, para o nosso produto de investigação.

Sintetizando as considerações alusivas ao nosso *Estudo de Caso*, pensamos que os dados recolhidos dão-nos a legitimidade para delinear algumas considerações sobre a tão apregoada Sociedade da Informação, que tem sido a pedra basilar, nos atuais paradigmas da Educação.

Estas considerações serão explanadas na conclusão, do nosso Relatório de Estágio.

## CONCLUSÃO

A “viagem” está a chegar ao fim! Um fim relativo, diríamos mais um princípio.

O princípio de uma nova etapa da vida, pessoal e profissional.

Muitas coisas nos esperam: adversidades, angústias, indecisões, um infindável número de questões a resolver. Mas a vida é feita destas coisas! Não nos resignamos à letargia, à falta de proatividade a que assistimos, num mundo onde tudo e todos, têm apenas um objetivo: o poder e a ambição.

Mas, esta “viagem” foi também o cumprimento de algo que objetivávamos, desde que iniciamos o nosso percurso pelo mundo da Educação. E, com a realização da *Iniciação à Prática Profissional*, na Escola Secundária Inês de Castro, integrada na freguesia do Canidelo, localizada no concelho de Vila Nova de Gaia, julgamos ter cumprido o nosso desejo.

Um desejo que se efetivou através de um trabalho de investigação que teve como tema central, o seguinte título: *Que expectativas para o Professor do século XXI?*

Assim, pusemos “mãos à obra” e começamos por selecionar alguns especialistas e teóricos, no âmbito da Educação, no sentido de fundamentar a opção feita para a questão de partida, do nosso trabalho de investigação.

A escolha recaiu em vários autores<sup>32</sup>, os quais dão um enfoque muito particular nas questões que norteiam a problemática relativa ao papel do Professor, nos dias de hoje, como também, na sua evolução de acordo com os diversos paradigmas educativos com que nos temos vindo a confrontar, ao longo do século XX e nestas primeiras décadas do novo milénio.

Todos eles (autores) com seu cunho pessoal e profissional, no que concerne a este tema em especial, todavia, no final do enquadramento teórico, optamos por deixar

---

<sup>32</sup> Em particular: António Nóvoa, Philippe Perrenoud, Jorge Rio Cardoso, Miguel Santos Guerra e Roberto Carneiro

uma perspectiva mais abrangente a partir de um estudo prospetivo sobre a Educação em Portugal, que teve a coordenação e a orientação do Professor Roberto Carneiro.

Com o trabalho metodológico e a implementação de dois inquéritos ao universo de alunos inseridos na Escola onde realizamos o nosso Estágio, a ansiedade e a angústia por um lado e o entusiasmo e o regozijo de ver a nossa questão de partida respondida, por outro, era a nossa meta final para o nosso Relatório de Estágio.

Mas, depois desta “viagem” tão cheia de altos e baixos, o resultado que foi possível concluir, é que a visão dada por estes autores e especialistas da matéria, coincide com as respostas obtidas por este conjunto de alunos, com que vivenciamos momentos fantásticos e tão enriquecedores.

Sem alguma presunção, pois somos apenas alguém que gostaria um dia de exercer a profissão de docente, com toda a sua *pessoalidade* e com toda a sua *profissionalidade*, esta curtíssima experiência, em contexto escolar, ditou-nos que, por vezes, a teoria nem sempre se ajusta na prática do quotidiano de uma comunidade escolar.

E, por assumirmos o estatuto de principiantes nestas andanças, este desafio teve percalços, ao longo do seu desenvolvimento, Mas, a vontade de concluir este desejo já antigo, deu-nos toda a energia necessária para chegarmos ao fim!

Iniciamos este trabalho de investigação com uma pequena frase que julgamos ser o Alfa da Educação. Terminamos com uma outra que julgamos ser o Ómega, da autoria de John Dewey (1933): "A Educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria Vida."



## Bibliografia

- ABREU, Manuel Viegas (1987) *O perfil do professor no horizonte da reforma do sistema educativo*. In MARTINHO, António Manuel Matoso, *A História da Educação na formação de professores*. MÁTHESIS 9 2000 279-296. Disponível em [http://www4.crb.ucp.pt/biblioteca/mathesis/mat9/mathesis9\\_279.pdf](http://www4.crb.ucp.pt/biblioteca/mathesis/mat9/mathesis9_279.pdf)

[Consultado em Junho de 2014]

- AIRES, Luísa. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta. 1ª Edição

- ALMEIDA, Leandro S.; Silva, Bento D. & Caires, Susana (orgs.) (2010). Actas do I Seminário Internacional “Contributos da Psicologia em Contextos Educativos”. Braga: CIEd - Universidade do Minho pp. 747-759 (ISBN: 978-972-8746-87-2). Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14681/1/TIC%20e%20processos%20de%20auto-regula%C3%A7%C3%A3o%20da%20aprendizagem.pdf> [Consultado em Junho de 2014]

- ALVES, Rubem (1996). *A Alegria de Ensinar*. In Miguel Santos Guerra (2006). *Arqueologia dos sentimentos: Estratégias para uma educação de afetos*. Porto: Edições Asa

- BACHELARD, G. (2000). *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70

- BACHELARD, G. (2001). *Espírito científico. O novo espírito científico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

- BATISTA, Sueli Soares dos Santos (2000). *Teoria Crítica e teorias educacionais: Uma análise do discurso sobre educação*. In “Educação & Sociedade”, ano XXI, nr.182 73, Dezembro

- CARDOSO, Prof. Jorge Rio. (2013). *O professor do futuro*. Prefácio Prof. Roberto Carneiro. Col. Clube do Livro SIC, 26. Guerra e Paz Editores, Lisboa.

- CARNEIRO, Roberto (2ª ed.) (2003). *Fundamentos da educação e da aprendizagem: 21 Ensaio para o século 21*. Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão.

- CASTELLS, Manuel (2001). *The internet galaxy*. Oxford. Oxford University Press. In NÓVOA, António (2009). *Professores: Imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa. Universidade de Lisboa, Instituto de Educação.

- CARNEIRO, Roberto. (2001). Vol. I – *Questões de Método e Linhas Gerais. 2020: 20 anos para vencer, 20 décadas de atraso educativo*. Pp.1-77, In. *O Futuro da Educação em Portugal - Tendências e Oportunidade: Um estudo de reflexão prospetiva*. (Dir. e Coord.) Roberto Carneiro, Coord. Adjuntos: João Caraça e M. Emília São Pedro. Lisboa: Ministério da Educação; União Europeia; PRODEP; DAPP
- CIMEIRA DE LISBOA. CONSELHO EUROPEU DE LISBOA. 23 e 24 de Março de 2000. *Conclusões da Presidência: 1º Emprego, Reforma Económica e Coesão Social*. Disponível em <http://www.cnel.gov.pt/document/1137071987W5xLJ2ui2Oo82MT9.pdf> [Consultado em Julho de 2014]
- COLÁS, P. (1998): *El análisis cualitativo de datos*. In L. Buendia, P. Colás, F. Hernández, *Métodos de investigación en Psicopedagogia*. Madrid: Mc-Graw-Hill, pp.225-249.
- COMBS, A. (1979) *Claves para la formación del profesorado*, Madrid, Magistério Español. In. Maria Borges Medeiros, (1970) *O Papel e a formação dos professores*, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica.
- CONSELHO EUROPEU DE LISBOA - 23 E 24 DE MARÇO, 2000. CONCLUSÕES DA PRESIDÊNCIA p.8. Disponível em <http://www.cnel.gov.pt/document/1137071987W5xLJ2ui2Oo82MT9.pdf> [Consultado em Julho de 2014]
- DELORS, Jacques (coord.) (1996). *Educação: um Tesouro a Descobrir*. Porto: ed. ASA
- DEWEY, John (1933). *How We Think*. Boston: D.C.HEATH & CO. Publishers
- FACHIN, Odília. *Fundamentos de metodologia*. São Paulo: Saraiva. 2001.
- FERNANDES, D. (1991). *Notas sobre os paradigmas de investigação em Educação*, Noesis, (18), 64-66. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi2/fernandes.pdf> [Consultado em Julho de 2014]
- FERRY, Gilles (1975) *Inovação pedagógica e formação de professores*, Lisboa, Instituto Gulbenkian de Ciência - Centro de Investigação Pedagógica.
- FONSECA, Dirce Mendes da (2008). *A pedagogia científica de Bachelard: uma reflexão a favor da qualidade da prática e da pesquisa docente*. In Educação e Pesquisa. Vol. 34 nº 2, São Paulo, Maio/Agosto. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022008000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022008000200010) [Consultado em Julho de 2014]
- GENTILE, P. (2000) *Fala Mestre! Philippe Perrenoud - A arte de construir competências*. Nova Escola. São Paulo, n. 135, p. 14-20, Set. 2000.

- GOLEMAN, D. (1995) *Emotional intelligence*. New York: Bantam Books.
- GOMÉZ, Gregorio Rodriguez (et al.) (1996). *Metodologia de la Investigación cualitativa*. Granada: Ediciones Aljibe.
- GUBA, E.G. (1990). *The alternative paradigm dialogue*. In E.G.Guba (Ed.), *The paradigm dialog*. Newbury Park, CA: Sage, pp.17-30.
- GUERRA, Miguel Santos (2006). *Arqueologia dos sentimentos. Estratégias para uma educação dos afetos*. Trad. José Carlos Eufrásio. 1ª ed. Porto: Edições Asa.
- HOBBSBAWM, E. (with Polito, A.). (2000) *On the Edge of the New Century*. New York: ed. The New Press.
- LIEBERMAN, Ann (1999). *Real-life interview: An interview with Ann Lieberman*. Journal of Staff Development, 20 (4)
- MATOS, José Artur (2005). *O Papel do Professor na Atualidade*. Disponível em [http://www.josearturmatos.eu/textos-docs/papel\\_professor.pdf](http://www.josearturmatos.eu/textos-docs/papel_professor.pdf) [Consultado em: Julho de 2014]
- MENDES, Maria da Conceição Madureira (2011). *O Perfil do Professor do Século XXI. Desafios e Competências: As competências Profissionais dos Professores Titulares e Professores na Região de Basto*. Universidade de Granada. Faculdade de Ciências da Educação. Departamento de Didática e Organização Escolar. Tese de Doutoramento.
- NÓVOA, A. (1995). *O passado e o presente dos professores*. In António Nóvoa et al., *Profissão Professor*. Porto, Porto Editora, 13-34.
- NÓVOA, António (2009). *Professores: Imagens do futuro presente*, Lisboa: Educa. Universidade de Lisboa, Instituto de Educação.
- OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. (1997) *Tratado de metodologia científica*. São Paulo: Pioneira.
- PERRENOUD, P. (2000). *Dez novas competências para ensinar*. trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- RIBEIRO, Ilda da Purificação Freire. (2010). *Prática Pedagógica e Cidadania: Uma Interpretação Crítica Baseada na Ideia de Competência na Ideia de Competência*. Dissertação de Doutoramento no Ramo de Estudos da Criança - Área do conhecimento em Formação de Professores. Universidade do Minho. Instituto de Educação.
- STAKE, Robert E. *The case study method in social inquiry*. In DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *The American tradition in qualitative research*. Vol. II. Thousand Oaks, California: Sage Publications. (2001). In CESAR, Ana Maria Roux Valentini Coelho. *Método do Estudo de Caso (Case Studies) ou Método do Caso*

*(Teaching Cases)? Uma análise dos dois métodos no Ensino e Pesquisa em Administração.* Disponível em <http://www.pdf4free.com> [Consultado em Julho de 2014]

- UNESCO - OIE, Conference Internacional d'Éducation (35º) *Recomendación nº 69, pontos 32 e 33, Recomendacion Final*, ED/MD/38, Paris, 1975.

- YIN, Robert K. (1994). *Case Study Research: Design and Methods* (2nd Ed.) Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

- YIN, Robert K. (2001). *Estudo de caso – planejamento e métodos.* (2ªEd.). Porto Alegre: Bookman.

## **ANEXOS**

## Anexo I

### 1º Inquérito



### INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Este inquérito preparatório é realizado no âmbito do Relatório Final do Mestrado em Ensino de História e Geografia do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e tem como objetivo compreender as representações dos alunos sobre - *o que esperam de qualquer professor, no século XXI*.

O inquérito é anónimo, pelo que toda a informação fornecida é confidencial.

#### 1. IDENTIFICAÇÃO

**1.1 - Sexo:** Assinale com um (x) a opção correspondente

Masculino: ☐ Feminino: ☐

**1.2 - Idade:** \_\_\_\_\_

**1.3 – Ano que frequenta:**

8º Ano: ☐ 9º Ano: ☐

**1.4 – Disciplina em que preencheu este inquérito:**

História: ☐ Geografia: ☐

**2.HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DOS PAIS** (Assinale com uma cruz no espaço respectivo)

		Pai	Mãe
1	Ensino Primário (4.º Ano de escolaridade)		
2	2.º Ciclo (6.º Ano de escolaridade)		
3	3.º Ciclo (9.º Ano de escolaridade)		
4	Ensino secundário (10.º / 12.º Ano de escolaridade)		
5	Curso Superior/ Licenciatura		
6	Outra. Qual?		

**3. EXPECTATIVAS SOBRE OS PROFESSORES** (das frases que se seguem assinala o teu nível de concordância com elas)

<i>Um bom professor...</i>						
	<b>Concordo Totalmente</b>	<b>Concordo</b>	<b>Indiferente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Discordo Totalmente</b>	<b>Não Sei</b>
<b>1</b> - ...é o que me permite ter sucesso						
<b>2</b> - ...é o que tenta convencer os seus alunos a gostarem da disciplina						
<b>3</b> - ...é o que tenta transmitir os conhecimentos utilizando os manuais Escolares						
<b>4</b> -...é o que usa as novas tecnologias						
<b>5</b> -...é o que está atento às realidades atuais do conhecimento						
<b>6</b> -...é o que lança desafios						
<b>7</b> -...é o que delega a responsabilidade nos alunos						
<b>8</b> -...é o que respeita e motiva os seus alunos						
<b>9</b> -...é o que transforma a aula, num momento de aprendizagem significativa						
<b>10</b> -...é o que adapta o conhecimento a transmitir aos seus alunos						
<b>11</b> -...é o que simplifica o que aos <i>olhos</i> dos alunos parece complexo						
<b>12</b> -...é o que dialoga e orienta os seus alunos						
<b>13</b> -...é o que promove a autonomia e a aprendizagem ativa						
<b>14</b> -... é exigente e autoritário						
<b>15</b> -...é justo nas avaliações esclarecendo os critérios usados						

Consideras que o professor (a) deve ter outras características? Quais?

---

---

Obrigado pela tua disponibilidade!



## INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Este inquérito final tem como objetivo verificar e consolidar a amostra realizada, no primeiro inquérito, e será parte integrante do Relatório de Estágio, do Mestrado em Ensino de História e Geografia do 3º Ciclo Básico e do Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o qual terá como tema central “*Compreender as representações dos alunos sobre o que esperam de qualquer Professor, no século XXI*”.

O inquérito é anónimo, pelo que toda a informação fornecida é confidencial.

### 1. IDENTIFICAÇÃO

**1.2 - Sexo:** Assinale com um (x) a opção correspondente

Masculino: ☐ Feminino: ☐

**1.2 - Idade:** \_\_\_\_\_

**1.3 – Ano que frequenta:**

8º Ano: ☐ 9º Ano: ☐

**1.4 – Disciplina em que preencheu este inquérito:**

História: ☐ Geografia: ☐

**2.HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DOS PAIS** (Assinale com uma cruz no espaço respetivo)

		Pai	Mãe
1	Ensino Primário (4.º Ano de escolaridade)		
2	2.º Ciclo (6.º Ano de escolaridade)		
3	3.º Ciclo (9.º Ano de escolaridade)		
4	Ensino secundário (10.º / 12.º Ano de escolaridade)		
5	Curso Superior/ Licenciatura		
6	Outra. Qual?		

**3. EXPECTATIVAS SOBRE OS PROFESSORES** (das frases que se seguem assinala o teu nível de concordância com elas)

<i>Um bom professor...</i>						
	<b>Concordo Totalmente</b>	<b>Concordo</b>	<b>Indiferente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Discordo Totalmente</b>	<b>Não Sei</b>
<b>1</b> - ...é o que me permite ter sucesso						
<b>2</b> - ...é o que tenta convencer os seus alunos a gostarem da disciplina						
<b>3</b> - ...é o que tenta transmitir os conhecimentos utilizando os manuais Escolares						
<b>4</b> - ...é o que usa as novas tecnologias						
<b>5</b> - ...é o que está atento às realidades atuais do conhecimento						
<b>6</b> - ...é o que lança desafios						
<b>7</b> - ...é o que delega a responsabilidade nos alunos						
<b>8</b> - ...é o que respeita e motiva os seus alunos						
<b>9</b> - ...é o que transforma a aula, num momento de aprendizagem significativa						
<b>10</b> - ...é o que adapta o conhecimento a transmitir aos seus alunos						
<b>11</b> - ...é o que simplifica o que aos <i>olhos</i> dos alunos parece complexo						
<b>12</b> - ...é o que dialoga e orienta os seus alunos						
<b>13</b> - ...é o que promove a autonomia e a aprendizagem ativa						
<b>14</b> - ...é exigente e autoritário						
<b>15</b> - ...é justo nas avaliações esclarecendo os critérios usados						

4. Das quinze características que lhe foram apresentadas, indique **cinco** que destaque, nos **professores de História e Geografia**, do ano letivo em curso.

**4.1. Professor de História:**

- 1) \_\_\_\_\_
- 2) \_\_\_\_\_
- 3) \_\_\_\_\_
- 4) \_\_\_\_\_
- 5) \_\_\_\_\_

**4.2. Professor de Geografia:**

- 1) \_\_\_\_\_
- 2) \_\_\_\_\_
- 3) \_\_\_\_\_
- 4) \_\_\_\_\_
- 5) \_\_\_\_\_
- 6) \_\_\_\_\_

5. Conseguiu destacar algumas características, nos professores estagiários, que não encontrou no professor titular da disciplina?

- Sim \_\_\_\_\_
- Não \_\_\_\_\_

6. Se, sim, quais?

---

---

---

7. Conseguiu destacar algumas características, no professor titular, que não encontrou no professor estagiário da disciplina?

- Sim \_\_\_\_\_
- Não \_\_\_\_\_

8. Se, sim, quais?

---

---

---

Obrigado pela sua disponibilidade!